EDUARDO PEREZ

THEATRO

LISBOA
LIVRARIA FERIN
1925

EDUARDO PEREZ

THEATRO

LISBOA
LIVRARIA FERIN
1925

RELAÇÃO

Uma tragedia...
horripilante!

Composto e impresso na Tip.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

EDUARDO PEREZ

THEATRO DE MARIONETTES

I

UMA TRAGEDIA... HORRIPILANTE!

LISBOA

TIP. DA LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74

1917

A

Gualdino Gomes

Les petites marionettes
font, font, font
trois petits tours
et puis s'en vont.

(Chanson de nourrice.)

FIGURAS

Que fallam :

O Pae.
A filha.
O fiscal.
O porteiro.
O contra-regra.
Um sujeito grave.
Uma senhora num camarote.
Varios espectadores.

Que não fallam :

A senhora.
O esposo.
O outro.
A creada.
O apaixonado da creada.
O gatuno.

Seculo XX

NA SALA

Pela coxia veem descendo, envoltas em capas surradas, duas figuras vagabundas: — um homem de barbas grisalhas, e largo chapeu molle, e uma rapariguinha rosada e fresca, de cabello revôlto.

O homem arrima-se a um varapau e sobraça, occulto pelo manto, um volume pesado.

A pequena traz uma varinha de condão.

Páram.

Olham a assistencia.

ELLE

Guarda, guarda, figliuola mia! Che bella sala! Che belle donne!

ELLA

Véro, papá!

ELLE

Che bella rapprezentazione si potrebbe fare qui!

ELLA

Qui, papá?! Ma... questo è un teátro fino, grandioso... Questo non è per noi!

ELLE

Te crede, figliuola mia?!

ELLA

Certamente.

ELLE

Domanda, domanda tuttavia!

ELLA

Ma... a chi vado domandare?!

O FISCAL, *para o porteiro:*

Bom serviço, sim senhor! Então vossemecê deixa entrar estas duas creaturas assim... sem mais nada?!

O PORTEIRO

Julguei que eram artistas.

O FISCAL

De cavallinho, naturalmente. *(Para os vagabundos).* Olá! ó vossemecês os dois! Sim... os dois... O que é que querem?

ELLE

Figliuola mia, guarda che noi chiamano!

ELLA

Scusatemi, signor impresario...

ELLE

Parla l'idioma di lui!

ELLA

Noi siamo papá e filha. *Laboramos* com polichinellos, sabe? *Presenta la cassetta, papá!*

ELLE, *afastando o manto:*

Eccola!

ELLA

E se o senhor emprezario quizesse...

O FISCAL

O senhor emprezario não está cá! Rua! Rua!

O CONTRA-REGRA, *no palco:*

Que barulho é esse, ó seu Nicolau?!

O FISCAL

São estes dois artistas de barraca de feira que entraram por ahi dentro, sem dar cavaco a ninguem, e dizem que querem representar.

O CONTRA-REGRA, *assestando os oculos:*

Essa é boa?! Representar o quê?!

Entretanto os dois artistas entabolaram conversa com um sujeito grave, de sobrecasaca preta e chapeu fino, sentado numa cadeira de orchestra.

O SUJEITO GRAVE, *levantando-se:*

O senhor contra-regra dá-me licença para duas palavrinhas?

O CONTRA-REGRA

Com muito gosto.

O SUJEITO GRAVE, *de chapeu na mão:*

Estimavel publico! Ainda que mal pareça metter-me em assumpto que, positivamente, não me diz respeito, fallo por que me sinto compenetrado de que nos encontramos na presença de duas creaturas para as quaes a fortuna tem sido assaz parcimoniosa nos seus bafejos. *(Tosse e limpa os beiços).*

UMA VOZ, *baixinho:*

Deve ser deputado.

OUTRA VOZ, *na mesma:*

E' doutor.

O SUJEITO GRAVE

Estimavel publico! Pelo que, de relance, pude comprehender, estas duas entidades trabalham com fantoches. Veem de longe, da Italia, a terra das Madonas, atravessaram a Hespanha e cahiram entre nós. Percebem

que os mandam embora. E os pobresinhos sentem-se contristados! Teem, como aliás todos nós temos, a necessidade biblica, imperiosa, de ganhar o pão para a bocca. E que pedem elles, afinal? Coisa insignificante! Que os deixem trabalhar. Mas a disciplina que rege os theatros é inexoravel. Não estão contractados? Não têm direito ao trabalho! Só a interferencia do respeitavel publico perante a empreza ali condignamente representada *(aponta o contra-regra)* é que pode salval-os. Faça o publico benevolo esse gesto sublime, esse magnanimo gesto antigo, qual se fazia nas antepassadas arenas romanas, e tambem gregas, e o caso fica liquidado. Permitta-se-lhes que nos apresentem as suas habilidades. Agradaram... está na vontade de V. Ex.as favorecel-os... Não agradaram... vão-se por onde vieram... Tenho dito! *(Senta-se e põe o chapeo na cabeça).*

UMA SENHORA NUM CAMAROTE

Há pessoas com muito bom coração!

A OUTRA VOZ

E' senador. Eu conheço.

VARIOS ESPECTADORES

Trabalhem! Trabalhem!

O CONTRA-REGRA

Bem. Deixem cá vêr a caixa.

O PAE, *abraçando o sujeito grave:*

Grazia, Eccellenza! (Para o publico). *Grazie tante!*

A FILHA

Monta, papá!

Sóbem para o palco auxiliados pelo fiscal e pelo contra-regra.

NO PALCO

O pae, depois de entregar á pequena a caixa e o varapau, sahe com o contra-regra.

A filha colloca a caixa dos bonecos e o pau de arrimo sobre a caixa do ponto, cumprimenta e diz:

— Esta é a caixa. E aqui dentro estão os fantoches.

Apresenta-os.

São fantoches articulados.

A' medida que os apresenta torna a mettel-os na caixa.

A FILHA

La signora.
O esposo.
E o outro.
A creada.
O apaixonado da creada. *(Policia.)*
E o gatuno.

Agora os accessorios:

O pau da vassoira. *(O varapau)*.
A espada do policia.
A lanterna do gatuno. *(Furta-fogo)*.
A pistola, tambem do policia.
E a campainha da porta. *(De badalo)*.

Minhas senhoras! *Questa opera* é horripilante! Há tiros... trovões... relampagos... chuva a potes... cães a uivar... muito vento... muito frio... muito sangue... nada frio... E... (para que V. Ex.as não sáiam profundamente perturbadas) uma extranha harmonia final executada pelos maestros.

Scusatemi. Um momento.

Sahe, levando a caixa e o varapau.

SÓBE O PANNO

Uma enorme caixa, a meio do palco, tendo no tampo que fica para os espectadores o seguinte lettreiro:

Uma fita de cinema.

De cada quina da parte superior do tampo sóbe um cabo que se perde no urdimento.

Entra a *filha*. Trajo napolitano.

A FILHA

(para o publico)

Minhas senhoras, meus senhores...

(para cima)

Papá!

A VOZ DO PAE

Figliuola mia?

A FILHA

Monta il calabre!

Esticam-se os cabos. Sóbe o tampo de corrediça.

SCENA

Interior burguez. Duas janellas ao fundo, duas portas á direita, duas portas á esquerda. Entre as janellas um leito de cortinados. Mobilia de quarto de cama, quarto de *toilette* e *boudoir*.

A VOZ DO PAE

Sta bene?

A FILHA

Benissimo!

A VOZ DO PAE

Andiamo colla grazia di Dio.

A FILHA, *áparte:*

E della tua figliuola.

Depois, apontando com a varinha, explica ao publico:

Questa è la scena. Quarto de cama, quarto de *toilette* e *boudoir*, tudo reunido

no mesmo compartimento por que nos encontramos numa praia elegante onde os *chalets* são pequeninos...
... mas muito caros.

Tocam á campainha.

Abre-se a porta da esquerda baixa. Apparece a creada. Caminha para a porta da direita alta e sahe.

A FILHA

Passa a creada que vae vêr quem é.

Abre-se a porta da direita alta. Entra a creada com um papel nos dedos. Pára. Volta-se para a porta da esquerda alta e sahe.

A FILHA

(depois d'ella sahir)

Leva um telegramma para o senhor seu amo que está com a senhora na casa de jantar...
... jantando.

Abre-se a porta da esquerda alta.

A FILHA

Entra a senhora. Depois o esposo.

A senhora, com o lenço nos olhos, deixa-se cahir na «*chaise-longue*».

Elle, com o telegramma nos dedos, encosta-se ao guarda-vestidos.

A FILHA

Está nas palavras do telegramma a causa d'aquellas attitudes.

«Sua tia, desenganada, quer dictar extremas vontades. Venha depressa.»

Assignado: Prior Coutinho.

Trata-se de uma senhora muito edosa e muito rica e que mora, na cidade, num bello palacio com...

... *giardino*.

O esposo consulta o relogio.

A esposa continua chorando cada vez mais...

... devagarinho.

Nunca foram muito amigas, as duas.
O esposo consulta o horario.
Aquelle livrinho de algibeira.
Um comboio d'ali a dez minutos?!
Abre gavetas, fecha gavetas, mexe, remexe, investiga. Dá volta á chave do guarda vestidos e fica assim...
... d'aquella maneira.

Parecendo mettido dentro d'elle.

Tocam á campainha.

A FILHA

A senhora sobresalta-se.
Elle não.
Anda á procura das luvas pretas.

Abre-se a porta da esquerda baixa.

A FILHA

A creada passa...
... com o lenço tambem nos olhos.

E quando entra...
... mostra de longe um bilhétinho.
(A' senhora).
Fez-lhe signal para logo.
A creada sahe para o seu serviço...
... e o senhor encontra as luvas.
Approxima-se do esposo a dona lacrimosa.
Escova-lhe o fato.
Dá-lhe o chapeu.
Abraços e beijos...
... aos milhões!
E caminham assim devagar por que elle está recommendando que feche tudo bem fechado...
... por causa dos gatunos.
A senhora vae á janella...
... dizer adeus com o lenço.
Bate á porta da creada...
... e recebe o bilhetinho.
Está lendo...
Escreve outro muito depressa.

E depois da creada sahir pela direita alta diz:

A FILHA, *em confidencia:*

Foram apenas duas palavrinhas num sobrescripto...
... sem endereço.

(*olhando a caixa*)

Fecha o guarda vestidos, as gavetas...
Arruma as cadeiras.
Preceitos de boa dona de casa.
Senta-se ao toucador.
E temos um espaço de silencio...
... emquanto *si fa più bella!*

Tocam á campainha.

A FILHA

Apressa os seus enfeites... Compõe um sorriso... E recúa d'aquella maneira...
... espavorida!
Este é o policia.

De bonné na mão, á entrada da porta, quebra-se todo em salamaleques.

A FILHA

Que não se assuste, sua excellencia!

E' primo da sua creada e guarda de um senhor ministro que vem tomar banhos com a familia.

Chegaram todos ha bocadinho.

Reanimada, *la gentildonna* pretende agora saber se elle guarda tambem de noite o tal ministro de estado?

Não guarda.

Benissimo!

Então póde ficar hoje ali, no *chalet?*

— Hoje e quantas mais vezes V. Ex.ª entender.

A senhora explica o motivo das suas perguntas...

... indiscretas.

E elle garante, assim perfilado, o domicilio...

... inviolavel!

Gestos do policia, a meio da scena: — continencia, — mão direita no peito, — depois sobre a espada e a pistola, — e signal de juramento com o braço muito esticado.

Tocam á campainha.

A FILHA

Ora a dona, cautellosa, espreita antes de abrir.

E' a creada com outro bilhetinho.

E apenas vê o parente cahe-lhe nos braços de tal maneira que a senhora manda-os para a cosinha. *(Esquerda baixa).*

Já leu.

E d'ahi vae á janella afastar um quase nada a *brise-bise* da esquerda.

E eil-a que sahe ligeirinha por aquella porta que...

... já sabemos.

Durante o curto espaço de ausencia a pequena fixa a direita alta e logo que as duas figuras apparecem segreda para o publico:

— E d'esta vez, pela primeira vez, entra um outro *personaggio*...

... sem tocar a campainha.

Jogando mimos e gentilezas as duas figuras dirigem-se para a *chaise-longue*.

A FILHA

(*para cima*)

Papá!

A VOZ DO PAE

Figliuola mia?

A FILHA

Lascia il calabre!

E a tampa da caixa desceu.

A FILHA

Passam bem quinze minutos...

A VOZ DO PAE

Quindici no, figliuola mia.

A FILHA

Quanti, papá?!

A VOZ DO PAE

Mezz' ora, almeno.

A FILHA

Non sará molto?!

A VOZ DO PAE

Che molto! (Áparte). *La propria innocenza, questa mia ragazza!*

A FILHA

Passa bem meia hora sem se ouvir uma palavra, por que, para preparar a segunda parte...
... *la cassetta* está *chiusa.*

(para cima)

Papá!

A VOZ DO PAE

Figliuola mia?

A FILHA

Monta il calabre!

E a tampa da caixa sóbe.

Anoiteceu. Sentados á meza, a meio do quarto, as duas figuras conversam.

A FILHA

Fumando cigarrilhas aromaticas, tabaco fraco, proprio para senhoras.

Batem á porta da esquerda baixa.
Saltam os dois ao mesmo tempo.

A FILHA

Quem será ?!

Batem novamente.
A senhora mette o outro no guarda vestidos e vae abrir.

A FILHA

E' a creada mais o policia.
Guardate como veem prazenteiros !
Pedem para ir ao cinema vêr dois artistas italianos que trabalham com fantoches.
E come la signora dá licença sahem os dois pela direita alta, muito janotas e contentes.

Ora, depois d'elles sahirem, e emquanto a pequena observa para o publico:

— E entretanto, na cidade, num leito de estylo imperio, uma velhinha faz testamento á unica pessoa que lhe resta de uma familia nobre e antiga.

O outro salta do guarda vestidos, vem dar o braço á senhora e assim passear pela casa.

Approximam-se do leito.

Afastam os cortinados.

E é neste momento que a *filha,* olhando a caixa, grita para cima:

A FILHA

Papá! Papá!

A VOZ DO PAE

Figliuola mia?

A FILHA

Perchè sono vicino al letto?!

A VOZ DO PAE

Oh per bacco! Questo è troppo!

E a tampa cahe de repente.

A FILHA, *depois d'ella cahir:*

Vi siete ingannato, papá?!

A VOZ DO PAE

Sicuro! Questo è d'un' altra opera. Ora incomincia la tempesta.

Quando a tampa da caixa se levanta encontramos as duas figuras, sentadas á meza, a olhar as janellas onde, de quando em quando, perpassam raios e coriscos.

Um trovão.

Chuva torrencial.

A FILHA

Não póde vêr aquelles clarões, *la povera donna afflitta!*

E o outro vae encostar os batentes das janellas.

Um trovão mais forte.

A FILHA

Não póde ouvir aquelle barulho!
E corre direita ao leito...
... para envolver-se no *édredon*.
Andam á tôa pela casa.
— Que fazer, meu Deus, que fazer?
E elle tambem pergunta:
— Que fazer, meu Deus, que fazer?
A senhora tem uma ideia...
Esconderem-se ali dentro. *(Direita baixa).*
E' um quarto interior, onde estão as malas.
Pódem calafetar tudo...

(para cima)

Papá, il cane!

Ouve-se um cão a uivar.

A FILHA

Atira fóra o *édredon*.
Vae á roupa da cama.
Deixa cahir muita coisa.

O outro dá volta ao commutador.

(*Trevas*).

E fecham a porta por dentro.

A chuva diminue.

A FILHA

A tempestade acalmando.

Parou a chuva.

A FILHA

Acalmou.

Trovoadas de Setembro. Chuveiros de pouca demora.

E de tanta frescura espalhada toda a natureza rejuvenesce num vigôr de primavera.

Olha a caixa e exclama assustadissima:

Dio Santo! O gatuno!

Pela janella da esquerda o gatuno salta e vem, pé ante pé, com a lanterna espetada no pau da vassoira, até ao buraco do ponto. Pára. Volta as costas ao publico. Incide a luz sobre os cantos da casa. E começa a sua faina.

Depois, tira um cigarro da orelha. Acende-o á luz da lanterna. Mette a trouxa debaixo do braço. Cumprimenta. E salta, deixando a janella aberta.

A FILHA, *depois d'elle saltar :*

Apreciaram ?! Que grande talento !

Tocam á campainha.

A FILHA

Silencio mortal !

Tocam á campainha.

A FILHA

Outro silencio mortal !

Tocam á campainha.

(D'esta vez com tamanha furia que se ouve cahir tudo no chão.)

A FILHA

E o badalo terminou o seu papel.

Abre-se a porta da direita baixa.

A FILHA

Entra a senhora abotoando a *robe-de-chambre.*

Faz luz.

Vê os moveis devassados e cahe de chofre!

Violentos empurrões na direita alta conseguem dar passagem á creada e ao policia.

A FILHA

A creada, encontrando a sua senhora estendida, desaba d'aquella maneira. (*Braços abertos e uma pirueta*).

O policia não.

E' valente!

Inspecciona os moveis.

Cheira-lhe a fumo.

Baixa os olhos.

E estremece.

Por causa do rasto de roupas.

Firma o bonné.

Desembainha a espada.

Engatilha a pistola.
Empurra a porta. *(Direita baixa).*

(Dois tiros).

E mata o outro!

Emquanto o policia tira o bonné e a tampa da caixa desce diz:

A FILHA, *para cima:*

Papá!

A VOZ DO PAE

Figliuola mia?

A FILHA

Viene presto!

O PAE, *acorrendo prazenteiro:*

Eccomi!

A FILHA

E agora, minhas senhoras e meus senhores...

O PAE

Umanissimi spettatori...

A FILHA

Meditate la tragedia!

O PAE, *baixinho*:

Figliuola mia, guarda il linguaggio!

A FILHA

Perdonatemi! E vereis, como todos nós, nesta vida contrafeita, não somos mais do que umas figurinhas pintadas, ôcas, ligeiras, movidas por mãos invisiveis.
Non è cosí, papá?

O PAE

Sicuro, figliuola mia.

A FILHA

Papá, é uma creatura...

O PAE

Vecchia... errante...

A FILHA

Experiente... que sabe historias acontecidas e aprecia muito o applauso...

O PAE

Del pubblico illustrato...

A FILHA

E gentil.

CAHE O PANNO.

E a orchestra executa:

— O enterro de uma *marionette*.

(Gounod).

Um entremez...
de cordel.

Composto e impresso na Tip. da Livraria Ferin — 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Theatro de Marionettes:

I. *Uma tragedia... horripilante!*
II. *Um entremez... de cordel.*

EDUARDO PEREZ

THEATRO DE MARIONETTES

II

UM ENTREMEZ... DE CORDEL.

LISBOA

TIP. DA LIVRARIA FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

1917

A

Israel Anahory

Les petites marionettes
font, font, font
trois petits tours
et puis s'en vont.

(Chanson de nourrice.)

FIGURAS

Apresentantes:

O PAE.
A FILHA.

Do entremez:

FILENA.
COLOMBINA.
DOM PANTALEÃO.
O DOUTOR.
FLORINDO.
O CAPITÃO.
ARLEQUIM.
BRIZELLA.
TARTAMUDO.
1.º VIOLA.
2.º VIOLA.

Seculo XVIII.

ANTES DO PANNO SUBIR

Depois da orchestra executar: — *A côrte do rei das montanhas* (Grieg), apparecem na ribalta: — um homem de barbas grisalhas e manteo preto, apanhado á frente, e uma rapariguinha rosada e fresca, com seu vestido de anquinhas e touca de rendas.

Cumprimentam.

E diz:

ELLA

Minhas senhoras e meus senhores!

Graças á extrema gentileza do Ex.mo emprezario d'este magnifico theatro, nós, dois modestos artistas italianos, trabalhando com fantoches, vâmos ter a honra de apresentar a V. Ex.as um entremez intitulado:

Quem o alheio veste
na praça o despe.

OU

Por fóra cordas de viola,
por dentro pão bolorento.

Tem só um acto, e esse mesmo pequenino, trata de um assumpto muito conhecido e transposto para uma epocha já antiga.

Tudo isto constitue, na opinião dos entendidos, garantia sufficiente para um applauso...

ELLE

Delirante!

ELLA

No emtanto, nós, á cautella, esperamos pelo que V. Ex^as^ nos digam, quando a peça terminar.

SÓBE O PANNO

E veem-se, enfileiradas á frente de um pequeno theatro de fantoches, com as cortinas ainda corridas, as figuras do entremez.

Vestem como os actores da «Commedia dell'Arte».

E são bonecos articulados e de estatura natural.

ELLA, *apresentando-os:*

Dom Pantaleão.

ELLE

O nosso *Pantalone.*

ELLA

Mercador aposentado. Bastante rico. E tio de...

Dona Filena, preciosa muito querida de...

Florindo, afilhado do...

Doutor.

Com seu chapeu emplumado, negro manto sobraçado, espada á cinta, guantes e botas d'este tamanho *(enormes)*, temos aqui o *Capitão* Dom Gil Eloy Gonçalo Mendo de Çaramago, por alcunha o *Matamoiros*.

Corteja a *signorina*.

E' homem de bigodes.

E o resto consta do entremez.

Arlequim, seu escudeiro.

ELLE

E' quanto basta.

ELLA

Tartamudo, creado de Pantaleão.

Brizella, de Florindo.

E... falta *Colombina*, a creada de aposento.

Está doente. Doente não...

ELLE, *baixinho:*

Strappata.

ELLA

Isso! Como se diz?... Emfim... cahiu-lhe a tampa da caixa em cima do nariz.

Não tivemos tempo para concertal-a. Vou fazer o seu papel, pedindo desde já ao respeitavel publico o favor da sua...

ELLE

Benevolencia.

ELLA

E agora, minhas senhoras e meus senhores, permittam-me que lhes apresente:
— *Papá!*
Por que é elle quem faz mover, fallar, emfim, viver as figuras do entremez.

CAHE O PANNO

Ouvem-se os tres signaes do contra-regra.

SÓBE O PANNO

Desappareceram os dois artistas e os bonecos.

E um creado vem afastar as cortinas do pequeno theatro.

SCENA

Uma sala do seculo desoito.

Janellas ao fundo, portas á direita e á esquerda.

Tudo aberto de par em par.

(Trevas)

Dois assobios na rua.

Um tempo.

Outros dois assobios na rua.

Outro tempo.

Depois, pela direita alta, entra *Colombina* com um candelabro de tres velas.

(Luz)

Outros dois assobios na rua.

COLOMBINA

Credo, tanta impaciencia!

Pousa o candelabro em cima da meza e approxima-se da janella.

COLOMBINA

Cá estou!

UMA VOZ, *na rua:*

Que demora tão prolongada!

COLOMBINA

Querias que viesse a correr?

A voz

A correr, não; mas... mais ligeirinha que póde a ronda implicar por me vêr aqui á espreita.

Colombina

Grande medroso me sahiste!

A voz

Medroso, eu!? Deixa-me rir.

Colombina

Cala a bocca! Olha o velho!

A voz

Maldito seja! Venho cá, sabes porquê?

Colombina

Matar saudades de mim.

A voz

Ah que perdeste!

Colombina

Então adeus!

A VOZ

Não te vás! E' brincadeira.

COLOMBINA

De mal creado.

A VOZ

De bom creado. Trago novas de meu amo p'r'á menina dos seus olhos.

COLOMBINA

E que manda Dom Florindo?

A VOZ

Que vem ahi, não tarda nada, offerecer-lhe uma serenata.

COLOMBINA

E tu?

A VOZ

Venho tambem.

COLOMBINA, *batendo palmas:*

Oh que bom! Vou já dizer...

A VOZ

Não faças bulha! Olha o velho!

COLOMBINA

Maldito seja! Adeus, Brizella!

A VOZ

Adeus, amôr!

Colombina dirige-se ao candelabro.
Pára a meio do caminho.
Vira a cabeça para a direita baixa.
E exclamando:

— Santo breve da marca! Oiço passos!

Colloca-se por detraz de uma cadeira de espaldar.

Entra *Tartamúdo* com uma quarta ao hombro.

COLOMBINA, *occulta pela cadeira:*

Cúcú, Tartamudo!

TARTAMUDO, *parando e sempre cantarolando as suas fallas:*

Cúcú, Colombina!

COLOMBINA

Tartamudo onde vaes tu?

TARTAMUDO

Encher a quarta ao chafariz.

COLOMBINA

E emquanto esperas pela tua vez?

TARTAMUDO

(A'parte): Sempre a mesma pergunta! *(Alto):* Dois dedinhos de cavaco na baiúca do cantinho.

COLOMBINA

Deixando lá mais um traço a giz?

TARTAMUDO

Ou tres. Isso depende.

COLOMBINA

Das quartas que estiverem á bica.

Tartamudo sahe pela esquerda alta e *Colombina* dirige-se novamente ao candelabro.

Nisto, ouve-se a ponteira de um bastão no sobrado, repetidas vezes, approximando-se.

COLOMBINA

Agora sim, é elle!

E foge pela direita alta, deixando as luzes acesas.

PANTALEÃO

e o seu formidavel bastão, á porta da direita baixa:

Tres luzes?! Tres luzes e ninguem na sala?! Não te dizia eu, Pantaleão, que me cheirava a maroteira?

(Entra).

Má peste de gente nesta casa!

(Caminha para a porta da esquerda alta).
Tartamudo! O' Tar-ta-mu-do!
(E recúa de bastão alçado).
Senhora dos Afflictos! Quem me acode?

Com um largo prato na mão esquerda e um comprido papel na direita, *Arlequim* entra a correr.

ARLEQUIM, *estacando:*

Acudo eu!

PANTALEÃO

Quem és tu?

ARLEQUIM

Sou Arlequim. Um servo humilde e respeitoso que entrou assim de repente por que a porta estava aberta.

PANTALEÃO

A porta aberta?! *(Áparte):* Má peste de gente nesta casa! *(Alto):* E quem te mandou aqui vir?

ARLEQUIM

O senhor meu amo. Pois foi elle quem houve por bem occupar-me as duas mãos com estes primôres para Vossa Mercê!

PANTALEÃO

Quem é teu amo?

ARLEQUIM

Dom Gil de Çaramago. O Matamoiros.

PANTALEÂO

Oh! Porque não disseste ha mais tempo? Dae-vos ao incommodo de vos sentardes.

ARLEQUIM

Senhor não posso! Sou inteiriço.

PANTALEÃO, *áparte:*

Tem graça! Tambem eu.

ARLEQUIM

E estou como se deve estar perante uma Altura como a Vossa!

PANTALEÃO

(A'parte): Gentil moço, bem fallante! *(Alto):* E que manda o mui nobre amigo e senhor de Çaramago?

ARLEQUIM

Este prato de arroz doce e estas duas palavrinhas.

PANTALEÃO

Deixae vêr as palavrinhas. O arroz veem já buscal-o.

Arlequim estende o comprido papel.

PANTALEÃO, *lê:*

«Pantaleão amigo, muito saudar!

Já oito soes vão transpostos desde que, nos bonifrates do Bairro Alto, me concedeste a honra de me convidares para o vosso chá e torradas e só hoje as minhas marcias occupações me concedem pagar rendida vassalagem á vossa delicadeza sublime!

Do que tenha sido todo este prolixo tempo distante dos olhares perigrinos de vossa excelsa

sobrinha outra coisa vos não posso dizer senão esta: — que não tem sido tempo para mim; mas temporal.

Pois o meu indómito coração, asseteado, tem-se revolvido dentro de meu peito, infrene, como fragil batel açoitado pelas neptunicas ondas procellosas!

Portanto, amigo meu, mal a phebea luz candidize as niveas paredes da vossa magnanima moradia, para lá encaminharei meus acelerados passos.

Que o anhelo de lethisar minhas amarguras e sentir-me qual outro herculeo heroe aos pés da sua omphalica beldade teceu, com as minhas compridas penas da ausencia, duas azas mais poderosas do que as do alado mensageiro dos deuses.

Vae junto um dulcifico manjar e para que memoria conste do meu primeiro accesso em vosso sumptuoso palacio, preparei uma surpreza que muito vos hade agradar e a vossa sobrinha tambem.»

(Falla):

Uma surpreza?! Que será?

(Para dentro):

Filena minha! Sobrinhinha querida?

A voz de Filena

Que pretendeis, meu senhor e tio?

Pantaleão

Vinde ligeira que boas novas tenho aqui para te dar!

Entram *Filena e Colombina.*

Pantaleão

Sabes quem manda esta cartinha?

Filena

Dizei melhor, esse lençol!

Arlequim

E este pratinho de arroz doce?

Pantaleão

E' Dom Gil de Çaramago.

Colombina

Por alcunha o Matamoiros!

PANTALEÃO

Lê! Que lindas expressões!

FILENA

Não me appetece.

ARLEQUIM

E este acepipe tão loirinho?

COLOMBINA

Come-o tu!

ARLEQUIM

Nunca fui mal mandado, minha flôr de alecrim.

COLOMBINA

Ora o estafermo do boneco!

E emquanto as duas sahem empertigadas pela direita baixa:

PANTALEÃO, *vocifèra:*

Má peste de gente nesta casa! Nunca houve tal descortezia! Tartamudo! Oh Tar-ta-mu-do!

E *Arlequim* vae chupando os dedos que espeta no arroz.

TARTAMUDO, *entrando com a quarta ao hombro:*

Prompto, senhor! Elle aqui está!

PANTALEÃO

Quem te manda trazer a quarta para esta sala de visitas?!

TARTAMUDO

O berreiro que Vossa Mercê faz! Elle é tal que parece andar o fogo na casa!

PANTALEÃO

(A'parte): Grande alarve me sahiu! *(Alto):* Receba aquelle prato!

TARTAMUDO

Qual prato?

PANTALEÃO

O que aquelle mancebo tem na mão.

Num momento, *Tartamudo* põe a quarta em cima da meza, approxima-se de *Arlequim* (ainda entretido a chupar os dedos) e dá-lhe um encontrão.

Arlequim volta-se de repente e atira com o prato que se vae entornar nas costas de *Pantaleão*.

Pantaleão cambaleia, deixa cahir o papel, faz uma pirueta, e encontrando *Tartamudo* a rir atira com o bastão que vae bater nas costas de *Arlequim*.

Tartamudo abala pela direita baixa e *Arlequim* pela esquerda alta.

A quarta fica em cima da meza.

PANTALEÃO, *indignadissimo,*
para o publico:

Já viram bonifrates mais completos?!

Ouvem-se ao longe violas de arco.

PANTALEÃO

Será esta a tal surpreza?!

As violas approximam-se.
Tocam sob as janellas.

PANTALEÃO

E' elle, não ha que vêr! Sobrinhinha querida, acorre, depressa!

Entram *Filena, Colombina e Tartamudo.*

PANTALEÃO

Ouves?! Sabes o que é? E' a surpreza do Capitão. Tartamudo vae abrir!

Correm as duas á janella e voltam batendo palmas.

FILENA

Tartamudo, abre depressa!

COLOMBINA

Abre depressa, Tartamudo!

Tartamudo sahe e logo entra seguido de *cinco mascarados*, dois dos quaes tocam viola.
Páram enfileirados ao fundo.
As violas deixam de tocar.
Duas reverencias.
E compõe-se os pares da seguinte fórma:

Um mascarado com *Filena.*
Outro mascarado com *Colombina.*
Outro mascarado com *Pantaleão.*
E *Tartamudo* só.

Tempo de dança. Minuete.
Outra viola que se approxima.
Páram os de casa.
A viola toca sob as janellas.
E ouve-se:

UMA VOZ, *cantando:*

Se fôres ao fim do mundo
Lá mesmo te heide ir buscar.
Em qualquer parte que estejas,
Eu sem ti não posso estar.

Chega a hora de dormir,
Eu não me posso deitar.
Todos dormem e socegam,
Eu sem ti não posso estar.

Filena, cruel Filena,
Não me acabes de matar.
Que eu sem ti não tenho vida,
Eu sem ti não posso estar. ([a])

FILENA, *encostando-se ao seu mascarado:*

Ai! E' elle! O meu Florindo!

COLOMBINA

Cantando a modinha dos «*Poetas afinados*».

PANTALEÃO

Ah, é elle, o teu Florindo?!

Vae á meza, péga na quarta e deixa-a cahir da janella.

Na rua, vozes indignadas.

Depois, tinir de esporas pela escada acima.

E entra o *Capitão* com a viola em fanicos, a espada em riste e o chapéo desasado.

Segue-o *Arlequim*.

(a) O outeiro ou os poetas afinados — comedia de Pedro Antonio Pereira.

O Capitão

Quem foi aqui o perro villão que me esfrangalhou a viola?

Arlequim

E desasou o chapeo?

O Capitão

Quem foi? Ninguem responde? Pois á fé da minha espada que todos ides já saber quem é Dom Gil de Çaramago!

Arlequim

Senhor vos rógo... Acalmae-vos!

O Capitão

Desde Fez a Mequinez, desde Arzilla a Mazagão, tenho meus feitos gravados em muitas pedras do caminho! Sou capitão e valoroso! Ninguem m'as faz que não m'as pague!...

Arlequim

Senhor vos rógo...

O Capitão

Por isso á fé da minha espada que todos ides já saber quem é Dom Gil de Çaramago, o terrivel Matamoiros!

Arlequim

Senhor vos rógo...

O Capitão

Silencio, escudeiro falsario! Que tambem já vos não enxergo direito! Vieste-me dizer que nesta casa havia gente d'algo, que tinhas sido bem recebido...

Pantaleão

E foi. Este desacato lamentoso provêm de uma equivocação. Julgavamos que se tratava de um tal senhor Florindo...

O Capitão

O peralta de vossa sobrinha?

Pantaleão

Esse mesmo!

O Capitão

Oh! Oh! Nesse caso, muito me apraz o vosso proceder violento.

Arlequim

Estaes acalmado?

O Capitão

Estou.

Arlequim

Ainda bem.

O Capitão, *dirigindo-se a Pantaleão:*

Dae-me a vossa mão.

Um mascarado, *no seu logar:*

Não dá!

O Capitão, *dois passos á rectaguarda:*

Não dá!? Quem sois vós que tão arrojado assim pretendeis obstar á galhardia do meu gesto?!

O MASCARADO, *deixando cahir a mascara :*

Eu !

PANTALEÃO, *avançando para elle de braços abertos :*

O Doutor ? !

O CAPITÃO, *junto de Arlequim, em voz baixa e rapida :*

Que me pôz direita a perna esquerda !

ARLEQUIM, *na mesma :*

E a quem deveis o concerto. Fujamos !

O CAPITÃO, *na mesma :*

Por onde ?

ARLEQUIM, *na mesma :*

Pelo chão abaixo !

E desapparecem pelo alçapão.

PANTALEÃO, *desabraçando o doutor :*

Palavra de honra que não percebo nada !

O DOUTOR

Já vae perceber. Tirem as mascaras!

As mascaras cahem no chão.

PANTALEÃO

Florindo?!

O DOUTOR

Meu afilhado.

FILENA E COLOMBINA
(cada uma por sua vez)

Seu afilhado!?

FLORINDO

Sim, minha adorada Filena.

FILENA

Porque não disseste ha mais tempo?!

FLORINDO

Para fazermos esta... peça.

COLOMBINA

E tu?!

BRIZELLA

Ordens de meu amo. Sou bom creado.

O DOUTOR

E querem saber quem é o homem do espadagão? Nem é Gil, nem Çaramago, nem Matamoiros, nem Capitão! Chama-se Francisco Bezerra, teve estalagem em Odivellas e é conhecido pelo Matagatos por causa das lebres que servia aos poetas dos *oiteiros.*

PANTALEÃO

Oh! E ter a pouca vergonha.... Onde está elle que o quero desancar!?

TARTAMUDO

Sumiu-se pelo chão abaixo!

COLOMBINA

Cruzes, saramago!

PANTALEÃO

Será preciso benzer a casa?

O DOUTOR
(apresentando Filena e Florindo)

Não senhor! Basta abençoar estes dois.

FLORINDO
(apresentando Colombina e Brizella)

E tambem estes dois.

PANTALEÃO

Elle quem é?

FLORINDO

O meu moço dedicado.

PANTALEÃO

Os dois correios amanteticos?! Não está mau o entremez!

FILENA

Ainda incompleto, meu tio.

PANTALEÃO

Não sei que mais possa faltar!

FILENA

O resto do minuete.

COLOMBINA

E pedir desculpa dos erros do auctor...

(desmanchando a sua attitude de fantoche e vindo á bocca de scena)

... ao respeitavel publico aqui presente!

Tocam as violas.
Iniciam a dança

È O PANNO CAHE.

A comedia irreverente

DOS

artistas passavolanti

Composto e impresso na Tip.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Do mesmo auctor:

Theatro de Marionettes:

I. Uma tragedia... horripilante!
II. Um entremez... de cordel.

EDUARDO PEREZ

A
COMEDIA IRREVERENTE
DOS
Artistas passavolanti

LISBOA
TIP. DA LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
1917

FIGURAS

Do prologo e epilogo:

O PAE.
A FILHA.

Da comedia:

JUPITER.
JUNO.
MERCURIO.
PAN.
GANYMEDES.

Do bailado:

SATYROS.
NYMPHAS.

Segundo *Luciano* no «Dialogo dos Deuses».

LOGAR DA ACÇÃO

Manhã de sol claro num jardim de arvoredo antigo.

Na extrema de um terreiro circumdado por balcões de buxo, e a todo o fundo de um sobrestante e estreito terraço de tijolo, que uma parreira ensombra, resalta um muro vermelho tendo, ao centro, uma porta verde e de cada lado da porta um painel de azulejo.

Sob os paineis, dois altos canteiros, tambem revestidos de azulejo, quebram-se a meio para formar bancos-poiaes de entrada.

Susteem a parreira viçosa columnas de pedra singela.

E tres degraos em frente da porta verde, interrompendo uma orla de vasos floridos, ligam o terraço com o terreiro.

PROLOGO

Na orchestra musica ligeira.

Depois, no terreiro, a entrada d'aquellas duas figuras... diremos talvez melhor: — d'aquelles dois *jograes do Deus dará*, que nos apresentaram as *Marionettes*.

Entram recuando e cumprimentando alguem que ficou fóra.

E dizem, quando se voltam:

ELLA

Papá? Come si chiama, questa nobile signora?

ELLE, *parado e grave:*

Si chiama, figliuola mia, la virtuosa Madonna della bontá!

A FILHA

Se da pertutto fossero così?

O PAE

Sarebbe delizioso assai... forse inconveniente.

A FILHA

E dopo... Che bello giardino! Ombreggiato, fresco, odorante... (Parando junto dos degraos do terraço): *Eh! Dimmi papá? Questa edificazione così singolare si può vedere?*

O PAE

Apri la porta!

A FILHA, *experimentando:*

E' chiusa.

O PAE

Sormonta alla panca!

A FILHA

Dov' è la panca?

O PAE

A sinistra.

A FILHA, *bicos dos pés sobre o banco:*

Sono piccola, non arrivo.

O PAE, *subindo para espreitar:*

Lasciami!

A FILHA, *depois de um silencio:*

Non hai ancora riguardato, papá?!

O PAE

Sì, sì, ottimamente.

A FILHA

Ebbene, cosa c'è?

O PAE, *descendo maravilhado:*

Un balneario! (Apontando em volta): *E qui un locale ammirabile per far un atto d'alta commedia.*

A FILHA, *pulando do banco:*

Oh magnifico!

O PAE

Pian piano, andiamo in giro. E, adesso, ascolta attentamente questa mia versione di Luciano.

A FILHA

Chi è Luciano?

O PAE

Un certo classico greco. (Accentuando): *Uomo di molto ingegno.*

A FILHA, *tomando-lhe o braço :*

Quanto sapiente, il mio papá !

Sahem.

E depois d'elles sahirem ouve-se d'além do muro:

UMA VOZ FORTE

Mercurio?

OUTRA VOZ

Senhor?

A VOZ FORTE

Que tal está a agoa?

A OUTRA VOZ

Nem quente, nem fria.

A VOZ FORTE

Ganymedes?

UMA VOZ INFANTIL

Senhor Jupiter?

A VOZ FORTE

Não te demores, pequerrucho! A agoa está magnifica.

Um silencio.
Entra *Pan,* vagaroso, olhos no chão.

A VOZ FORTE

Mercurio?

PAN

?!

A OUTRA VOZ

Senhor?

A VOZ FORTE

Chega num instantinho a casa do rei Ixion e dize-lhe que venha amanhã ao banquete.

A OUTRA VOZ, *maliciosa:*

Digo-lhe só a elle?!

A VOZ FORTE, *concordando:*

Dize tambem á mulher.

Abre-se a porta e sahe *Mercurio*.

PAN

Bom dia, meu senhor e pae.

MERCURIO

Bom dia está bem; mas teu pae?!...

PAN

Não sois vós o mui ligeiro deus Mercurio? Não foi assim que vos chamaram agora mesmo, ali dentro?!

MERCURIO

Assim foi. Mas d'ahi a ser pae de uma coisa com esse feitio...

PAN

Parece fabula; mas não é.

MERCURIO

Então quem foi tua mãe?

PAN

Tendes a memoria muito esquecida, azougado senhor de Mercurio! Minha mãe foi a nympha Penelope, filha de Icaro da Arcadia. Aquella de quem vós vos approximaste, mais do que se deve á cortezia, e transfigurado num bóde.

MERCURIO

Tens a certeza?

PAN

Como se vos tivesse visto. Foi ella mesma quem m'o disse. E minha mãe não mentia, destro senhor de Mercurio, filho de Jupiter e de Maia, e meu indiscutivel pae!

MERCURIO

E que pretendes, nesse caso?

PAN

Cumprimentar-vos e apresentar-me.

MERCURIO

Só?!

PAN

Que mais querieis que fôsse?

MERCURIO

Sei lá!

PAN

Que me reconhecesseis, talvez? Não preciso. A sociedade estima-me bastante, não se importa com os meus pergaminhos. Sou amigo de Baccho e seu companheiro de folgança. Sou eu até quem dirige o côro das Bacchantes... Tenho muitas cabeças de gado, terras de semeadura, bosques e fontes á minha disposição... Na Arcadia dicto a lei. Em Marathona, neste ultimo combate, fui pelos Athenienses. Prestei-lhes mesmo um grande auxilio. E elles tanto o reconheceram que deram o meu nome á gruta que teem na cidadella. Além d'isto, sei alguma coisinha de musica... Até toco flauta! Quereis ouvir?

MERCURIO

Guarda para logo.

PAN

Emfim, não serei um deus de primeira cathegoria, nem mesmo um heroe sublime; mas tenho certa importancia, lá isso tenho!

MERCURIO

E és casado?

PAN

Não sou.

MERCURIO

Mas tens noiva.

PAN

Tambem não. Sorrís de malicia?! Pois ficae sabendo que não falta quem me queira. Eccho, Pitthys, as Bacchantes... E tenho a firme certeza de que nenhuma d'ellas me poderia causar maior peso! Mas... Trata-se de uma questão de temperamento. Sou um tanto ou quanto voluvel.

MERCURIO

E és feliz?

PAN

Sinto-me feliz. E vós, pae?

MERCURIO

Eu... não.

PAN

Que me dizeis?!

MERCURIO

A verdade.

PAN

Oh!

MERCURIO

Tenho muito trabalho, muita canceira. De manhã, ainda o sol não é nascido, já eu ando a varrer a sala dos banquetes, a limpar as alcatifas, a estendel-as sobre os bancos de recepção... A' tarde, tenho de presidir ás assembleias, ouvir consultas, revêr discursos, julgar traficantes... E á noite, quando a mais abandonada creatura tem o direito de esquecer as suas miserias dormindo sob o primeiro portico que encontre, prégam comigo na assistencia e tribunal dos mortos!

PAN

E' muito!

MERCURIO

E' demais! E ainda se me recompensassem ou, pelo menos, fôssem reconhecidos...

PAN

Tendes razão. Magôa bastante.

MERCURIO

Jupiter é o primeiro. Emfim... é quem é. Ordens sobre ordens, recados sobre recados... E depois que recados... E depois que distancias... E tudo tem de ser feito promptamente, rapidamente. Tanto que me vi obrigado a mandar pôr estas azas nas sandalias.

PAN

E que vos ficam muito bem.

MERCURIO

Ha oito dias... antes d'este pequeno cá estar...

PAN

Qual pequeno?

MERCURIO

O que elle foi raptar ao monte Ida, transfigurando-se em aguia, o Ganymedes.

PAN

Oh meu olympico pae immortal, quanto me alegra a vossa noticia! Sabeis o motivo da minha peregrinação? E' que todos os dias, a todas as horas do dia, a familia não me larga! Querem, á viva força, que lhes diga onde pára o innocente. E são tantos os seus sacrificios e tantas as suas offertas de mel e leite, que eu já ando enjoado de tamanha doçura e apprehensivo por vêr que os infelizes davam cabo do rebanho antes da minha resposta.

MERCURIO

O que seria grave descredito para a tua fama de patrono.

PAN

Calculae!

MERCURIO

Pois, ainda tinha de o servir á meza dos banquetes. Agora diz que vae servir-se com elle.

PAN

E o garoto terá geito?

MERCURIO

Quanto póde ter um guardador de gado.

PAN

Mas deve fazer carreira. E' docil, meigo... E' bonito.

MERCURIO

Mais bonito me palpita o que se hade passar por causa d'elle.

PAN

Com quem, pae Mercurio, com quem?

MERCURIO, *acto de partir:*

Não tenho tempo. Fica p'ra depois.

PAN

Quando, pae Mercurio?

Mercurio

Não sei. Logo, amanhã, quando calhar. Bem vês, com esta minha vida apensionada... Adeus!

Pan

Adeus, pae.

Mercurio, *retrocedendo:*

A proposito de pae... Tu pódes abraçar-me, beijar-me, procurar-me, por que sempre terei muito gosto em te vêr; mas, quando estiver gente de fóra, nunca me trates por pae.

Pan

Ah! E porquê?

Mercurio

Por que, tu comprehendes... Eu ainda não estou muito mal de cara, não é verdade? Não tenho barba, a pelle está rija e fresca, o cabello negro e abundante. O meu aspecto...

PAN

E' varonil.

MERCURIO

Não é? E tu...

PAN

Perfeitamente. Tendes receio de que vos não acreditem que foi por causa da metarmophose?! Mas, oh sublime pae immortal, andaes muito illudido! Quando a nympha sequiosa procura agoa bem fresca tanto a bebe pela amphora como na concha das mãos de quem quer que lh'a apresente!

MERCURIO

Estás certo?

PAN

Se estou!

MERCURIO

Filho meu, dá-me um beijo!

PAN

Quantos fôrem da vossa vontade.

MERCURIO, *sahindo:*

Adeus!

PAN, *só:*

Adeus, não. Até logo! Que o contentamento de vos encontrar e saber onde está o pequeno aqui mesmo vou solemnisal-o, esperando o vosso regresso.

Encosta-se a uma columna da parreira e apenas começa tocando flauta entram no terreiro, em correria, Satyros e Nymphas.

Duas cabeças curiosas repontam acima do muro:

— Uma, de barbas longas e brancas, *Jupiter*.

— Outra, imberbe e loira, *Ganymedes*.

E vão dizendo, emquanto as figuras sylvestres bailam a musica de *Pan:*

GANYMEDES

Olha, olha o nosso Deus, tocando flauta de canniços! Pósso ir beijal-o?

JUPITER

O menino está maluço?

GANYMEDES

Gostava tanto! E ao depois, s'eu fôsse com elle?! Sabe o qu'eu fazia assim que chegasse a casa? Pedia ao meu pae p'ra dar-me aquelle bezerro qu'a gente lá tem e que já sabe levar o gado p'r'á pastagem e fazia um sacrificio a si. Não era bom?

JUPITER

Deliciosa ingenuidade! Esquece o passado, o monte Ida, o teu rebanho e o teu Deus! Pódes espalhar os beneficios que entenderes sobre a tua casa e a tua terra. O que não pódes é voltar para lá. Nunca mais beberás o leite das tuas ovelhas, nem comerás d'aquelle queijo que tua mãe preparava para farnel. A tua bebida será o nectar, o teu alimento a ambrosia. E's hoje um immortal, meu garotinho. Um immortal! Pensa bem!

GANYMEDES

Sim senhor. Mas quando eu quizer brincar quem brinca comigo?

JUPITER

Eu.

GANYMEDES

Oh!

JUPITER

Pareço-te respeitavel? Seremos como avô e neto.

GANYMEDES

E quando o senhor não estiver cá?

JUPITER

Brincas com o deus do amôr. E' do teu tamanho.

GANYMEDES

E durmo com elle?

JUPITER

Isso não. Dormes comigo.

GANYMEDES

Olhe que meu pae dizia qu'eu tinha muito mau dormir, qu'estava sempre aos pontapés a elle! A's vezes até se zangava tanto que pegava em mim ao collo e mettia-me na cama da minha mãe.

JUPITER

E tu gostavas mais?

GANYMEDES

E ella tambem.

JUPITER

E' que tua mãe sabe apreciar o encanto que a belleza concede ao somno dormido a seu lado.

E de repente, sem o minimo ruido, todas as figuras desapparecem.

Lentamente, hieraticamente, *Juno* entra.

Dirige-se á porta verde, péga na aldabra e bate.

Ninguem responde.

Bate novamente.

O mesmo silencio.

Bate ainda.

E diz estas palavras solemnes:

JUNO

Juno, filha de Saturno e Cybele, tu que desceste do ceo á terra por que a ausencia de teu marido, minando-te de cuidados, te

destruiu o somno e o appetite; tu, a divina deusa dos braços brancos, a quem todos estimam, consideram e respeitam como exemplo immanente de esposa casta e fiel, despreza a tua celeste categoria e, sabendo, de fonte limpa, quem aqui dentro se encontra, procede com a violencia que merece tão indigno desapreço conjugal!

E bate com tamanha furia que a aldabra fica-lhe na mão.

No muro, assoma a cabeça de *Jupiter*.

JUPITER, *de palavrinhas mansas:*

Desculpe que lhe notifique, minha senhora: — a sua maneira de bater á porta é algum tanto inconveniente e muito prejudicial. A prova está em eu ter de chamar Vulcano para o concerto da aldabra.

JUNO

Estimo muito. Faça o favor de abrir!

JUPITER

Desculpe que lhe responda: — não pósso.

JUNO

Abra!

JUPITER

Não pósso.

JUNO

Abra!

JUPITER

Desculpe que lhe observe, minha senhora: — a sua insistencia e este jogo de palavras dão ideia de uma scena de comedia. E eu entendo que ás nossas respectivas jerarchias ficam mal semelhantes parallelos.

JUNO

Abra a porta, senão..

JUPITER

Que faz?

JUNO

Forçal-a-ei!

JUPITER, *desapparecendo:*

E' muito rija. Passe bem!

JUNO

Oh! Isto é espantoso! *(E bate com os punhos cerrados).*

JUPITER, *outra vez no muro:*

A senhora continúa?

JUNO

Até desfallecer. Bem sabe o meu genio.

JUPITER, *sumindo-se, resignado:*

Sei, sei.... Não se canse mais. *(Abrindo a porta):* Cá estamos.

JUNO

Deixe-me passar!

JUPITER

Não póde ser. Há muito enxovalho lá dentro.

JUNO

Faz cerimonia comigo?

JUPITER

Devo fazer. *(Entretanto a porta fechou-se.)* Trata-se de um pequeno balneario, ce-

dido para me recompôr da jornada. E' obra de fino gosto, indigna de ser vista em mau estado de arranjo e limpeza.

JUNO

Mande fazel-a!

JUPITER

Não tenho por quem. Mercurio sahiu com um recado...

JUNO

Encontrei-o no caminho.

JUPITER, *áparte*:

Logo vi.

JUNO

Mas tem Vulcano.

JUPITER

Tambem não. Mandei-o embora.

JUNO

O quê?! Despediu meu filho?!

JUPITER

Olha a grande surpreza! Há quanto tempo tinha eu essa tenção?

JUNO

Desde aquella historia de parecer mal aos convidados verem-no a servir á meza dos banquetes com as mãos sujas da forja...

JUPITER

... Cheirando a suor... E ainda por cima côxo!

JUNO

Por culpa nossa.

JUPITER

Bem o defende, agora! Que pena, quando pela primeira vez lhe viu esse defeito, não ter pensado assim! Se não fôsse Thetis salval-o e eu trazel-o para o Olympo, quem sabe por onde elle andaria a estas horas?

JUNO

Naturalmente por onde anda. Despedir Vulcano! Privar-me de um filho tão terno,

tão meu amigo, um filho a quem dedico todo o amôr e carinho maternal! E' barbaro! E tanto mais quanto o seu procedimento foi por causa de Ganymedes!

JUPITER

Não foi.

JUNO

Deixe vêr!

JUPITER

A minha palavra não basta?!

JUNO

Conheço bem as vossas palavras, não destoam das vossas acções!

JUPITER

Já não é mau.

JUNO

Vós tendes sido tudo: — aguia, satyro, oiro, cysne, e até... boi!

JUPITER

Toiro, se faz favor.

JUNO

Ou toiro.

JUPITER

E' outra coisa.

JUNO

Tendes sido tudo menos homem! *(Espanto de Jupiter)*. Já vos appareceu alguma apaixonada por vós tal qual vós o sois?

JUPITER

Appareceu uma.

JUNO

Que bastante tem soffrido.

JUPITER

Por que lhe tem appetecido. *(Espanto de Juno)*. E' assim mesmo. Nunca vos fui infiel. Sempre que pela minha soberana po-

sição tenho sido levado á prática de qualquer procedimento mais intimo, tenho tido a cautela de me transfigurar.

JUNO, *entre dentes:*

Naturalmente por falta de confiança nos dotes naturaes.

JUPITER

Olha o descôco! E' pelo que lhe disse... Não tenha duvida.

JUNO

Isto é: — ainda lhe devo ser grata!

JUPITER

Não digo tanto; mas, pelo menos, agradecida.

JUNO, *áparte:*

Parece incrivel! *(Alto, depois de um silencio):* Onde foi Mercurio?

JUPITER

Não lhe perguntou?!

JUNO

E o recado foi só *para elle?*

JUPITER

Foi tambem *para ella.*

JUNO

Quando começará o senhor a ter juizo?

JUPITER

Quando a senhora se convencer da verdade das minhas asserções.

JUNO

Ou quando me vingar.

JUPITER, *reverenciando:*

Faço de vós ideia muito differente e acertada.

Um silencio.

Jupiter, de mãos atraz das costas, admira os azulejos.

Juno colhe uma flôr, duas flôres, passeia gentilmente, e depois diz:

JUNO, *naturalmente*:

Jupiter?

JUPITER, *na mesma*:

Esposa adorada?

JUNO

Qual é a tua opinião a respeito do rei Ixion?

JUPITER

Um gentilhomem e um bom conviva. Nem d'outra fórma teria a honra da nossa convivencia.

JUNO

Pois, o rei Ixion, é um falso e um insolente.

JUPITER

Tem graça! Nunca dei por isso. E que fez elle?

JUNO

Propostas a uma deusa.

JUPITER, *sorrindo*:

A Venus, naturalmente.

JUNO, *grave*:

A mim.

JUPITER

A ti?! Quando?

JUNO

Neste ultimo banquete.

JUPITER

Oh! Mas... mas... Isso é espantoso! Porque não disseste há mais tempo?

JUNO

Como te podia dizer se tu, apenas terminou a festa, sahiste com Mercurio e nunca mais voltaste?

JUPITER

Mandavas recado.

JUNO

Aonde?

JUPITER

Tens razão. Conta, conta depressa.

JUNO, *sentando-se*:

E' impossivel fixar a data em que elle começou o seu desvario, por que nunca me passou pela cabeça que as suas cortezias fôssem differentes das que se devem a quem recebe com tanta gentileza e intimidade como nós. Mas, desde que lhe surprehendi uns olhares mais demorados, e uma certa delicia no beber pela mesma taça em que eu bebia, e até pelo mesmo rebordo, disse para comigo: — Juno, toma tento! o homem não anda com boas intensões. Estive para te dizer; mas reconsiderei. Em nós deve existir a força sufficiente para impôr o respeito que nos é devido. A maneira como a creatura interpretou o meu silencio não sei ao certo. Mas penso que foi toda para sua vantagem, por que, neste ultimo banquete, mostrou-se de uma tal inconveniencia que tive de lhe declarar, terminantemente, que não estava disposta a presencear, nem ouvir, as suas impertinencias e que, se persistisse, me obrigaria a dar-te conhecimento do que se passava, para que tu, como auctoridade suprema, o corrigisses.

JUPITER

E elle que fez?

JUNO

Cahiu-me aos pés, abraçou-me os joelhos, chorou. arrepelou-se... Emfim, penitencias e desculpas.

JUPITER

Estou na minha. E' um sujeito bem educado.

JUNO, *de salto*

Bem educado?!

JUPITER

Não tenhas duvida. Vejo a questão claramente. Uma taça de nectar a mais. O resto, por culpa nossa.

JUNO

!!...

JUPITER

Unicamente. Deviamos conserval-os nos seus logares, não lhes dar a conhecer as

delicias celestes. Acostumam-se a esta constante vida de folguedo, o dia de hoje egual ao de hontem, o de amanhã será como o de hoje... Ora d'aqui ao amôr, primeiro por passatempo galante, depois por desejo imperioso, nem precisam de taça, basta o perfume. Portanto, o que me parece mais rasoavel, não é castigal-o, nem despedil-o...

JUNO

O quê?! *(Desdenhando):* Bem se vê que não pódes passar sem elle. E' um habito que te ficou desde aquelle tempo em que para ti não existia pessoa mais fina, elegante, intelligente do que a tal senhora sua esposa!

JUPITER

Olha o que fôste buscar com a préssa de me cortares a palavra! Desde que o homem se encontra numa crise amorosa tão intensa e tu tens a força sufficiente para o manter em respeito, não se lhe póde impôr maior castigo: — carpir em silencio a sua desdita!

JUNO

E quem garante a persistencia da minha força?

JUPITER

Todo o teu passado sem macula. A tua proverbial honestidade.

JUNO

Será bastante?

JUPITER

Deve ser. No emtanto, se receias qualquer ligeira fraqueza, podemos acalmal-o d'outro modo. Olha! Aproveitamos o momento em que o nectar o tenha perturbado, dâmos a uma nuvem a tua configuração e deitâmol-a no seu leito.

JUNO

E tens a certeza da creatura tomar a nuvem por Juno?

JUPITER

Absoluta.

JUNO, *depois de um silencio*:

Não me serve.

JUPITER

Como não te serve? Não és tu, é uma nuvem!

JUNO

Deixal-o. A vergonha subsiste desde que para elle a nuvem é Juno.

JUPITER

Sabemos que não é... Que nos importa?

JUNO

Mas não o sabe elle! E desde que elle o não sabe póde muito bem ir d'aqui gabar-se para os amigos.

Tu não conheces os homens?!

JUPITER

Conheço.

JUNO

Então...

JUPITER, *solemne:*

Eu, Jupiter, filho de Saturno e de Rhéa, procedo d'esta maneira summaria: — atiro com elle para o inferno, mando amarral-o a uma roda e por lá rolará eternamente o castigo da sua prosápia.

JUNO

E amôr.

JUPITER

Isso não. Seria crueldade excessiva condemnar alguem por amôr.

JUNO, *abraçada a elle:*

Mas se eu te pedisse, excepcionalmente, para este caso?

JUPITER

Não devo. Pede-me o que quizeres, o que entenderes, agora isso, não!

JUNO, *baixo:*

O que eu quizer... O que eu entender... *(Alto):* Manda embora o pequeno.

JUPITER

Não pósso.

JUNO

Negaste logo a primeira.

JUPITER

Por que se trata de uma questão de principio. O pequeno já tem logar marcado no Olympo. Seria desdoiro mandal-o embora. E depois, dize-me : — que mal faz o innocente ? E' tão galantinho, tão ingenuo. Se ouvisses a conversa d'elle, há pouco, ali no muro... Será para nós dois como um filho vindo agora, sobre o tarde... Um neto, talvez melhor. Apreciarás como é bom ! O meu tempo de aventuras vae passado. E mesmo que não fôsse. Sabes ? Era do que nós precisavamos. Alguem que, a nosso lado, servisse para ainda mais estreitar a nossa amisade eterna, que viesse, com a sua frescura infantil, o seu sorriso todo candura, acalmar as nossas discussões. Por que havemos de continuar a têl-as. E' a nossa missão superior. *(Abre a porta e châma):* Ganymedes ?

GANYMEDES

Senhor Jupiter?

JUPITER

Vem cá, meu pequerrucho! Beija a tua nova mãe Juno, assim, muito abraçadinho a ella.

Como ella é nobre, e magestosa, e bella! Não é verdade, garotinho?

(Jupiter enlaça Juno,
Ganymedes de permeio)

Que lindo quadro!

(Para Mercurio que entra correndo):

Não é enternecedor Mercurio, este quadrinho familiar?

MERCURIO

Enternecedor, é o termo.

Ouve-se uma flauta approximando-se.

GANYMEDES, *muito animado:*

Senhor Jupiter! E' elle... outra vez!...

JUPITER, *sobrecenho:*

Mercurio! Ide vêr!

Mercurio ao sahir correndo esbarra com *Pan*.

PAN

Oh pae! Magoei-vos?

MERCURIO

Cala-te! Está gente de fóra. Vae tocar p'ra longe!

Pan afasta-se, sempre tocando.

MERCURIO

Não vi ninguem!...

JUPITER

Fôste atilado, Mercurio!

(Num largo gesto de abraçamento):

E' a natureza glorificando esta nossa reconciliação!

Beijam-se. Entram no balneario.

EPILOGO

E apenas entraram e muito ao longe se perderam os sons da flauta apparecem as duas figuras vagabundas conversando d'esta maneira :

A FILHA

Papá? E voi siete speranzoso nel applauso del pubblico?

O PAE

Il pubblico è volentieri cortese, principalmente quando noi altri, modesti artisti passavolanti, abbiamo la precauzione di non partire senza riverenziare il suo famoso intelletto!

Andiamo, figliuola mia!

E
assim
fenece
o
THEATRO
dos
Jograes do Deus dará

Uma gente irregular

COMEDIA
EM
3 ACTOS

Composto e impresso na Tip.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Do mesmo auctor:

Theatro:

Uma tragedia... horripilante!
Um entremez... de cordel.
A comedia irreverente.

Contos:

A boa amiga.

EDUARDO PEREZ

UMA

GENTE IRREGULAR

COMEDIA
EM
3 ACTOS

LISBOA

TIP. DA LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74

1918

Les petites marionettes

font, font, font

trois petits tours

et puis s'en vont.

(Chanson de nourrice.)

FIGURAS

Elle, ANDRÉ VILLAR	40 annos
Ella, GABRIELLA DE CASTRO	29 »
A amiga, ALICE REIS	22 »
A outra amiga, ERMELINDA NEVES..	27 »
A creada, HERMINIA	20 »
A modista, FLORINDA	38 »

Lisboa. Actualidade.

LOGAR DA SCENA

Em casa de Gabriella de Castro. Uma sala.

Mobilia simples, estylo inglês. Na parede, um espelho de Veneza. Uma secretária, a um canto. Uma *chaise-longue,* junto do fogão. Jarras. Solitarios. Quadros. E AS TRES GRAÇAS, num pedestal.

1.º ACTO

Pela porta do fundo entram
Ermelinda e Herminia

ERMELINDA

Ermelinda. Ermelinda Neves. Nunca ouviu fallar no meu nome, cá em casa?!

HERMINIA

Eu não, minha senhora... Nunca ouvi!

ERMELINDA

E' extraordinario! E a sua senhora sahiu há muito tempo?

HERMINIA

Logo depois do almoço. Sahiu com a menina Alice.

ERMELINDA

Alice?!...

HERMINIA

Uma menina... Uma menina é como quem diz... Uma senhora que móra cá em cima, no quarto andar. Já não tem mãe, e o pae anda embarcado.

ERMELINDA

Há muito tempo que se conhecem?

HERMINIA

Desde a ultima revolta. Avista-se o parque, lá de cima. A minha senhora diz que não poude conter-se... Subiu pela escada de salvação... E ficaram amigas.

ERMELINDA

Por isso ella me deixou de escrever!...

HERMINIA

Ah! a minha senhora escrevia-lhe?

ERMELINDA

Muito menos do que eu a ella; mas sempre escrevia. E fôram?...

HERMINIA

Fazer compras.

ERMELINDA

E demoram-se?

HERMINIA

Isso não sei, minha senhora. Iam tambem ter com o senhor André...

ERMELINDA

Quem é... o senhor André?

HERMINIA

O senhor André Villar. Um sujeito de quarenta annos, que tem muitas quintas, na provincia.

ERMELINDA

Ah! Ah!

HERMINIA

Foi um encontro da senhora na modista, onde elle é hospede. Andam a montar casa, o primeiro andar do predio azul, ao fim da rua.

ERMELINDA

Montar casa?! Então a sua senhora não tem esta?!

HERMINIA

Mas elle é que não quer.

ERMELINDA

E ella desfaz-se d'isto tudo?

HERMINIA

Não senhora. Deixa entregue á sua amiga Alice.

ERMELINDA

Comprehende-se.

HERMINIA

Não é verdade? Deve ter por aqui muitas recordações...

ERMELINDA

Sim... Deve ter... Mas não será por isso... *(Curto silencio. Outro tom.)* O que eu vejo é que a sua senhora está muito mudada.

HERMINIA

Eu sempre a conheci assim!...

ERMELINDA

Há quanto tempo?

HERMINIA

Vae p'ra seis mezes.

ERMELINDA

E' pouco. *(Parando deante do espelho.)* Ora a minha cabeça! Tinha de comprar outro veu. *(Junto de Herminia, muito amavel.)* Vossemecê vae-me fazer um favôr. Faz?

HERMINIA

Oh! minha senhora...

ERMELINDA

Eu não me demoro nada; mas, se a sua senhora vier antes de mim, não lhe diga que eu estive cá. Percebe?

HERMINIA

Então não heide perceber?! Quer-lhe fazer uma surpreza?

ERMELINDA

Isso mesmo. *(Tirando da bolsa uma moeda.)* Guarde para si.

HERMINIA

Oh! minha senhora... Eu não sei...

ERMELINDA

Guarde, guarde! Fica entre nós.

Sahem.

HERMINIA, *entrando a revêr a moeda*:

E' a primeira vez que vejo uma senhora...! Ai! Como se chama ella?... *(Corre á porta da E. A.)* O' senhora dona Florinda? Senhora dona Florinda?

FLORINDA, *entrando, coscuvilheira*:

Quem era, ó menina Herminia? Quem era?

HERMINIA

Uma senhora.

FLORINDA

Uma senhora?!

HERMINIA

Sim. Uma senhora. Agora o mais bonito é que não me lembra o nome que ella disse.

FLORINDA

Olha o descôco! Então que vae vossemecê dizer á dona Gabriella?

HERMINIA

Nada. Foi isso mesmo o que ella pediu.

FLORINDA

O que ella pediu?!

HERMINIA

Sim senhora. Diz que é amiga da minha senhora há muito tempo... que está fóra tambem há muito tempo... e que não dissesse nada por que lhe quer fazer uma surpreza.

FLORINDA

Essa é nova! E que typo tem ella, ó menina Herminia?

HERMINIA

E' assim mais alta do que nós... Loira... A cara pintada... Bem vestida...

FLORINDA

Loira... Pintada... Bem vestida...

(Curto silencio de procura.)

Oh Herminia! Quer vossemecê vêr que é a Ermelinda?!

HERMINIA

Isso, isso! Ermelinda Neves. Vossemecê tambem a conhece?

FLORINDA

Tambem a conheço?! Ellas andavam sempre agarradinhas uma á outra.

HERMINIA

Tem graça! Então porque é que se separaram?

FLORINDA

Ora porque havia de ser?... Calças. Esta Ermelinda começou a olhar p'ra um aspirante ali da Escola e a sua senhora, como não visse com bons olhos taes olhadellas, um bello dia jogou as ultimas. E a outra abalou.

HERMINIA

Com o rapaz?

FLORINDA

Pois podera!

HERMINIA

Por isso eu nunca ouvi fallar em semelhante creatura, cá em casa.

FLORINDA

Nem admira. A dona Gabriella é assim. Não será muito de reservas, isso não; mas é d'aquellas pessoas que tanto góstam como desgóstam.

Ora a Ermelinda! E vossemecê que lhe disse?

HERMINIA

Que a senhora tinha sahido com a menina.

FLORINDA

Só?!

HERMINIA

Fallei tambem no senhor André.

FLORINDA

E ella? Ella o que disse?!

HERMINIA

Achou a senhora muito mudada.

FLORINDA

E está. Aqui estou eu que estou como ella. Tal qual como ella! Eu podia lá prevêr uma coisa d'estas! Uma creatura que dizia dos

homens o que ella dizia... Vae-se a vêr, apresento-lhe o senhor André Villar, como podia apresentar qualquer outra pessoa... Uma delicadeza... Duas entidades que se encontram na mesma sala... um dia... por acaso... E prompto! Acontece-me uma partida d'estas!

HERMINIA

Que não tem nada de mau.

FLORINDA

P'ra ella, com certeza; mas para mim, que perdi um hospede tão socegado e tão liberal como elle é?!... E depois... Eu conheço muito bem o mundo... Amanhã, quando se encontrar com a bolsa cheia, vossemecê vae vêr, passa a gastar dos grandes alfayates!

HERMINIA

Ora adeus! Então o senhor André não é seu amigo?

FLORINDA

Pois sim; mas já não é meu hospede.

Ouve-se ao longe uma busina de automovel. Depois o toque de uma campainha electrica.

HERMINIA

São elles!

Vae abrir.

Entram Gabriella e Alice com grandes braçadas de flôres e André com tres enormes caixas de chapeus.

Herminia traz as sombrinhas e os embrulhos.

GABRIELLA, *depôndo as flôres:*

Viva, viva dona Florinda. Chegou há muito tempo?

FLORINDA

Agora mesmo.

ANDRÉ, *liberto das caixas:*

Appareceu alguem?

FLORINDA

Não appareceu ninguem.

ANDRÉ

Estão por ahi amanhã. Todos juntos.

GABRIELLA

Carregadinhos de proventos para o grande lavrador?

ANDRÉ

Que uma fada, por um fio de seda, prendeu de todo á cidade.

GABRIELLA, *reverenciando*:

Gentil graça, gentil senhor! *(Para Florinda.)* Então o vestido?

FLORINDA

Está lá dentro.

GABRIELLA

Fez a mudança dos botões?

FLORINDA

Fiz tudo.

GABRIELLA

Vâmos vêr. Herminia traz' as caixas!

Sahem Gabriella e Florinda.

ANDRÉ

Caixas? Os caixotes!

ALICE, *entretida com as suas flôres:*

Esse não! E' o meu.

HERMINIA, *levando todas:*

Fica a sala mais desembaraçada. *(Para André.)* Os vidros já teem agua.

ANDRÉ

Muito previdente, esta Herminia!

HERMINIA

Já sei o costume.

Sahe.

ALICE

Vâmos arranjar as flôres?

ANDRÉ, *arregaçando os punhos:*

E' p'ra já!

E emquanto dispõem as flôres nas jarras e solitarios:

ALICE

Olhe este botão! Que lindo!

ANDRÉ

E' para si.

ALICE, *collocando-o num solitario:*

E' para todos.

ANDRÉ, *indo buscal-o:*

E se eu insistisse? *(Faz menção de lh'o collocar ao peito.)* Dê-me licença!

ALICE, *esquivando-se:*

Cuidado! Não será de mais? *(Recebendo-o.)* Gabriella póde ter ciumes.

ANDRÉ

De quê?!

ALICE

Das suas constantes amabilidades. Ainda agora um chapeu... Agora... *(Colloca o botão no peito.)*

ANDRÉ, *intimativo:*

Quer ter a bondade de se callar?

ALICE

Ui! Que susto! Eu disse alguma inconveniencia?

ANDRÉ

Quase.

ALICE

Peço desculpa. Não sabia.

Silencio.

ALICE, *apresentando uma jarra florída:*

Está bem assim, este ramilhete ?

ANDRÉ

Magnifico !

ALICE

Julguei que estivesse zangado...

ANDRÉ, *risonho:*

Já passou.

ALICE

E pósso fazer-lhe uma pergunta ?

ANDRÉ

Mas... póde sempre !

ALICE

Quando uma pessoa gósta muito de outra pessoa não lhe parece natural esta coisa do ciume?

ANDRÉ

A mim não.

ALICE

Essa é bôa!

ANDRÉ

E' assim mesmo. O ciume é coisa egoista, impropria de gente culta.

ALICE

Sério?

ANDRÉ

Muito a sério.

ALICE

E' pena.

ANDRÉ

Porquê?

ALICE

Por que já vejo que sou muito rude.

ANDRÉ

Não concórdo.

ALICE

Deixál-o! Eu não acredito que uma pessoa, sinceramente dedicada a outra, não se sinta despeitada se a vê distrahir-se com alguem.

ANDRÉ

Isso não é razoavel! E quer que lhe diga o motivo? E' por que nenhum de nós vê, aprecia ou possue a mesma creatura do mesmo módo.

Pausa.

ALICE, *maliciosa:*

Esse pensamento é seu?

ANDRÉ

E' de... Tem graça!... Não me lembra agora quem.

ALICE

Antes assim.

ANDRÉ

! . . .

ALICE

Sim senhor! Se não fôsse, causava bastante desarranjo a uma ideia que me anda a parafusar, cá por dentro.

ANDRÉ

Oh! E não poderei saber essa ideia?

ALICE

Tenho receio de ser indiscreta.

ANDRÉ

Comigo?! Não tenha.

ALICE

Palavra?

ANDRÉ

Palavra de honra!

ALICE, *indicando as cadeiras:*

Assente-se aqui... Se faz favor.
Eu sento-me aqui...
E diga-me: — é meu amigo?

ANDRÉ

Não lhe disse já?

ALICE

Quando?

ANDRÉ

Agora mesmo! Dando-lhe a minha palavra!...

ALICE

Tambem serve, p'ra este caso?

ANDRÉ, *rindo:*

Creio bem que sim!

ALICE

E acredita que eu seja sua amiga?

ANDRÉ

Porque não heide acreditar?! Não são tantas as provas? Todas de cortezia, devo esclarecer.

ALICE

Então, já se vê, muito em segredo, explique-me o que significa certa tristura que d'uma vez lhe notei, assim de repente?

ANDRÉ

Certa tristura?!... Há quanto tempo?

ALICE

Olhe! Aqui mesmo. Na semana passada. Lembra-se d'aquella noite em que tinhamos combinado ir ao cinema e depois não fômos por que principiou a chover? Eu sentei-me ali, na secretária, a lêr os jornaes que tinham chegado. O senhor e a Gabriella aqui, *(junto do fogão)* a conversarem baixinho...

ANDRÉ

Para não a distrahirmos.

ALICE

Obrigada pela gentileza.

ANDRÉ

Obrigada não. E' um dever.

ALICE

Ora havia um bom pedaço que nos entretinhamos neste passatempo exemplar, quando me pareceu que já não fallavam. Surrateiramente espreitei. E vi o senhor,

com as mãos cruzadas nos joelhos e os olhos perdidos num ponto vago, assim immovel e pesaroso... *(Exemplifica as attitudes.)* Emquanto ella, assim reclinada, contemplava o estuque do tecto.

ANDRÉ

Gabriella não lhe disse?

ALICE

Nem mesmo lhe perguntava.

ANDRÉ

Receando que não fôsse sincera?

ALICE

Ah, não! Gabriella tem, como todos nós, o seu quanto de subterfugio. Mas d'ahi a empregal-o como nórma imprescindivel não lhe reconheço feitio.

ANDRÉ

Ora ahi está uma dignificação que se póde considerar... demolidora!

ALICE

Demolidora de quê?

ANDRÉ

Do predicado que constitue uma das vossas defezas!

ALICE

Com o senhor é sempre certo.. Acabo por dizer tolice.

ANDRÉ

Deus do céo, o que p'r'ahi vae! Creia que não podia ter dito coisa que mais me sensibilisasse! *(Espanto de Alice).* Perdão! Deixe-me justificar. Deixe-me contar-lhe uma scena que minha pobre irmã relembrou num d'aquelles serões provincianos para onde a sua debil saude nos levára. Lembrou-a no mesmo logar da acção. A sala de estar, aconchegada, intima. E lembrou-a talvez por sentir que a edade não alluíra no mano certas extravagancias da juventude.

Foi numa noite em que eu, então a férias, baralhando certos costumes dos antigos Athenienses com o sonho de uma sociedade futura, propuz, para dispensa das formulas usadas na união dos sexos: — cartas de declaração, fallas da janella, passeios, pedi-

dos e outros empates, que se inscrevessem na parede de um jardim publico, construida para esse fim, as qualidades dos pretendentes.

Meu pae suspendeu a leitura do alfarrabio, minha mãe parou a dobadoira. E emquanto eu, grave e calmo, expunha a minha razão: — pois que, sendo certo, cada pretendente possuir um encanto que ao outro pretendente sobreleva em agrado, esse deve constituir sufficiente base para legalisação do contracto, o pae indignava-se, a mãe aturdia-se e a irmãzinha, com o seu sorriso de enlevo, animava-me a exemplificar:

— E assim... Um tal... André Villar, moço estudante, bem configurado e assaz ecléctico, pretendendo conjunctar-se com donzella, dona ou matrona (tratava-se de um exemplo, não fazia differença) ambiciona-a d'esta maneira:

— Elegante... Bonita... (Bonita é imprescindivel declarar, quando não, não respondem). Insinuante... Intelligente... E sobre tudo... Verdadeira.

Era talvez pedir muito... Mas emfim...

Alice

Sempre encontrou?

André

Assim o desejaria sentir... Por que, devo dizer, ás vezes encontro em Gabriella umas maneiras tão bruscas de se afastar, de se distrahir, de interromper uma conversa que... não sei... fico realmente intrigado! Na noite do cinema, por exemplo... Qual teria sido a phrase, ou palavra ou mesmo, inconsciente gesto meu...

Alice, *interceptando conciliadora*:

... Naturalmente nenhum.

André

Então?

Alice

Gabriella, é natural, quando chegou á maioridade e sahiu da companhia da mãe com o que lhe restava da legitima paterna teve quem a requestasse. Ora longe de ser a pessoa que ella precisava, isto é, que lhe

soubesse reprimir um pouco, pelo menos, os seus appetites de luxo e vida folgasã, essa creatura...

André

... Desappareceu apenas lhe ouviu manifestar a conveniencia de regularisarem a intimidade... Ella já me disse.

Alice

Offendida no seu orgulho jurou nunca mais dar attenção a quem quer que fôsse. E agora, começando a sentir o resultado d'aquelles desatinos e a difficuldade de se manter no seu proposito, teme que a considerem...

André

... Menos sincera?! *(Alice baixa a cabeça).* Que ideia!

Alice

Eu lh'a tenho combatido. Mas não há meio! Ella é assim.

Entram Gabriella e Florinda.

GABRIELLA

Não venho interromper esse namoro?

ALICE, *levantando-se:*

Já tinhamos acabado.

GABRIELLA

Fallavam de mim?

ANDRÉ

E de flôres.

GABRIELLA

Senhor! Tanta galhardia... *(Para Florinda.)* Vem amanhã, não vem?

FLORINDA

Logo de manhã. Conte comigo.

ANDRÉ

Quando teremos o prazer de apreciar essa obra prima?

FLORINDA

Depois da emenda. Uma coisa de nada.

ANDRÉ

E góstas, Gabriella?

GABRIELLA

Muitissimo! Vaes vêr como fico bonita!

ALICE

Vaidosa!

GABRIELLA

Invejosa!

Beijam-se.

FLORINDA

O senhor André manda alguma coisa?

ANDRÉ

Obrigado, dona Florinda. Até logo.

FLORINDA, *cumprimentando*:

Minha menina... Dona Gabriella...

Sahe.

GABRIELLA, *á porta da esquerda*:

Herminia! O jantar?

A VOZ DE HERMINIA

Vou vêr, minha senhora.

Ermelinda, *apparecendo de subito:*

Dão-me licença?

Gabriella, *correndo ao seu encontro:*

O quê?! E's tu?! A Ermelinda?!

Ermelinda

Sou eu, sou. Toda inteirinha!

Descem abraçadas.

Gabriella

Há tanto tempo sem noticias tuas!...

Ermelinda

E as minhas cartas?!...

Gabriella

Recebi-as todas.

Ermelinda

E nunca respondeste?

Gabriella

Bem sabes... eu... para escrever...

ERMELINDA

Nem um postal, ao menos?!...

GABRIELLA

Não foi por que não me lembrasse... todos os dias.

ERMELINDA

Mentirosa! Ingrata!

GABRIELLA, *beijando-a:*

Não digas isso.

ERMELINDA

Cuidado! Não me apresentas?

GABRIELLA

Dona Ermelinda Neves, minha amiga de collegio... Dona Alice Reis... O senhor André Villar...

HERMINIA, *á porta da esquerda:*

A sopa já está na meza. *(Dando com Ermelinda.)* Por onde entrou ella?!

GABRIELLA

Herminia! Mais um talher.

ERMELINDA

P'ra mim? Não pósso. Estou compromettida.

GABRIELLA

Ah! estás? Pois éstimo muito!

Tira-lhe a sombrinha, a mala...
Leva-lhe as mãos ao chapeu...
E o panno cahe.

2.º ACTO

Sentada á secretária, Gabriella escreve.
Um momento.
Depois, chamando para dentro:

GABRIELLA

Herminia?

HERMINIA, *entrando*:

Minha senhora?

GABRIELLA, *mostrando-lhe a carta*:

Quando a menina Alice vier almoçar entrega-lhe esta carta.

HERMINIA

A senhora não almóça em casa?

GABRIELLA, *compôndo-se*:

Já disse á cosinheira que não. Almóço com o senhor André.

HERMINIA

E demora-se?

GABRIELLA

E' provavel. Vâmos depois ao sapateiro, á loja dos espartilhos... Vâmos tambem ao homem dos moveis...

HERMINIA

Tomára já vêr a casa nova...

GABRIELLA

Fica bonita.

HERMINIA

E rica?

GABRIELLA

Cada um de nós tem o seu aposento separado... Elle, um creado... Eu, uma creada...

HERMINIA

Outra?!

GABRIELLA

Tu... se quizeres...

HERMINIA

Nada que não. Elle é muito seu amigo, não é?

GABRIELLA

Parece.

HERMINIA

Então não se vê?! Flôres... prendas... vestidos...

GABRIELLA

A modista é que não corresponde.
Dá-me a sombrinha!

Herminia vae buscar a sombrinha.
E quando entra:

GABRIELLA, *presumida, ao espelho:*

Góstas de me vêr assim?

HERMINIA, *desvanecida:*

Sempre tem cada pergunta!

GABRIELLA, *acto de partir:*

Não falta nada?... A bolsa? *(Abre uma gaveta da secretária.)* Aqui. *(Torna ao es-*

pelho. Examina a cara.) Mais um boccadinho... Fica melhor. *(Empôa-se. Aviva os labios.)* Agora sim. *(Vae sahir.)* Não te esqueças da carta, ouviste? *(Consulta o relogio da pulseira.)* Ui! Já dez e meia?!

HERMINIA

Ainda é madrugada, pelo costume...

Sahiram.

Herminia entra. Vae direita á janella. Abre-a de par em par. Quêda um momento. Sorri. E depois, deixando a janella aberta, encaminha-se para a secretária.

Toma a carta. Mira e remira o sobrescripto:

Esta agora!...

Desce com a carta na mão. Senta-se.

Que recado será este que eu não pósso dar?!

Ouve-se uma campainha electrica.

Atira a carta para cima da secretária e sahe.

A VOZ DE HERMINIA

Então vossemecê não a encontrou no caminho?!

Entram Florinda e Herminia.

Florinda, *sentando-se fatigada:*

Vim no carro, pela Avenida...

Herminia

Ah! Ella metteu pela rua abaixo, a pé.

Florinda

E aonde foi?

Herminia

A sua casa.

Florinda

Levava o vestido novo?

Herminia

E disse que almoçava com o senhor André.

Florinda

Almoçava com o senhor André? Elle acaba agora mesmo de me dizer que lhe dissesse que não podia vir senão á hora do jantar, por causa dos fazendeiros! A sua senhora sempre arranja cada embrulhada!

HERMINIA

Não diga semelhante coisa, senhora Florinda! A minha senhora não é trapalhona.

FLORINDA

Mas transtórna cada um! Julga naturalmente que todos pódem levar a vida que ella leva. Não fazer nada! Ainda... Sim... Se eu tivesse a certeza que tinha ido lá p'ra casa...

HERMINIA

Não tem a certeza? Foi o que ella disse!...

FLORINDA

O que ella disse... O que ella não disse é que é.
Olhe que não se me dava de apostar em como aquella cabeça já anda estouvada.

HERMINIA, *sentando-se junto de Florinda :*

Estouvada porquê, senhora Florinda?

FLORINDA

Por causa da outra... que nem ao menos agradeceu, quando hontem fiquei á porta á espera que ella entrasse!

HERMINIA, *galgando á secretária:*

O' senhora Florinda, vossemecê sabe lêr?

FLORINDA

Estava bem arranjada se não soubesse.

HERMINIA, *trazendo a carta:*

E' que a minha senhora deixou aqui esta carta p'r'á menina. E eu agora ainda mais desconfio.

FLORINDA

Quer dizer, a Herminia já desconfiava:

HERMINIA

Eu já. Por que hontem á noite, as duas, logo que o senhor e a outra sahiram, que a outra tambem jantou cá, fecharam-se no quarto, lá dentro, e estiveram a murmurar talvez mais d'uma hora! E a menina, quando foi p'ra cima, atirou com a porta!

Florinda

Ora ahi está!

Herminia

O sobrescripto não diz p'ra quem vae. A gente talvez podésse abril-o.

Florinda

Oh Herminia! Abrir uma carta que não é p'ra nós!

Herminia

O sobrescripto não diz nada!...

Florinda

Mas vossemecê sabe. E' um abuso de confiança.

E' um peccado, tambem.

Pausa. E depois:

Florinda

Ainda se houvesse outro sobrescripto egual...

Herminia, *correndo á secretária:*

Há muitos.

FLORINDA, *seguindo-a*

Havendo muitos...
Como este não tem nada escripto...
Nem signal nenhum...
Onde está a caixa?

HERMINIA

Aqui. Olhe!

FLORINDA

Estarão contados?

HERMINIA

Não me parece. A menina tambem se serve d'elles.

FLORINDA

Então não faz mal. (*Rasga o sobrescripto. Desdobra a carta.*) Oh que lettra tão arrevezada!

HERMINIA, *relanceando:*

Foi feita á préssa, antes de sahir...

FLORINDA

E já não vae sem oculos!

(Póstos os oculos, lê:)

«Alice. Conforme a conversa que tivemos hontem, espero que tu, esta manhã, estejas melhor dos teus nervos. Se não estiveres, peço-te que não appareças, principalmente ao André.

Tu conheces muitissimo bem as minhas actuaes circumstancias e que, se elle fôsse, por causa das tuas tolices, perceber ou mesmo desconfiar de alguma coisa, com certeza não gostaria e talvez fôsse capaz de não voltar aqui.

Eu fiz sempre o possivel para encobrir tudo e comprehendes muito bem que devo encobrir, pois não estou para que me aconteça o mesmo que já me aconteceu, encontrando-me nesse tempo, como sabes, numas condicções de vida muito differentes.

Se tu és realmente minha amiga desinteressada deves comprehender tudo isto. Sendo interessada, ainda melhor.

Repito estas coisas por escripto esperando que tu assim...

(Fallado):

O quê?... Ah!

(Lendo):

... o reconsidéres. Tua verdadeira amiga, Gabriella.»

HERMINIA

Entendeu, senhora Florinda?

FLORINDA

Perfeitamente. Foi ter com a outra.

HERMINIA

Mas ahi não diz!

FLORINDA

Era o que faltava! Deixe vêr um sobrescripto novo. *(Fecha a carta. Aprecia o trabalho.)* Nem se dá por isso! E com respeito ao velho... *(Rasga-o em boccadinhos, deita-os fóra, pela janella.)*

HERMINIA

Vossemecê é cuidadosa.

FLORINDA

Já tenho edade. E agora sabe que mais? Vou p'ra casa. Mas vâmos a uma coisa... Eu, como não gósto de andar mettida nestas intrigas, digo ao senhor André que não cheguei a vir cá... Digo-lhe que me deu uma tontura, a meio do caminho. E vossemecê...

Ouve-se o toque da campainha electrica, insistente.

FLORINDA

O que é isto?

HERMINIA

E' o toque da menina.

FLORINDA

Mau, mau... Não convém que ella me veja.

HERMINIA

Não vê. Passe ali por aquelle quarto e deixe a porta encostada. Eu vou fechal-a depois.

Sahiram.
Entram Alice e Herminia.

ALICE

A senhora?

HERMINIA

Sahiu há boccadinho. Foi almoçar com o senhor André.

ALICE

Não deixou recado nenhum?

HERMINIA, *indo buscar a carta:*

Deixou... aqui... esta carta...

ALICE, *examinando o sobrescripto:*

P'ra mim?

HERMINIA

Muito recommendada.

Num prompto, Alice percorre a vista pela carta e pergunta:

ALICE

Não disse mais nada, Herminia?

HERMINIA

Disse-me p'ra lhe servir o almoço.

ALICE

Não preciso.
Tens ahi um phosphoro?

Herminia traz uma phosphoreira de meza.
E no momento em que, no fogão, Alice chega o lume ao papel:

HERMINIA, *áparte:*

Bonito! A porta que me esquecia!

Sahe.
Entra espavorida.

O' menina Alice? Menina Alice?

ALICE, *ainda a contemplar as cinzas, num sobresalto:*

Crédo! O que é?

HERMINIA

Vem ahi aquella senhora de hontem!

ALICE

Diz'-lhe que entre.

HERMINIA

Sem a senhora cá?!

ALICE

Isso que tem?

Herminia sahe.
Entra Ermelinda.

ERMELINDA

Oh dona Alice! Como está?

ALICE

E a dona Ermelinda?

Affabilidades.

ERMELINDA

Então a Gabriella?

ALICE

Madrugou. Foi á modista. Almóça com o André.

Não se assenta?

ERMELINDA, *sentando-se*:

E eu que vinha convidal-a para almoçar comigo...

ALICE, *sentando-se:*

Almoce cá. Almoçâmos as duas.

ERMELINDA

Seria talvez... confiança de mais.

ALICE

Confiança de mais?! Uma amiga tão antiga!

Ermelinda

Diga antes: — afastada.

Alice

Pelo destino. O que não implica que se desperdicem os momentos que se proporcionam. Depois... eu sei... Gabriella até ficaria menos pesarosa...

Ermelinda

Não duvído. Gabriella é realmente muito agradavel, muito amavel...

Alice

Vê!

Ermelinda

Mas não devo. Hoje sou apenas uma creatura que pássa.

Alice

Não diga isso! Será sempre uma das suas melhores amigas... se não a melhor.

Ermelinda

Oh! Tem a certeza?

ALICE

Ella o tem declarado, varias vezes.

ERMELINDA

Na intimidade...

ALICE

E em publico.

ERMELINDA

Fômos realmente muito amigas. Duas irmãs... Ou melhor... Duas camaradas que se comprehendiam. Fômos assim desde o nosso primeiro encontro, no convento. As conversas que nós tinhamos... na cêrca... sempre distantes das outras!... Os projectos!... A ancia de liberdade!... A dedicação!... Lembra-me tão bem!... Uma vez as irmãs castigaram-me. Dois dias a pão e agua... lá em cima... no segredo ao pé da Torre. Pois durante esse castigo, a Grabriella, altas horas da noite, pela escuridão... descalça e quase nua... subiu lá cima com a sua merenda!

ALICE

E' muito captivante, essa aventura!

ERMELINDA

Não é?

Quando sahimos do convento e nos encontrámos depois, cá fóra, um pouco nas mesmas condicções de familia, a nossa amisade ainda mais se fortaleceu.

ALICE

E passáram a viver juntas?

ERMELINDA

Uma vida deliciosa! Um encanto!

ALICE

Que se quebrou, afinal?

ERMELINDA

Sabe porque foi?

ALICE

Vágamente.

ERMELINDA

Uma loucura da minha parte. Reconheci depois. Mas tambem ella é que teve a culpa. Começou logo a disparatar... a dizer que

se tinha sacrificado por minha causa... Quando não era bem assim... Ella é que se aborreceu d'elle. — E para quê? Para hoje não pensar do mesmo modo?

ALICE

As circumstancias devem ser algum tanto differentes. Gabriella já tem edade para cuidar no futuro. O palminho de cara depréssa se vae embora e ainda que o coração persista, anda escondido, não básta!

ERMELINDA

Sim... Por esse lado...

ALICE

E depois comprehende... Quando duas pessoas se estimam, como as duas se estimavam, e um bello dia uma vem a saber que a outra não corresponde, em absoluto, á sua amisade...

ERMELINDA

... Mas temos o perdão!

ALICE

... Que não acóde repentino. Que muitas vezes apparece quando já é tarde.

ERMELINDA

Como a policia.

ALICE

Isso!... Como a policia.

Riem-se.

ERMELINDA

E parece-lhe que já é tarde?

ALICE

A respeito?

ERMELINDA

Do perdão.

ALICE

A quem?!

ERMELINDA

A mim.

ALICE

A si?! Ah, não! Não fallava de si.
Não viu a maneira como foi recebida hontem? Ainda quer maior esquecimento?

ERMELINDA

Das pessoas presentes, talvez.

ALICE

Deu-lhe essa impressão?...

ERMELINDA, *sorrindo:*

E' brincadeira.

ALICE, *correspondendo:*

Acredito.

E depois de um silencio:

ERMELINDA, *levantando-se:*

O que eu nóto na Gabriella é uma grande mudança... em tudo!

ALICE

Mudâmos muito com a edade.

ERMELINDA

E bastante com as influencias.

ALICE

Tambem.

ERMELINDA, *andando pela sala:*

Básta olhar para este cuidado... esta arrumação... Flôres... Confôrto.... Um caseirismo fóra dos seus habitos!

ALICE

E que eu já vim encontrar.

ERMELINDA

Naturalmente já andava preoccupada com o seu... futuro estado.

ALICE

Ainda não.

ERMELINDA, *estacando:*

Ah! Foi depois de a conhecer que ella conheceu o André?

ALICE

Dois mezes depois.

ERMELINDA

E foi... Perdôe-me esta minha figura de juiz... Foi por vontade propria que ella se decidiu?

ALICE, *indecisa:*

Por vontade propria...

ERMELINDA

Por instigação sua?

ALICE

E' excessiva. Alguns conselhos...

ERMELINDA, *sentando-se:*

E é muito amiga de Gabriella?

ALICE, *convicta:*

Muito amiga.

ERMELINDA

E sendo assim — muito amiga — não lhe dá certo chóque vêl-a partir?

ALICE

Não dá. Fiquei orphã de mãe ainda muito nova. Meu pae, é a sua vida, sempre embarcado. E eu sempre só, a cuidar da casa, a olhar por mim... Tenho a experiencia do infortunio, a consciencia do que convém ou não convém. E portanto o cui-

dado de não impedir com a minha egoista amisade o bem estar de quem o necessita.

ERMELINDA, *brincando com a ponteira da sombrinha no tapete:*

E a Gabriella tambem pensa d'esse modo?

ALICE

Sem dúvida.

ERMELINDA, *levantando-se:*

Perdi para sempre uma excellente amiga.

ALICE

Isso não!... O que veiu encontrar na mesma amiga foi uma outra amiga... ainda mais excellente!

ERMELINDA

Desde que não é a mesma... Depois... tudo isto... assim... tão diverso...

ALICE

Está como deve estar, dentro da vida.

ERMELINDA

Ou dentro da morte... para a vida.

ALICE

Que levou durante certo tempo, concórdo.

ERMELINDA

Era má?

ALICE

Muito bôa não me parece.
Porque sorri?

ERMELINDA

Pela scena de contraste que temos estado a representar, quando o nosso fundo de amisade é o mesmo!

ALICE

E se não fôsse?!

ERMELINDA

Tanto peor. Denunciaria um calculo... astucioso.

ALICE

Por parte de quem?

ERMELINDA

Da menos sincera.

ALICE

Engana-se! O que sempre serei é a zeladora do bom viver de uma pessoa que muito estimo!

ERMELINDA

André?

ALICE

Não comprehendo a insidia.

ERMELINDA

Ou a verdade?

ALICE, *levantando-se de gólpe:*

Mente!

ERMELINDA

Grosseira expressão!

ALICE

E' o que merece quem pretende afastar do bom caminho a pessoa de quem se diz amiga!

ERMELINDA

E' a attitude facil de quem vê perante si a creatura que destruiria tudo isto!

ALICE

Se não encontrasse alguem para lhe dizer que sahisse!

ERMELINDA

E esse alguem?...

ALICE, *avançando:*

Eu mesma!

ERMELINDA, *alçando a sombrinha:*

Oh! Isso não!

Violento corpo a corpo.

GABRIELLA, *entrando, interpôndo-se:*

Alice! Ermelinda! Que é isto?!

HERMINIA, *correndo a fechar a janella:*

Crédo! Santo Deus! Já viram uma coisa assim?!

ERMELINDA, *sahindo:*

Gabriella! Pássa bem com a tua gente!

GABRIELLA, *detendo Alice:*

Ermelinda! Escuta! Ermelinda?

ALICE, *segura por Gabriella*:

Chama por ella! Anda! Corre!

GABRIELLA, *sentindo que Alice lhe fóge:*

Não! Não! Fica!

ALICE, *desprendendo-se:*

Larga-me! Deixa-me!

Sahe fugida.
Herminia persegue-a.

GABRIELLA, *implorando*:

Alice! Alice!
(Desfallece a meio da sala.)

HERMINIA, *entrando, acudindo*:

Ai a minha senhora! A minha rica senhora! *(Soleva-lhe o corpo.)* Tão linda! *(Beija-lhe as faces.)* Tão maltratada!

E o panno cahe rapidamente.

3.º ACTO

Herminia entra pela porta do fundo.
Florinda pela esquerda alta.

HERMINIA

Já se vae embora, dona Florinda?

FLORINDA, *compôndo-se*:

Já dei conta do meu recado...

HERMINIA

Deante da senhora?

FLORINDA

Não. Aqui. Emquanto ella sahia da cama.

HERMINIA

O quê?! Já se levantou!?

FLORINDA

E mesmo já se vestiu. Ella queria que a Herminia lá fôsse; mas como o senhor

André lhe deu a desculpa que vossemecê tinha ido comprar cigarros...

HERMINIA

E a senhora Florinda que lhe disse a elle?

FLORINDA

Que a outra desandou hontem mesmo para o Porto.

HERMINIA

Não lhe disse a resposta que ella deu á creada do hotel, quando lhe disseram que a minha senhora tinha lá estado?

FLORINDA

Era talvez de mais...

HERMINIA

Deixal-o! Eu cá dizia.

FLORINDA

E' que tambem não tive tempo. A dona Gabriella chamou por elle. E a menina?

HERMINIA

Ora a menina... Eu só queria que a dona Florinda a visse quando ella me viu á porta!

FLORINDA, *arrependida*:

Podia ter subido comsigo.

HERMINIA

Pois podia. Aquillo estava que nem uma Magdalena! Os olhos pisados de chorar.... os cabellos cahidos... Quando deu de cara comigo ficou tão pasmadinha que nem disse uma nem duas!

FLORINDA

E vem?

HERMINIA

Foi-se logo arranjar.

FLORINDA

Oxalá que tudo isto se harmonise!

E emquanto Herminia vae accommodando na *chaise-longue* os almofadões que traz de dentro:

FLORINDA

Mas, oh Herminia? Como é que o senhor André veiu a descobrir tudo isto?

HERMINIA

Fui eu que lhe contei. *(Admiração de Florinda.)* Por causa do doutor que desconfiou da coisa. Achou aquillo um grande abalo... Ai, que nome foi que lhe deu?... Emfim, não me lembra. E d'ahi, depois d'elle sahir, o senhor André arranjou conversa. Eu, a dona Florinda comprehende, coisas passadas entre mulheres, os homens não teem nada com isso. Mas não sei, sentia cá por dentro uma raiva tão grande contra a outra...

FLORINDA

Ella não veiu cá senão p'ra palpitar...

HERMINIA

Palpitar em que sentido, senhora Florinda?

FLORINDA

A vida da sua senhora. Esta gente que não tem cuidados sabe tudo quanto se passa.

HERMINIA

E fez-se tanto de novas!

FLORINDA

Podera! Representou melhor. E elle? Elle o que disse?

HERMINIA

Não disse nada. Sentou-se aqui, nesta cadeira... *(Senta-se.)* Tal qual como eu estou agora... *(Cabeça entre as mãos, cotovellos nos joelhos.)* E depois, quando se levantou *(Levanta-se.)* disse-me assim: — Olhe, ó Herminia! vossemecê arranja um moço p'ra levar á senhora dona Florinda uma carta que eu vou escrever...

FLORINDA

Era o recado p'ra ir espreitar a outra.

HERMINIA

... Sim, elle não disse p'ra que era. E amanhã de manhã, que era hoje, vossemecê háde ir lá cima levar tambem um bilhete meu á senhora dona Alice. Escusa de dizer que a senhora está doente. Ou já lhe disse alguma coisa? Eu não senhor, não disse nada! Então já sabe. E ficámos nisto.

FLORINDA

Veja lá como ellas se arranjam!

HERMINIA

E' verdade!

Na consóla, o relogio começa a dar horas.

FLORINDA, *indo vêr:*

Já meio dia! Deixa-me ir embora.

Sahem.

Entra André.

ANDRÉ, *sempre em voz baixa:*

Herminia?

HERMINIA, *entrando, mesmo tom:*

Senhor André?

ANDRÉ

Então?

HERMINIA

Não tarda ahi.

ANDRÉ

Bem. E' preciso estar de atalaia, por causa da porta.

HERMINIA

Não tenha cuidado, desce pela escada de salvação.

ANDRÉ

Ainda melhor. O resto... vossemecê já sabe...

HERMINIA

Não háde haver engano.

ANDRÉ, *no acto de sahir*:

Ah! Outra coisa... Se a senhora perguntar onde foi...

HERMINIA

... Fui comprar cigarros. — Disse-me a modista. — *(Alto.)* Oh, a senhora!

Acódem ao seu encontro.

ANDRÉ

Olha que imprudencia!

HERMINIA

Não podia ter chamado?

Trazem-na para a *chaise-longue*.

GABRIELLA

P'ra quê? Já estou boa!

HERMINIA

Mas ainda fraquinha. Quer o leite?

GABRIELLA

Mais tarde. Eu digo. Coitados! Os dois... Que maçada!

HERMINIA

Ora esta minha senhora...

Sahe.

ANDRÉ

... Tão impertinente!

Senta-se junto de Gabriella.

GABRIELLA

Sabes o que me appetecia agora?

Segréda.

ANDRÉ, *recuando:*

Não estarás fraca?

GABRIELLA

Não estou, não. E' mesmo um signal de melhoras, não é?

ANDRÉ

Dizem que sim. *(Abre a cigarreira.)* Toma lá! *(Acende um phosphoro.)* Lume prompto!

GABRIELLA

Sabe-me bem. *(E depois de um momento.)* Que te disse o doutor?

ANDRÉ

Um pouco de nervos... Alguma fadiga... Naturalmente toda esta canceira por causa da casa nova... Com este calor...

GABRIELLA, *sorrindo:*

Falta de costume.

ANDRÉ

Impaciencia, tambem. E agora, o que deviamos fazer... *(Accentuando.)* O que elle mesmo aconselhou... Esta semana ainda é cedo; mas para a semana, lá para o final?

Deviamos procurar uma praia socegada, uma casa soalheira e deixarmo-nos por lá ficar até Outubro.

GABRIELLA

. . .

ANDRÉ

Não te agráda?

GABRIELLA

Sim... Agráda... Mas todo este trabalho que têmos tido?

ANDRÉ

Espéra por nós. Muito quietinho. Ou, se em vez da beira-mar preféres o campo, vâmos para o campo. Conheço um bello palacio antigo, bem conservado. Fica num alto. E' delicioso! As noites é que parecem mais compridas... Mas levâmos livros, muitos livros... Cigarros, muitos cigarros... Podemos tambem levar um gramophone.

GABRIELLA

Para concertos á luz da lua?

ANDRÉ

Estou vendo, toda aquella gente embasbacada a ouvir a machina fallante! Não era bom? E por ultimo... por que os ultimos são sempre os primeiros... levávamos tambem a Alice.

GABRIELLA

A Alice?!

ANDRÉ

Porque não? Por esse tempo tu já não deves estar zangada com ella...

GABRIELLA

E quem te disse que eu estava zangada com ella?

ANDRÉ

A sua ausencia.

GABRIELLA

E se estiver doente?

ANDRÉ

O teu silencio.

GABRIELLA

Unicamente?

André

Parece-me até de mais!
Alice é boa menina, é muito tua amiga.
Nunca teria comtigo uma questão definitiva.

Gabriella

E como sabes tu que ella é assim, tão minha amiga?

André

Pelas conversas que temos tido. Por exemplo, a ultima, aqui mesmo, emquanto dispunhamos estas flôres.

Gabriella

E' pouco.

André

E por outras coisas que sei.

Gabriella

Que sabes, como?

André

Como se sabe tudo.

Gabriella

Por denuncia?

ANDRÉ

Por indagações. *(E perante o gesto de Gabriella.)* Achas improprio? Tambem eu. Mas que queres? O medico observou; disse de sua justiça... Sômos amigos velhos, é de toda a confiança. E eu depois, ancioso, procedi... discretamente.

GABRIELLA

E que vieste a saber?

ANDRÉ

O que se tinha passado.

GABRIELLA

E concluiste?...

ANDRÉ

... Que em breve estarias alegre, satisfeita, bem disposta.

GABRIELLA

Ah, não! Não é possivel!

ANDRÉ

Porquê?

GABRIELLA

Não sei. Parece-me. Nenhum de vocês assim pensa; assim é capaz de pensar!

André

Inicialmente? E' natural. Mas depois, pela razão, quando ella nos pergunta o que sômos para assim nos arbitrarmos censôres e ainda, se pelo facto de querermos que os outros correspondam em absoluto ao nosso pensamento, não nos arriscâmos a tornar a propria vida insipida, vem a dúvida retrahir a nossa furia instinctiva. E' o momento solemne! O momento em que ella, consciente da nossa humildade e fraqueza, pássa a dizer quanto sábe a respeito do mal que se apresenta. Expõe theorias, mostra figuras, descreve dramas, comedias — o diabo! — e perante a insignificancia das regenerações obtidas, acaba por nos convencer da nossa incapacidade para corrigil-o e conduzir-nos a um indulgente abandono ou a uma tolerante resignação.

Gabriella

Que mais tarde nos arriscâmos a perder, tambem.

André

Convertida em hábito? Perfeitamente de accôrdo!

GABRIELLA

E dize-me André, pensaste assim, logo de momento?

ANDRÉ

Não!

GABRIELLA

E's meu amigo!

ANDRÉ

E acceitas?

GABRIELLA

O quê?

ANDRÉ

Cabecinha tonta! O meu plano?

Entretanto, á porta do fundo, Alice e Herminia apparecem.

GABRIELLA

Não sei. E' preciso fallar... Ella talvez não póssa... Talvez não queira...

ANDRÉ

Talvez não póssa... Talvez não queira... *(Para Alice.)* Não é verdade que quer?

ALICE, *descendo ligeira:*

Quero sim!

GABRIELLA, *erguendo-se de repente, acolhendo Alice nos braços:*

Mas isto é uma traição! Isto é...

ANDRÉ

... O remate natural de um caso sem importancia!

GABRIELLA, *tapando-lhe a bocca:*

Oh!

E emquanto o panno vem descendo, vê-se Herminia levantando os almofadões que resvaláram.

Helena em casa de Ulysses

Composto e impresso na Tip.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Do mesmo auctor:

Theatro:

Uma tragedia... horripilante!
Um entremez... de cordel.
A comedia irreverente.
Uma gente irregular.
Helena em casa de Ulysses.

Contos:

A vida simples.
O casal do caruncho.
A boa amiga.

EDUARDO PEREZ

HELENA
EM CASA DE
ULYSSES

COMEDIA

LISBOA

TYP. DA LIVRARIA FERIN
R. Nova do Almada, 74

1920

A

Augusto de Lacerda

FIGURAS

O prologo.
Ulysses.
Menelau.
Telemaco.
Helena.
Penelope.
Euryclea.
Alcippe.
Duas tocadoras de flauta.

ANTES DO PANNO SUBIR

O PROLOGO
(de tunica branca)

Senhoras e senhores, *salvé!*

Eu, Marco Antonio Portucalense, director da companhia que vae ter a honra de vos apresentar a comedia intitulada:

Helena em casa de Ulysses

venho declarar o seguinte:

— Firmado no que diz Terencio no prologo do Eunuco, isto é: — que em consequencia de tudo estar dito nos temos de cingir a bem redizer — o auctor colheu em Homero e Euripedes a ideia para esta sua comedia; depois desenvolveu as scenas conforme o seu engenho; e aqui vem apresental-as, na esperança do vosso applauso, se as encontrardes nos moldes verdadeiros, ou na do vosso conselho para melhor as emendar.

A comedia, que pelo seu pouco movimento e minima acção, podemos considerar *stataria*, representa-se á moderna, sem mascara e sem cothurno, e acompanhada por flautas eguaes e deseguaes, direita e esquerda.

E agora, intercedendo junto de vós para que o vosso esclarecido espirito dispense, mais uma vez, aquella benevolencia que sempre dispensaes ás figuras que se apresentam modestas, concedei-me que dê o signal para principiar o espectaculo.

Cumprimenta e sahe.

SÓBE O PANNO

Logar da acção

Em Ithaca, na casa de entrada do palacio do rei Ulysses, na primavera.

Duas portas, direita e esquerda, abertas de par em par.

Meza de tres pés, redonda e larga, dois tamboretes, um canapé e duas cadeiras de espaldar.

Comedia

Preludio de *flautas* nos bastidores.

Terminam no momento em que, pela porta da esquerda, *Euryclea* entra.

Euryclea, a creada velha, depois de pousar em cima da meza a salva com os acepipes e um braçado de flôres, arrasta a meza para o meio da scena. Pássa-lhe a palma da mão, como quem pretende saber se estará suja de poeira. Limpa-a com um panno que traz ao hombro.

E quando começa a collocar de certa fórma os acepipes e as flôres, *Alcippe,* a creada juvenil, apparece á porta da esquerda e pergunta de lá:

ALCIPPE

Eurycleа?

EURYCLEA

Alcippe?

ALCIPPE

Duas será bastante?

EURYCLEA

Duas taças p'ra cinco pessoas?!

ALCIPPE

Não digo taças, digo infusas.

EURYCLEA

Ah! Sim, são bastantes.

Alcippe sahiu.

E depois de um momento, trazendo uma infusa ao hombro e a outra no quadril:

ALCIPPE

Ellas aqui estão! — Onde ficam?

EURYCLEA

Aqui. Ao pé da meza. — E as taças?

ALCIPPE

Não pósso trazer tudo ao mesmo tempo.

EURYCLEA

Mas pódes andar mais depressinha.

ALCIPPE

Lá isso pósso.

Sahe correndo.

E quando entra, com as taças numa salva, diz, ao approximar-se da meza :

ALCIPPE

Bravo! Bravo, senhora Euryclea! Isto é que se chama um capricho de meza!

EURYCLEA
(tomando as taças, uma por uma)

Vê se aprendes!

ALCIPPE

Estou aprendendo, para as minhas bôdas.

EURYCLEA

Antes fôsse para boa serva. Mas hoje em dia, boas servas...

Alcippe

Não se zangue comigo, Euryclea!

Euryclea

Eu não me zango. Cada um tem lá o seu feitio. Agora o que digo é que, de um momento para o outro, Plutão lembra-se de mim, que já tenho edade para isso, e se os senhores te mandarem para o meu logar e perceberem que tu não sabes dar conta do recado, logo dirão: — Já viram como aquella Euryclea ensinou a moça?

E a sua saudade por mim converter-se-á em resentimento.

Alcippe

Que não merece. Euryclea vive nesta casa há muitos annos. Foi ama do nosso amo Ulysses. Ajudou a crear Telemaco. Eu cheguei outro dia do campo. E a gente lá no campo não está acostumada a lidar com pessoas de tanta categoria, *(apontando a meza)* nem com estas coisas tão finas!

Euryclea

... que tu já sabes apreciar

ALCIPPE

Lá isso sei.

EURYCLEA

Principalmente tratando-se de espelhos.

ALCIPPE

Euryclea já me viu a olhar para algum espelho?!

EURYCLEA

Ainda há bocadinho, nos aposentos de Penelope.

ALCIPPE

Olha a grande coisa! Apenas para um confronto...

EURYCLEA

Com quem?

ALCIPPE

Com Helena.

EURYCLEA

Jupiter sublime! Que estou eu ouvindo?!

ALCIPPE

A verdade. Mas descanse que fiquei mal.
— Ella é tão bonita, pois não é, Euryclea?!

EURYCLEA

Não digo que não, Venus me defenda! Mas tambem digo que já foi mais.

ALCIPPE

No tempo da guerra de Troia?—E o marido já era assim?

EURYCLEA

Tinha aquelle feitio um pouco curvado. — Mas foi sempre uma excellente pessoa.

ALCIPPE

Então porque fugiu ella?

EURYCLEA

Por que as deusas determinaram.

ALCIPPE

Tem graça! Não sabia.

EURYCLEA

Há muita gente que não sabe. A mim, quem me disse tudo, foi um rhapsodo de barbas brancas que passou uma vez por ahi. Vinha pela mão de um rapazinho, por que era cego. E o perfume do mel do Hymetto recendia das historias que contava.

ALCIPPE

E vossemecê não m'as conta a mim?

EURYCLEA

Pódem vir os senhores, de repente.

ALCIPPE

(indo espreitar)

Não veem não, Euryclea.

EURYCLEA

(sentando-se)

A coisa partiu das tres deusas: — Juno, Venus e Minerva andarem sempre de birra por causa das respectivas formosuras. A principio, Jupiter não lhes ligava importancia. A discordia não passava de palavras. Mas uma vez em que as foi encontrar quase engalfinhadas chamou Mercurio e disse-lhe assim: — Olha, meu filho, tu vaes á Phrygia... Sabes onde é a Phrygia? — Sei sim, meu pae. — Pois tu vaes á Phrygia e procuras Páris Alexandros, o filho do rei Priamo. Vaes de manhãsinha, á hora em que o moço anda a guardar os rebanhos do pae e dize-lhe estas palavras lisongeiras: — Páris, pastor bello, Jupiter, teu Deus e meu

Soberano, manda-te este pômo de oiro, (eu já t'o dou) e ordena-te que venhas assistir ao banquete que Elle, em apreço da tua formusura e galhardia, vae hoje dar no Olympo. Nesse banquete tens de decidir qual das tres deusas é a mais bella. E aquella que o fôr receberá de tua mão este presente.

Ora as deusas, apenas o banquete acabou, fecharam-se com o moço no gyneceu e despiram-se todas as tres.

ALCIPPE

Despidas todas despidas?!

EURYCLEA

Eram deusas, não fazia mal.

Juno offereceu-lhe o reino da Asia: Minerva garantiu-lhe que todas as batalhas ganharia: mas Venus, que se deixou ficar para traz, começando por lhe dizer que elle era um mancebo realmente bastante bonito, que tinha uns lindos olhos, uns dentes magnificos e uns labios mais proprios para beijar donzellas da cidade do que raparigas do campo, acabou por lhe prometter muita ventura e ainda maior riqueza se elle a declarasse vencedora.

Alcippe

E o rapaz que respondeu?

Euryclea

Nada.

Alcippe

Palerma!

Euryclea

Foi o que Venus lhe chamou. E d'ahi, como elle continuava calado a deusa foi-lhe dizendo ao ouvido que uma certa pessoa, filha de Jupiter e Leda, todos os seus bens repartiria com elle, se elle a pretendesse para esposa. Então o rapaz quiz saber quem era. — Helena, disse Venus. — Mas Helena é casada com o rei Menelau! — Que importa, respondeu a deusa, se está perdidinha por ti!

E começou a vestir-se.

Ora, o moço, muito encolhido, olhava para Venus que se vestia. Olhava só, não dizia nada. Mas apenas percebeu que ella ia para encobrir o que restava da sua nudez, cahiu-lhe aos pés e perguntou: — Dizei Venus,

Helena é assim tão bella? — Assim tal qual, respondeu a deusa.

E o moço entregou-lhe o pômo.

ALCIPPE

E depois?

EURYCLEA

Depois, Venus ensinou-lhe a maneira de fugir com Helena. Aproveitariam uma ausencia de Menelau.

Quando os dois iam já muito longe, lembraram-se que não tinham dinheiro para o caminho. Então Helena voltou atraz.

E o rei Menelau apenas chegou e não viu a mulher, nem o dinheiro, deu por paus e por pedras. E foi logo ter com o irmão, Agamemnon, o rei dos reis, que mandou chamar os outros chefes. Vieram depois todos aqui, a casa do nosso amo Ulysses. Fallaram muito, discutiram muito... E a guerra durou dez annos.

ALCIPPE

Morreu muita gente, pois não morreu, Euryclea?

EURYCLEA

Familias inteiras. E aquelles que não morreram passaram muitos trabalhos.

ALCIPPE

O nosso amo, por exemplo.

EURYCLEA

Que chegou a estar nos Infernos! E todos aquelles que não passaram trabalhos soffreram desgostos, inclemencias... Ahi tens tu, Penelope...

ALCIPPE

Telemaco...

EURYCLEA

E até eu! *(Sussurro de vózes).* — Parece-me que veem ahi...

ALCIPPE
(indo vêr á porta da direita)

São elles são, Euryclea.

Nos bastidores, *as flautas* tócam.

Euryclea inspecciona a meza, *Alcippe* ageita as cadeiras...

Entram: — *Helena e Penelope, Menelau e Ulysses.*

As flautas deixam de tocar.

HELENA
(para Penelope)

Tomára já vêl-o.

PENELOPE

Não deve tardar. O carro é de confiança, os cavallos são ligeiros...

MENELAU
(para Ulysses)

Achas pouco ?! — Duzentas ovelhas, seiscentos pórcos, colheitas promettedoras...

ULYSSES

Arrancadas, positivamente arrancadas, d'esta montanhosa Ithaca...

MENELAU

Lá sobre esse ponto a minha Lacedemonia é bem melhor.

ULYSSES

E' uma delicia! Planices extensas, o trevo em abundancia, o lodão, a aveia, a cevada, o trigo! Um verdadeiro mimo! — E depois se tu visses como aquelles malditos pretendentes deixaram tudo isto!

PENELOPE

Uma dôr d'alma!

HELENA

(abraçando Penelope).

Por minha causa...

PENELOPE

Oh Helena!

HELENA

Sabes? Era o que me custava... o teu resentimento para comigo.

PENELOPE

Resentimento porquê?! Acaso não acreditas no meu respeito pelos nossos deuses?!

HELENA

Acredito; mas que queres? Sempre que Menelau me dizia: — Helena, Ulysses chegou, deviamos ir visital-o, eu calava-me. Um dia dei-lhe conta do meu receio. Se tu visses o assombro d'elle! Lembras-te, Menelau?

MENELAU

De quê?

HELENA

Da cara que fizeste quando te disse...

MENELAU

A cara? O coração é que vocês deviam ter visto! Foi á noite, á hora de nos recolhermos. Se não me encósto á humbreira da porta cahia p'r'ali sem sentidos!

ULYSSES

Um guerreiro da tua envergadura!

MENELAU

Queria-te vêr, assim de repente! — E disse-lhe por estas mesmas palavras: — Mas, oh Helena! tu não conheces Penelope?! Ignoras a grande alma que se occulta naquelle peito de esposa sacrificada? Não te lembras do cuidado que ella teve em mandar aqui, apenas chegámos, o seu dilecto filho para saber noticias do marido ausente em parte incerta? Isto no proprio momento em que toda aquella cáfila de pretendentes á sua mão de viuva provavel impunha uma resolução terminante!...

HELENA

Pobre amiga! Tecendo de dia, desmanchando de noite, o véo para as novas bôdas...

Ulysses

E se vocês presenceassem as suas desconfianças quandó entrei em casa... A minha velha ama que lhes diga!

Euryclea

Eu tinha a certeza que era o meu menino. Tinha-lhe visto a cicatriz na perna.

Ulysses

A ferida que me fez o javali, aos quinze annos.

Penelope

Pois sim. Mas um pobre de pedir que bate a uma porta e, apezar da boa acolhida, derróta logo de entrada o mendigo Irós e não só derróta o mendigo, como se dispõe a trucidar quem não pertença á familia, não é tão miserando como parece! Podia muito bem ser um novo pretendente, mais fórte e mais atilado!

Menelau

Louvavel precaução de matrona honesta!

Ulysses

Enfim... Máguas passadas. Agora apenas pretendemos que os Deuses nos deixem viver em paz...

MENELAU

Para cuidarmos das nossas terras...

HELENA

Casar Telemaco...

ULYSSES

O que será bastante difficil...

MENELAU

Essa agora!

ULYSSES

E' assim mesmo.

HELENA
(para Penelope)

Verdade?!

PENELOPE

Ulysses exaggera.

ULYSSES

Absolutamente nada! — E' a creatura mais hesitante que tenho encontrado sobre o assumpto.

MENELAU

E eu comprehendo. Aprecia o exemplo materno. Pretende obter semelhança.

PENELOPE

Devéras amavel, Menelau.

MENELAU

Digo o que penso, minha senhora. — O moço tem toda a razão.

ULYSSES
(baixo)

Menelau, toma cuidado! — Nem todos os sentimentos se declaram. Muito menos em certas occasiões.

MENELAU
(baixo)

Offendi tua esposa?

ULYSSES
(mesmo)

Antes pelo contrario.

MENELAU
(mesmo)

Então porque me censuras? — *(Afastando-se)*. E' a tal mania das subtilezas...

PENELOPE
(para Helena)

... Não digo que o meu coração de mãe não se regosije. Mas o tempo pássa, temos

de olhar á descendencia. Sempre que lhe apresento estas considerações agarra-se a mim a beijar-me, a dizer que já não gósto d'elle, que já não preciso da sua companhia...

HELENA

E' a felicidade, um filho assim! Concederam-me os Deuses apenas uma filha, Hermione, a dos cabellos de oiro. As filhas não são para nós d'esse modo acarinhadoras. Casam-se. Pertencem aos maridos. A minha diz que é feliz com o filho de Achilles... Não sei...

ALCIPPE

(á porta da direita)

Vem ahi Telemaco!

Ouvem-se *as flautas.*
Telemaco apparece.

TELEMACO

(estacando)

Oh!

PENELOPE

Helena e Menelau que chegaram pouco depois da tua sahida.

TELEMACO
(para Penelope)

Porque não mandaram recado ao caminho? *(para Helena).* — Voltaria para traz. Era o meu dever.

HELENA

Tivemol-o sempre presente. Fallámos muito de si.

ULYSSES
(para Telemaco)

E de maneira que te compete celebrar o dom da sua visita.

(apontando Helena)

Ella diz que nos fez soffrer! E é ella quem nos rejubila!

Approximaram-se da meza. Colhem os acepipes. Iniciam as libações. E emquanto assim festejam, agrupam-se: — *Penelope, Menelau* e *Ulysses* — *Helena* e *Telemaco.*

TELEMACO

Não sei como deva, senhora minha, render graças a esta surpreza! Maravilha foi para mim, maravilha ainda maior do que

aquella que senti quando, á procura de novas de meu pae, alcancei a vossa porta hospitaleira e os meus olhos perdidos de lagrimas tiveram a fortuna de vos encontrar, descendo dos vossos aposentos. Vinham comvosco as vossas servas. Era a magestade de Diana que se approximava! Fallastes! Ouvi Minerva! Reconhecestes-me! Fiquei-vos gráto! Tinheis-me visto, em pequenino, ao cóllo de minha mãe.

Depois, com a mesma graça da deusa casta, deitastes na taça umas gôtas d'aquelle balsamo que tem o condão de banir a tristeza e o rancôr da nossa alma, arrancar da nossa mente os pensamentos que nos amofinam. Offerecestes-me de beber...

HELENA

... Como vos offereço agora.

TELEMACO

Mas as gôtas d'aquelle balsamo tiveram condão muito diverso.

HELENA

E qual?

TELEMACO

Firmarem, para todo o sempre, a vossa imagem no meu sentimento.

HELENA

(para Penelope)

Não te parece, Penelope, teu filho um pouco fatigado pela jornada?

PENELOPE

Euryclea e tu, Alcippe, ide preparar o banho tépido.

Euryclea, Alcippe, e depois *Telemaco*, sahem pela porta da esquerda.

HELENA

Como elle está bello, e forte, e gentil! Phœnix o creou a tuas occultas, minha boa amiga!

PENELOPE

Quanto me orgulham as tuas palavras, querida Helena!

Sahiram.

ULYSSES

Sempre insinuante, tua mulher, sempre o mesmo encanto!

MENELAU

Deixa estar que pela que te diz respeito...

ULYSSES

No sentido caseiro, concordo.

MENELAU

Brejeirote! Tens saudades de Calypso.

Sentaram-se.

ULYSSES

Não. Calypso é uma deusa, perfeita, regular, agradavel nos primeiros tempos; mas depois... *(Gesto de enfado).* — Uma vez, farto, fartissimo, das suas malquerenças por causa de Penelope, disse-lhe estas palavras terminantes: — Tens razão, és uma deusa, ella uma simples mortal. Mas é minha mulher. Quando deixei a minha casa veiu acompanhar-me ao caminho. Trazia o nosso filho nos braços. Sorria para elle, chorava para mim. E' a minha mulher, habita a minha patria e nada existe mais bello, sabes tu, oh Deusa absorvente! nada existe mais bello do que a nossa mulher, na nossa patria, junto dos nossos filhos!

MENELAU

E ella?

ULYSSES

Não percebeu.

MENELAU

E' estupida.

ULYSSES

E' uma deusa.

MENELAU

E Circe?

ULYSSES

Circe nunca existiu. Circe foi p'r'ahi inventada por qualquer trovador galhofeiro.

MENELAU

Mas Nausicaa existe.

ULYSSES

Nausicaa! Nausicaa, meu velho amigo, é a virgem pura, a belleza moral! Basta-me fechar os olhos para encontral-a como a encontrei á beira do rio, quando eu, extenuado e repellente de tanto limo collado a mim, não podia acreditar que as suas pala-

vras de carinho e alento fôssem de figura terrena! Vejo-a a estender-me os braços brancos como os da propria Juno! Delicia-me o perfume do balsamo que foi buscar para lenitivo das minhas feridas! E sinto ainda pelo corpo a caricia das roupas que me cobriram...

MENELAU
(*batendo-lhe no hombro*)

Homem feliz!

ULYSSES

Eu?! Eu, que levei dez annos a chegar a casa?! Dez annos sem noticias dos meus! Feliz, tu! Bem sei que tambem te demoraste; mas sempre trouxeste tua mulher comtigo.

MENELAU

Enganas-te, Ulysses.

ULYSSES

O quê?! Não vieste com tua mulher!

MENELAU

Não. — Aquella que sahiu de Troia comigo não era minha mulher.

Ulysses

Hom'essa! Então aquella que me reconheceu apenas entrei na cidade disfarçado de mendigo, não era tua mulher?! Não era tua mulher aquella que depois ouvimos fallar cá fóra quando estávamos escondidos no cavallo de pau, e tu até quizeste fazer aquelle disparate de abrir a porta para a metteres lá dentro?! — Oh Menelau! Estás transtornado de juizo, ou estás brincando comigo?!

Menelau

Estou fallando como se falla a um amigo verdadeiro. — A Helena que te reconheceu, e ouvimos fallar, e sahiu de Troia comigo, não era a verdadeira Helena. Foi Venus quem apanhou o pômo de oiro e tu pensas que Juno se deixaria ficar resignada? Apenas lhe fôram dizer o resultado do concurso mandou o veloz filho de Maia a minha casa. Foi encontrar Helena no jardim entretida a colher rosas para o templo de Minerva. Arrebatou-a no ar e levou-a para o Egypto, para os dominios do rei Theoclymenes, filho de Proteo, na ilha de

Pharos. Quando a nossa nave batida pelos ventos contrarios alli arribou é que vim a saber tudo isto.

ULYSSES

Mas, oh Menelau! Tu desculpas... Mas tu não levavas tua mulher, ou outra mulher, comtigo na nave?

MENELAU

Levava.

ULYSSES

Ora se levavas tua mulher, ou outra mulher, comtigo na nave, como é que tu, quando chegaste á Lacedemonia, apenas desembarcaste uma e não duas? O que fizeste da outra?

MENELAU

Desappareceu.

ULYSSES

Onde?!

MENELAU

Na ilha de Pharos. Viram-na os marinheiros que ficaram a bordo emquanto eu, por terra dentro, procurava agua e mantimentos. Converteu-se numa cortina de nevoeiro, subiu, subiu, e desappareceu.

ULYSSES

E foi Juno!... Vamos lá, soube aproveitar o ardil do marido! — Jupiter converte Juno em nuvem para illudir os galanteios do rei Ixion, Juno troca a verdadeira Helena para enlear o pacto de Venus... A fabula não está mal inventada.

MENELAU

Não é preciso inventar a verdade.

ULYSSES

Dita por quem?

MENELAU

Por Helena.

ULYSSES

Já se deixa vêr. — Não te amofines! Fôste sempre assim, naturalmente crédulo; mas vaes-me fazer um favôr. — Não contes essa historia a mais ninguem.

MENELAU

Ora essa! Um facto que põe as coisas no seu devido pé, que me liberta de uma situação ridicula, não deve ser contado a mais ninguem?!

ULYSSES

Não deve e eu te explico. — Helena fugiu ou não fugiu?

MENELAU

Fugiu. Quero dizer: — Foi levada por Mercurio.

ULYSSES

E' o bastante para a tua situação se manter.

MENELAU

Mas de maneira bem diversa. Não foi raptada por homem nenhum.

ULYSSES

Tanto peor! *(Espanto de Menelau)*. Não tenhas duvida! Tu calculas lá a somma de inconvenientes que póde resultar d'uma declaração d'esse quilate! — O que diriam todos aquelles que morreram, Agamemnon, por exemplo, o teu irmão, o rei dos reis, que teve de sacrificar a propria filha Iphigenia para que os ventos nos fôssem favoraveis á partida? E Nestor, e Ajax, e Patroclos, e o impetuoso Achilles? — Achilles a quem ouvi estas palavras desoladoras: —

Que me importa a gloria Ulysses, quando bem mais feliz seria viver sobre a terra, embora tivesse de ganhar a minha vida miseravelmente como qualquer cavador de enxada, do que permanecer aqui, eterno soberano do eterno reino das sombras! — O que diriam todos elles e ainda mais do que elles, todos aquelles que p'r'ahi vivem e a quem matámos paes, filhos, irmãos, amigos, que tambem os nossos mataram, o que diriam todos elles, quando viessem a saber que tinhamos entrado numa guerra tão sangrenta por causa de um phantasma? *(Levantando-se)*. Ah, não! Não póde ser. Sômos figuras da historia. Sobre os nossos feitos muita coisa hade surdir menos verdadeira, a inventiva do homem é maravilhosa; mas por emquanto ainda é cedo. *(Vae sahir)*.

MENELAU
(seguindo-o)

Mas, oh Ulysses! Tu não vês a minha situação?

ULYSSES

Vejo, vejo; mas tem paciencia.

Sahiram pela porta da direita.

Pouco tempo depois, pela porta da esquerda, *Helena* entra: dirige-se á porta da direita: pára, olhando para fóra.

Depois, num gesto resignado, tórna á porta da esquerda.

E é neste momento que *Telemaco*, surdindo, lhe impede a sahida.

HELENA
(recuando)

Ui, que susto!

TELEMACO

Ia sahir?

HELENA

Não. Vinha procurar meu marido. Mas já vae longe com seu pae...

TELEMACO

Quere que o vá chamar?

HELENA
(menção de sahir)

Não vale a pena. Fica para depois.

TELEMACO

Aonde vae?

HELENA

Para junto de sua mãe.

TELEMACO

Minha mãe anda na lida da casa, com certeza que não póde prestar a Helena as attenções que lhe são devidas.

HELENA
(agradecendo)

Mas pósso ajudal-a em qualquer coisa.

TELEMACO

Em quê?!

HELENA

No que houver. Ou não me reconhece aptidões para auxiliar sua mãe?

TELEMACO

Como não é esse o motivo...

HELENA

Então qual? Diga lá!

TELEMACO

Privar-me do encanto da sua companhia...

HELENA

Venha comigo. Faremos uma palestra deliciosa póde crêr.

TELEMACO

Preferia fazel-a por ahi...

HELENA

Com o sol quente como está?

TELEMACO

Ou então aqui.

HELENA

Dá-lhe realmente tanto prazer? Pois bem. *(Sentando-se)*. — E agora?

TELEMACO

Compete-me agradecer-lhe a sua amabilidade.

HELENA

E eu retribuil-a com uma pequenina reprimenda. Não se assuste! E' pequenina. Nem podia deixar de ser para quem é assim tão gentil! — Não creia que o balsamo que bebeu em minha casa lhe fôsse offerecido com intenção differente d'aquella a que se

destina. E' um balsamo do Egypto, sabe? Foi Polydamia, mulher do rei Thon, quem teve a delicadeza de m'o enviar. Faz esquecer magoas, nada mais. A sua declaração de ainda agora sensibilisou-me, devo confessar; mas vou pedir-lhe uma fineza...

TELEMACO

Porque não diz: — Dar uma ordem?

HELENA

Porque seria pôr em duvida as suas attenções para comigo. — Lembra-se do que lhe disse em minha casa, quando lhe dei aquelle meu véo todo branco?

TELEMACO

Guarde-o para a sua noiva. E emquanto esse dia não chegar entregue-o ao cuidado de sua mãe. E assim fiz.

HELENA

Já o sabia. Não se admire! Duas mães, quando se approximam, fallam muito a respeito dos filhos. E Penelope disse-me que Telemaco não mostra desejos de escolher esposa! E' extraordinario, sabe? Um moço perfeito e, para mais, filho de Ulys-

ses, basta olhar para a primeira donzella de boa familia para ser logo disputado por todas as outras!

TELEMACO

Tem a certeza?

HELENA

Completa.

TELEMACO

E eu tambem.

HELENA

Então porque não se propõe?

TELEMACO

Ignora o motivo?!

HELENA

Creio bem que sim! Não tenho dotes de feiticeira.

TELEMACO

Pois tem-nos, e bastante crueis!

HELENA

Oh! E porque são assim tão crueis?

TELEMACO

Por que não lhe mereço, ao menos, a mais ligeira sympathia.

HELENA

Ligeira sympathia... Julga naturalmente que estou brincando comsigo, que não é o meu coração quem falla?

TELEMACO

Se não é assim que desejaria ouvil-o...

HELENA

De que maneira, diga lá?

TELEMACO

Como estou ouvindo o meu.

HELENA

Tonto! Um moço cheio de vida, radiante de futuro, a dizer agora essas coisas a uma creatura como eu!

TELEMACO
(surprehendido)

...!

HELENA

E' assim mesmo. — Uma creatura que tem a sua casa, o seu marido, que d'aqui a pouco tempo póde ser avó...

TELEMACO

Que importa?

HELENA

Ah! Não tem importancia tudo isto? — Não sabia que era assim, tão livre de preconceitos!

TELEMACO

Foi irreflexão. Castigue-me!

HELENA

Não é caso para tanto. — Assente-se aqui, muito quietinho, e vâmos fallar de coisas sérias.

TELEMACO

De quê?

HELENA

Das muitas coisas que sabe. — Olhe, conte-me o que se passou depois de sahir da nossa casa, o que lhe aconteceu pelo caminho... Ou então, ainda melhor, o auxilio que prestou a seu pae, quando trucidaram os pretendentes. Disseram-me que Telemaco foi assombroso de valentia!

TELEMACO

Se já lh'o disseram para que serve repetil-o?

HELENA

Para ter o enlevo de o ouvir nas proprias façanhas.

TELEMACO

Façanhas de quem não é feliz...

HELENA

Ah, não! — Infelicidade seria quando eu, esquecendo as conveniencias e, direi mesmo, o sentimento com que lhe fallo, concedesse ouvidos desvairados ás suas palavras de galanteio. Ignora as coisas espantosas que para ahi dizem de mim? Não sabe que tantos fôram a dizel-as e tantos a repetil-as que tudo quanto de principio se poderia considerar despeito, hoje se encontra convertido numa realidade que ninguem viu; mas que todos affirmam? — Concedem-me a honra de ser a mais leviana, a mais cynica, a mais orgulhosa de todas as mulheres!

TELEMACO

Helena! Que está dizendo?!

HELENA

O que todos affirmam. Elles, para vingança da sua fatuidade menosprezada, ellas,

em regosijo da sua formusura preterida. E o que é verdade é que, tanto elles como ellas, me conservam no seu intimo em adoração! — Deixe-me, ao menos, este encanto sublime: — Ser para si muito differente do que sou para os outros. E verá a divina Helena de toda a gente, aquella que o seu pensamento exalta, que lhe torna a vida angustiosa, deixando de existir no seu desejo, tornar-se a dona da sua affeição. Proceda assim, meu amigo, conceda á sua amiguinha esta imagem divina, não a outra. A outra é para os barbaros. Esta é só para si. E' esta a que realmente existe, a que lhe diz palavras de acerto, fallas de sentimento, a que não tem pejo de se approximar de si para lhe confessar muito em segredo: — Telemaco, sou a sua amiguinha verdadeira, aquella que, podendo ser sua mãe, o póde amar com o mesmo amôr e outro amôr differente. Sou aquella cuja imagem por si recordada com ternura nunca desmerecida, por que nunca foi maculada, ficará pelo tempo fóra no tesoiro do seu coração como reliquia de espiritual belleza! Sou a sua amiguinha constante, a que lhe enxuga os

olhos velados pelas lagrimas de um amôr primeiro. E sou ainda aquella que, sentindo bem quanto lhe quere, o beija na fronte, puramente, castamente, como a mãe beija o filho que adormece.

TELEMACO
(abraçando-lhe os joelhos)

Helena!

HELENA
(levantando-se repentina)

Meu marido!

MENELAU
(estacando)

Oh!

ULYSSES
(naturalmente)

Dois phantasmas!

HELENA
(serenamente)

Menelau, preciso fallar-te.

Helena e *Menelau* sahiram pela porta da esquerda. *Telemaco* dirige-se á porta da direita.

ULYSSES

Aonde vaes?

TELEMACO
(parando)

Dar uma volta por ahi...

ULYSSES

Fica!

Ulysses passeia pela casa, lentamente, pausadamente, mãos atraz das costas, olhos no chão.

Telemaco, firme no ponto onde a intimativa do pae o alcançou, parece uma estatua.

Um momento.

Depois, *Ulysses* approxima-se do filho, trál-o para o canapé.

E num tom de voz de quem falla a alguem muito querido sobre assumpto bastante doloroso:

ULYSSES

Nós vimos tudo, Telemaco, ou por outra, vimos o bastante para vêr tudo. E tu não procedeste bem. Helena é casada com um velho amigo de teu pae, um homem por quem teu pae deixou a sua casa e arriscou a propria vida para lhe valer numa situação melindrosa. E é a esse mesmo homem que tu... Emfim, não procedeste bem. E tanto peor quanto ainda esqueceste um outro

dever egualmente sagrado: — o que nos compete para com os nossos hospedes. — Foi uma falta de respeito. Uma grande falta!

TELEMACO

Mas eu não lhe faltei ao respeito.

ULYSSES

Por que naturalmente consideras falta de respeito a falta de pudôr. A simples attitude em que vos encontrámos constitue para toda a gente, e muito mais para ti, filho de Ulysses, filho de Laerte, uma falta bastante grave! Se não pensas assim vae ter com teu avô e pergunta-lhe. — Que Páris procedesse como procedeu ainda se póde comprehender. Era um extranho, um ente rude. A influencia de Venus encontrou terreno favoravel. Agora tu, um moço instruido, correcto, uma joia de filho, uma joia de rapaz! E' inacreditavel!

TELEMACO

Mas, meu pae, quem te garante que não foi um Deus?...

ULYSSES

As vossas attitudes! O Amôr quando ataca atravessa os dois com a mesma setta. E ella não me pareceu muito rendida!... — Mas dando de barato que te correspondesse, o que tencionavas fazer?

TELEMACO

Raptal-a.

ULYSSES

E' a sua sina. E depois?

TELEMACO

Viver com ella.

ULYSSES

Quanto tempo?

TELEMACO

Quanto os Deuses determinassem.

ULYSSES

Naturalmente. Agora no que tu não pensas é no desgosto que darias a tua mãe, a mim, a teu avô, á memoria da tua avó, que morreu de tristeza pela minha ausencia! As complicações que o teu proceder

trariam a esta nossa Ithaca bem amada! Teu pae já não está no vigôr da vida, tua mãe tambem não. E mesmo ella, a divina, tu não pensas, tu não vês a differença de edades? E's novo, não admira! Mas o que te pósso garantir é que mais tarde, quando o fôgo do primeiro enthusiasmo fôsse abrandando e hoje lhe désses conta de uma ruga mais profunda, amanhã de um cabello mais desvanecido, e a lembrança do que se conta da sua formusura passada arrastasse comsigo outra ainda mais horrivel, a de todos aquelles que por ella soffreram penas de amôr, dize-me cá, meu amigo, dize a teu pae que muito te quere, o teu gesto não teria toda a tua repulsa? Não serias mais um infeliz? Um torturado pelo ciume da sua vida anterior? *(E depois de um silencio)*: — Não respondes nada, meu filho?

TELEMACO

Que vos pósso responder, meu pae? Fallaes como ella fallou há pouco, por outras palavras, sentada nesse mesmo logar...

ULYSSES

Helena fallou assim?!

TELEMACO

E o meu sentimento não se alterou.

ULYSSES

Mas altera-se agora. Ouviste a minha experiencia. — Cuidado! *(Levantam-se).* Sinto os passos de tua mãe.

PENELOPE
(entrando)

Ulysses, que vem a ser isto? Ouvi Helena e Menelau altercando... Puz-me a escutar... Não percebi nada!.. — Sabes alguma coisa?

ULYSSES

Eu não.

PENELOPE
(para Telemaco)

E tu?

TELEMACO

Tambem não.

PENELOPE

Mas vocês respondem tão contrafeitos...

Ulysses

... Que te parece caso muito grave? Pois foi a coisa mais simples do mundo! — Teu filho estava aqui ajoelhado, atando-lhe às fitas das sandalias.

Penelope

Eu logo vi! *(Para Telemaco)*: — Bastou-me o interesse pela tua chegada para desconfiar da sua visita. Está-lhe no sangue, não há que vêr!

Ulysses

Esteja onde estiver, a occasião não é propria para discussões. Elles por um lado, nós por outro, isto não é casa, é um mercado. — Vae! Leva o pequeno. Não lhe digas nada, já lhe disse o bastante. — E olha lá! Como naturalmente se vão embora, trata dos presentes da despedida.

Penelope

Ainda por cima! E que presentes lhes vou dar?

Ulysses

Os que te deram os pretendentes. Nada nos custáram, pódem ser dados de boa vontade.

Penelope e *Telemaco* sahiram pela porta da esquerda.

Ulysses

E aqui está! Um amigo vem de longe visitar-me. Para maior encanto da sua visita convence a esposa a acompanhal-o. Penso que vou passar alguns dias admiraveis, por que Menelau é um cavaqueador cheio de imprevisto, e... prompto! O pequeno desata a beber os ares pela dona dos braços brancos, cahe na patetice de se declarar numa casa onde todas as portas se encontram abertas e eu, pobre Ulysses — o terrivel Ulysses! — ainda me vejo forçado a dizer coisas que não sinto a respeito da creatura divina!

Mas, oh Jupiter! Oh Omnipotente! Quando te compadeces de mim?

Menelau

(á porta da esquerda)

Dás licença, Ulysses?

ULYSSES

A casa é tua, meu bom amigo.

MENELAU

Sabes? Venho confrangido. Mas tu desculpas e eu desabafo. — Quando sahi da Lacedemonia pensava assim: — Vou passar uns dias bastante agradaveis. Ulysses é um velho amigo, um cavaqueador subtil; Penelope a distincção em pessoa; Telemaco um moço instruido, insinuante, uma joia de rapaz! E exclamava *(Erguendo os braços aos céos)*: — Eu te agradeço, Jupiter sublime, esta jornada de tanta satisfação! — Mas vê tu como a vida se transmuda! — Helena quere-se ir embora!

ULYSSES

Quando?!

MENELAU

Agora mesmo. Já mandei apromptar os carros.

ULYSSES

E ella não te declarou o motivo?

MENELAU

Não. Isto é... Lá por que lhe observei que não me pareceu bonito encontral-a aqui,

como a encontrámos... E afinal de contas o pequeno estava a atar-lhe as fitas das sandalias.

ULYSSES

Tua mulher disse?!... — Então é verdade!

MENELAU

Vê tu! E quere-se ir embora.

Isto não é para uma pessoa se confranger?

ULYSSES

(depois de um silencio)

Menelau! Lembras-te do que disseram aquelles anciãos, no alto dos muros de Troia, quando viram Helena, na companhia de Priamo, approximar-se das ameias para nomear os nossos que se batiam?

MENELAU

E' de justiça que, de há tanto tempo, Gregos e Troianos soffram tantos males e tantas mortes por mulher tão bella como as proprias deusas...

ULYSSES

Lembras-te? E tu soffres, e eu soffro, e soffre agora o pequeno, cada um de nós de

sua maneira; mas em todos nós o soffrimento é intenso.

Por que Helena, meu velho companheiro, é a encarnação da belleza, a fórma divina a que todos aspirâmos. Podêmos possuil-a por momentos; mas num momento nos abandona para continuarmos a perseguil-a.

Os nossos Deuses assim o determinaram, para que o prestigio da nossa Arte, da nossa Cultura, sempre mais alto se alevante nesta nossa terra bem amada!

Calêmo-nos! Eil-a que pássa!

E de facto, pela porta da esquerda, *Helena* vem entrando magestosa, bella, indifferente.

Caminha para a porta da direita.

Sahe.

E emquanto *as flautas* continuam tocando

O HYMNO GLORIOSO

o panno desce.

A farça do servo enganado

Composto e impresso na typ.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Do mesmo auctor:

Theatro:

Uma tragedia... horripilante!
Um entremez... de cordel.
A comedia irreverente.
Uma gente irregular.
Helena em casa de Ulysses.
A farça do servo enganado.

Contos:

A vida simples.
O casal do caruncho.
A boa amiga.
Tres donas.

EDUARDO PEREZ

A FARÇA
DO
SERVO ENGANADO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74

1922

Les petites marionnettes
font, font, font
trois petits tours
et puis s'en vont.

(Chanson de nourrice.)

FIGURAS

Actualidade:

O DONO DA CASA
O POETA
UM CREADO

Começo do seculo XIX:

A DONA
A AIA CONSTANÇA
O MANCEBO
DOM GASPAR
O MOÇO SERAPHIM

SCENA

A sala de um palacio. Em Lisboa.

Mobiliario rico, diverso e disparatado.

Uma porta ao fundo. Duas portas de cada lado.

A porta do fundo é a unica que tem o reposteiro corrido.

Uma pequena meza e duas cadeiras, á esquerda baixa.

Um biombo, á direita baixa.

ACÇÃO

Quando o panno sóbe, *o dono da casa*, fumando charuto, e *o poeta*, com um rôlo de papel almaço debaixo do braço, passeiam na sala.

A' porta do fundo, *um creado de libré* perfila-se.

Depois, *o dono da casa* e *o poeta* sentam-se á pequena meza.

O poeta desdobra o manuscripto. Inicia a leitura.

O dono da casa ouve, attentamente.

Emquanto passeiam:

O DONO DA CASA

Parece-lhe bem, este scenario?

O POETA

E' magnifico! Temos bastantes portas praticaveis... Talvez mesmo em demasia para entradas e sahidas...

O DONO DA CASA

Fecham-se as que não fôrem precisas.

O POETA

Não vale a pena. Servem para os retardatarios se accommodarem sem prejuizo da representação. — Temos espaço sufficiente para as figuras accionarem... — Emfim, é caso para se dizer: — nem de encommenda ficaria tão perfeito e, sobretudo, tão rico!

O DONO DA CASA
(importante)

Fez-se o que se pôde. O que nem sempre é o que se quere. — Custou carinho este palacio... O palacio e o competente recheio. Mas, ao menos, a consolação que me résta é que, num prazo de tempo relativamente pequeno, consegui os rendimentos sufficientes para comprar e manter estas quatro paredes.

O POETA

Quatro paredes... E' modestia em extremo.

O DONO DA CASA
(sorrindo)

Não digo que não. Mas... como se acostuma dizer assim... — Vamos á leitura?

O POETA

Esperava as ordens de V. Ex.ª

Sentaram-se.

O POETA
(*desenrolando o manuscripto*)

O titulo, como já fiz sciente a V. Ex.ª, temos dois á escolha: — UM MILAGRE DE SANTO ANTONIO OU A FARÇA DO SERVO ENGANADO. — Scenario... Logar da acção... *(Indica a sala):*— Estão bem patentes. — E assim entrâmos na primeira scena cujas personagens... — Ah! Esquecia-me um pormenor. — Neste caso, como não temos panno para subir, os tres signaes de Molière: — um... dois... tres... *(Ouvem-se os tres signaes de Molière).* — servem para os convidados de V. Ex.ª virem occupar os seus logares. E apenas o silencio se estabelece...

O dono da casa

O que deve levar seu tempo...

O poeta

Perfeitamente de accôrdo... — O creado, que está além, *(junto do reposteiro)* dirige-se áquelle biombo; afasta-o; encosta-o áquella parede... *(Vê-se o creado de libré executar; depois sahir)* — e nós encontrâmo-nos ou, por outra, os convidados de V. Ex.ª encontram-se na presença da ingenua e do galã accionando d'esta maneira...

Sentadas no sophá, que o biombo occultava, *as duas figuras* animam-se.

Elle, sobraçando um manto velho, admira umas chinelinhas que tem calçadas.

E *Ella,* com os botins do *mancebo* suspensos pelas presilhas, aprecia aquella admiração.

Ella

Que tal?

Elle

Um primôr!

Ella

Sou amiguinha ou não sou?

Elle
(*abraçando-a*)

Amiguinha? E's um portento! E's a estrella, a lua, o sol, o mundo visivel e invisivel d'este mortal que por ti soffre as penas mil, devoradoras, de um amôr acrisolado!

Ella

Santo Deus, o que p'r'ahi vae!

Elle

O quê?! Não acreditas?!

Ella

Sei lá! São tantas as horas que pássas distante da minha vista...

Elle

Em teu podêr diminuil-as. Prolonga a hora que vae passando; converte-a em duas, tres, em vinte e quatro, e eu te garanto a persistencia da minha affeição profunda!

Ella

Como pósso eu prolongal-a não sendo senhora de mim? Aqui detida, aqui guardada, neste palacio vasto de mais, fiam-se-me os dias, tecem-se-me os mezes, sem dar noticias do mundo! — Missa das nove, ali em São Roque, é permittida todas as manhãs. Mas apenas a missa acabou, se não há sermão, não há novena, instrumental ou cantoria, eis-me sahindo a toque-toque.

Elle

Por causa dos peraltinhas?

Ella
(rindo)

Que veem de capote.

Elle

Mas em Maio, no mez de Maria...

Ella

Alguem... por mais atrevido...

Elle

Se desembuçou e sorriu. — A aia...

Ella

E' nossa amiga confessada.

Elle

E desde então, emquanto Dom Gaspar, o argentario algoz teu protector, desce da sua moradia no Cunhal das Bolas para tratar dos seus negocios na cidade baixa, eu, com este disfarce de pobre de pedir, *(desdobra o manto surrão)* côso-me com a parede, empurro o postigo, e...

Constança
(entrando esbafurida pela esquerda baixa)

Olho da rua, que elle ahi está!

A dona
(deixando cahir os botins)

Tão fóra de tempo!...

O mancebo
(apanhando os botins)

Que será?!

Constança

Por mim, não sei! Denuncias. Zelos. Trabalhos certos. Não há que vêr! — Fuja

a menina para o seu quarto! *(A dona foge pela porta da esquerda alta).* — Esconda-se o menino aqui detraz! *(E' o reposteiro da porta do fundo).*

O MANCEBO
(praticando)

E se vem alguem abrir a porta?

CONSTANÇA
(acto de sahir)

Não se assuste, nem se atarante! — A chave anda perdida...

Apenas *Constança* desappareceu pela direita alta, *Dom Gaspar* e o *moço Seraphim* entram placidamente pela esquerda baixa.

DOM GASPAR

Esta é a sala. — A dignidade e o decôro que se requerem ao transpôl-a, basta apenas reparar. *(Indica a sua riqueza).* — A dona que nesta mansão assiste provêm da mais alta linhagem. Joelho em terra, mão no peito, é attitude imprescindivel. *(Seraphim executa).* — Se tu não fôsses um môço appa-

rentemente limpo e presumivelmente esperto, não terias subido até aqui. O pateo da entrada seria tua sufficiente ante-camara. — Foste-me recommendado por um amigo que não vejo há muitos annos, um amigo de quem conservo saudosas recordações de amisade... Isto em mim cala muito, calá tanto como tu te deves calar na presença dos outros servos. — A senhora que vaes saudar *(Seraphim executa)* para que ella te fique conhecendo, quando eu aqui te mandar, habita este soberbo palacio desde o dia em que os meus cuidados de tutor entenderam que podia abandonar o convento onde lhe proporcionaram educação e fé condignas. Orphã de pae e mãe, aqui assiste mais a sua aia. — Estas coisas te vou dizendo para que outras não vás pensando. *(Protestos de Seraphim).* — Bem sei, bem sei, faço-te justiça. Mas, emfim, sempre é melhor aclararmos situações. — E agora te vou dizer o que muito importa primar. — Tudo quanto teus olhos virem, tudo quanto teus ouvidos ouvirem, tua bocca prompta o dirá a este teu amo e senhor. — Mas só a elle! Comprehendes bem?

SERAPHIM

E porque não, meu senhor?! Se vós tão claro explicaes? — Claro e de honra para um servo assim humilde e obediente.

DOM GASPAR

Seraphim, és bem falante!

SERAPHIM

Melhor o virei a ser na vossa guarda e devoção.

DOM GASPAR

Pois tens a pága dobrada, d'esta vez pela gentileza. E sempre que das tuas manhas proficuidade resulte ver-te-ás melhorado. Eu sou assim, generoso. — Agora vou participar a minha visita inesperada.

Sahe pela porta da esquerda alta.
E *Seraphim* fica immovel.

O POETA

Ora, tendo Dom Gaspar sahido prazenteiro...

O dono da casa

Que faz o Seraphim?

O poeta

Seraphim, conforme a rubrica, começa passeando pela sala, como quem anda cogitando... Pára. Procura cadeira. E fala assim para os convidados...

Seraphim

(que tem seguido a rubrica)

Seraphim, aqui presente, moço de vinte primaveras, é orphão de pae e mãe, tal qual a dona de seu amo. Parentes... todos afastados. Esse cuidado teriam, *(gesto de quem nada possue)* mesmo que elles assim não fôssem. Uma tia velha que eu tinha, muito dada á devoção, mandou-me aprender leitura nos frades de São Bernardino. Soletrava o *b a bá*, e já sabia o catecismo, quando ella partiu de vez. Dos bens que na terra deixou os bons dos frades cuidaram. Eram profanos, terrenos, precisavam ser convertidos em missas de alva e officios que todas as vaidades redimem. E

logo o padre-prior sob a celeuma levantada de que eu fôra lavar as cuecas no tanque onde a vacca bebia, attestou a minha incuria, indisciplina e não sei que mais, para ser um bom regrante. Fui creado de um doutor. Alveitar, muitos diziam. Curava pessoas e animaes. Só de mim elle não curava, pois de fome ia morrendo. Fui pastor; mas veiu o lobo e fez desbaste pavorôso! Trabalhei de saltimbanco. Levei boléos, muita pancada. O povo ria, a mim doía-me. E só consegui melhorar quando na estrada encontrei, derribado e sem jumenta, certo fidalgo a quem os ciganos apenas deixaram a vida. — Do mal o menos, dizia elle. — Ensinou-me boa doutrina. Homem de muitas viagens, muito por lá aprendêra. Foi por isso que o Intendente não gostou de o ter por cá. Deixou-me a este seu amigo, Dom Gaspar, como sabeis...

O POETA

Levanta-se... Olha para o tecto...

O DONO DA CASA

E depois?

O POETA

Pergunta, suspirando...

SERAPHIM

(que tem seguido a rubrica)

Serei feliz d'esta vez?

O POETA

Cóça na cabeça... Tórna a meditar... E conclue...

SERAPHIM

(que tem seguido a rubrica)

Meu amo, pelo que disse, parece desconfiar da senhora. — Tenho de vêr e ouvir, devêres que não são difficeis, quando os sentidos regulam. — E' verdade que o palacio tem talvez portas a mais... Mas, d'ahi, conhecendo-as bem, a tarefa simplifica-se. *(Approxima-se das portas abertas. Espreita. Approxima-se do reposteiro. E desce rápido á bocca de scena.)* — Esta agora! Umas chinelinhas bordadas ali debaixo, a sobresahirem! Um vulto que se adivinha!... — Queres tu vêr Seraphim, que tens as figuras precisas para compôr entre-

mez?! — A dona, a aia, Dom Gaspar, este seu moço, e ali.... — E' mais que certo! Não há que vêr! — Desde que proficuidade resulte vêr-te-ás melhorado. Dom Gaspar é generoso. *(Alcança a porta por onde Dom Gaspar sahiu)*. — Virá alguem? Não virá? — Oiço passos!... Caminham p'r'áqui!... *(Procura cadeira e senta-se)*. — Isto de fingir adormecido é situação garantida.

CONSTANÇA
(entrando pela esquerda alta)

Dizem que o moço está na sala! Anda o mundo transtornado! — Moço? Eh moço?! Onde estás tu? *(Approximando-se)*. — A dormir! Desfaçatez! *(Sacudindo-o)*.—Moço, eh moço! Acórda! Anda!

Constança, emquanto vae dizendo:—*Dizem que o moço está na sala! Anda o mundo transtornado!* certifica-se de que o mancebo contiпúa detraz do reposteiro e faz-lhe signal de espera.

SERAPHIM
(de sobresalto)

Senhora minha, perdoae!

CONSTANÇA
(a rir)

Não sou a dona, sou a aia! Dom Gaspar te está chamando no quarto da minha senhora.

SERAPHIM

P'ra que me quere elle lá?!

CONSTANÇA

Não me disse, nem perguntei. — Que fôsses depréssa, recommendou.

SERAPHIM

Ir depréssa, irei correndo. — Mas por onde é o caminho?

CONSTANÇA
(apontando a porta por onde Dom Gaspar sahiu)

Não tens nada por onde errar. Chegando ao fundo do corredor tómas á direita, depois á esquerda, sóbes a escada e é mesmo lá.

SERAPHIM

Córto á direita... tómo á esquerda... Vinde comigo. E' mais seguro.

CONSTANÇA

Tenho agora mais que fazer...

A VOZ DE DOM GASPAR

Seraphim? Eh Seraphim?

CONSTANÇA
(empurrando-o)

Andae depréssa, que se abespinha!

SERAPHIM
(sahindo)

Duas velas a Santo Antonio p'ra que não se pérca o interesse!

CONSTANÇA
(desviando o reposteiro)

Menino sáia, vâmos fugindo!

O MANCEBO
(desconsolado)

Para quê?! Já deu por mim...

CONSTANÇA

Quem? O moço? — Como foi isso!!

O MANCEBO

As chinelinhas me denunciaram. Sahiam fóra, um bom pedáço...

CONSTANÇA

Pois inda bem que sahiam. *(Empurrando o mancebo).* — Tórne o menino para onde estava...

O MANCEBO
(praticando)

Mas... Constança. E se elles veem?!

CONSTANÇA
(compôndo o reposteiro)

Não se assuste, nem se atarante! Oiça o que ouvir! Seja onde fôr!

Sahiu depréssa.
As chinelinhas continuam patentes.

O POETA

Ora, momentos depois...

O DONO DA CASA

Apparecem ambos.

O POETA

Ainda é cedo. — Seraphim entra correndo direito ao reposteiro. Examina. Fica contente. E diz assim...

SERAPHIM

(que tem seguido a rubrica)

Reclinada em sua poltrona sorriu a dona e perguntou: — Seraphim és tu? — Para vos servir. — Pois está bem. Já te conheço. Vae-te embora para onde estavas.

E eu vim logo! Podéra não. *(Indica o reposteiro)*. — Santo Antonio intercedeu. São duas velas que lhe devo... E' verdade que não fiz promessa do tamanho que teriam... Emfim, depois veremos. Dom Gaspar é generoso. E' o ponto principal!

E ao tempo em que, pulando e esfregando as mãos de contente, vae repetindo:

— *E' o ponto principal!*

Dom Gaspar estáca á porta da esquerda alta.

Dom Gaspar

Seraphim? Eh Seraphim?!

Seraphim
(perfilando-se)

Senhor meu amo?

Dom Gaspar

Que significam esses pulos?!

Seraphim
(importante)

Senhor... Pensava.

Dom Gaspar
(entrando)

A's cabriolas?!

Seraphim

E' geito que me ficou dos meus tempos de saltimbanco.

Dom Gaspar

Pois aqui é moderal-o! Não é proprio, nem é indicio de quem tenha o juizo são! — E que pensavas para assim pular?

SERAPHIM

Que muito mal anda este mundo. Pois quem o tem não o aproveita e quem não o tem muito o deseja.

DOM GASPAR

Me melem se te percebo! — Explica-me já essa adivinha!

SERAPHIM
(indicando o local)

Senhor olhae, além no chão, mesmo chegadas ao reposteiro.

DOM GASPAR
(assestando a luneta)

Aquillo que é?

SERAPHIM

Duas partes importantes de um todo ali escondido.

DOM GASPAR
(baixando a voz)

Será traidor?

SERAPHIM
(mesmo tom)

Quem se esconde do amo presente é por que não anda de boa mente.

DOM GASPAR
(alta indignação)

Oh! — Mas isto é infame! E' mais do que infame... E' infamissimo! *(Correndo á porta da esquerda alta).* — Constança? Eh, Constança?

CONSTANÇA
(surdindo pela direita alta)

Senhor, dizei.

DOM GASPAR

Chame a senhora! Não se demore!

A DONA
(surdindo pela esquerda alta)

Aqui estou, meu bom amigo.

DOM GASPAR
(grave intimativa)

Desvie aquelle reposteiro!

A DONA
(brandamente)

Desvial-o para quê? A porta não se póde abrir. A chave anda perdida.

DOM GASPAR

Deixal-a andar! Faça o que lhe digo e guarde as explicações!

A DONA

Está bem, está bem. Não se exalte. — Embora o officio não seja dado a donas da minha categoria não tenho desprezo em executal-o.

Desviou o reposteiro.

DOM GASPAR
(para Seraphim)

Esta é boa! Não está ninguem!

SERAPHIM
(para Dom Gaspar)

E' verdade! Não está ninguem!

A DONA
(para Dom Gaspar)

E quem havia de estar?

DOM GASPAR
(para Seraphim)

Sim. Dize lá! Quem havia de estar?

SERAPHIM
(*tomando ás chinelinhas*)

A parte importante d'estes dois brinquinhos.

CONSTANÇA
(*tirando-lh'as*)

Muito mal o affirmas, moço intrigante! Como podia estar ali se estava no quarto da senhora? *(Espanto geral).* — Menina, perdoae esta minha falta! — Senhor ouvi o caso estupendo! *(Dom Gaspar fixa os polegares nas cavas do collete, e mantem os indicadores espetados).* — Estas chinelinhas que minha ama occultamente bordava para com ellas vos presentear no dia do vosso natalicio, ella aqui as estava provando quando vós inesperadamente chegastes. Deu-m'as para que eu as escondesse em logar onde Vossa Mercê, que tudo es-

preita, não as podesse encontrar. Não tive tempo para assim proceder. Aqui as deixei para vir buscal-as. O encontro do vosso creado, neste local para elle improprio, tolheu a minha intenção. Não vos fôsse a vós dar noticia do que me visse aqui fazer e assim se estragasse a surpreza. Fôram meus cuidados perdidos. A curiosidade do vosso moço tudo embrulhou e revolucionou, neste palacio onde *a ventura* há tanto tempo fez dominio! *(Pendura as chinelinhas nos indicadores de Dom Gaspar, e chóra).*

A DONA
(altiva)

Que me diz a isto, senhor Dom Gaspar?

DOM GASPAR
(altivo)

Que me dizes a isto, moço Seraphim?

A DONA

Perguntaes ao servo a resposta a darme?! — Acompanha-me Constança, isto é de mais! — Fazer d'aqui pateo de comedias!

Sahem empertigadas.

Dom Gaspar
(arrecadando as chinelinhas)

Mas afinal... Explica-me cá. — Tu viste alguem ali escondido?

Seraphim

Eu... meu senhor... A bem dizer... Lá vêr, não vi...

Dom Gaspar

Hein?!

Seraphim

Mas percebi.

Dom Gaspar

Ora ahi está o disparate! Isto são coisas sérias de mais! Não se dizem assim á tôa! — Nem mesmo ás vezes quando se vêem... *(Muda de tom. E accentua).* — Em bôa hora te preste o engano. — Vou apressado illibar a dona.

Sahiu. *Seraphim* fica immovel.

O dono da casa

E depois?

O POETA

Depois, Seraphim, com lagrimas na voz...

SERAPHIM
(seguindo as rubricas)

Oh quanto custa saber as manhas do bom viver!

O POETA

E cahe numa cadeira, *abandonado.*

FIM

MAGISTER DIXIT

Composto e impresso na typ.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Do mesmo auctor:

Theatro:

Uma tragedia... horripilante!
Um entremez... de cordel.
A comedia irreverente.
Uma gente irregular.
Helena em casa de Ulysses.
A farça do servo enganado.

Contos:

A vida simples.
O casal do caruncho.
A boa amiga.
Tres donas.

EDUARDO PEREZ

MAGISTER DIXIT

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
1924

FIGURAS

DONA FELISBERTA
DONA ADELAIDE
BALBINA
ALBERTINA
SILVESTRE
MAURICIO
POMPEU VALÉRIO

Em Lisboa. — Actualidade.

SCENA

Domingo de inverno. Dia de sol.

Na casa de jantar de dona Felisberta.

Mobilia de mogno. Paineis. Pratos da China. Um espelho.

Portas á esquerda e á direita. E ao fundo, a porta para o quintal.

COMEDIA

Dona Felisberta, procedendo a cuidados domesticos, e *dona Adelaide,* sentada no canapé, conversam.

DONA FELISBERTA

... A vizinha faz lá ideia! — Ainda se a casa fôsse na baixa, ou num dos bairros ao pé das escolas, emfim, com o rendimentosinho dos papeis, a coisa escapava. Mas aqui, na Graça!... — O Mauricio, o que lhe chamam na medica — a estudantite chronica — logo que recebe a mezada do Alemtejo, aquillo é sagrado. Até já o augmentei e não disse nada! — Agora o outro, o Silvestre empregado publico... (*E dá estalinhos com os dedos*).

DONA ADELAIDE

Bonito arranjo! — E o par da semana passada?

Dona Felisberta

Esse, já vê, embora ella regateasse, carreguei um boccadinho mais.

Dona Adelaide

Pois está claro; mostram que pódem... O homem deve ser bôa pessoa. Encontrou-me aqui, naquelle dia em que veio com ella vêr os quartos, e já por duas vezes que nos cruzámos na escada, nunca tem deixado de me cumprimentar! — Eu até disse á minha Balbina: — Indaga lá pelo escriptorio que especie de sujeito será este senhor Valério que está agora cá em baixo? — Mas commerciante a modos que não é.

Dona Felisberta

Deve ser pessoa chegada a esta gente da alta.—Que tambem deixe-me dizer :—Desde que sejam pontuaes nas suas contas, não venham p'r'ahi com exigencias, nem armem escandalo...

E ficam perplexas ouvindo num quarto ao lado:

UMA VOZ FEMININA

Por Deus, valei-me! Soccôrro! Soccôrro!

UMA VOZ MASCULINA

Pêrro vil! Traidor! Ou te mato ou môrro!

E logo irromperem: — *Balbina* de mãos na cabeça. *Mauricio* e *Silvestre* jogando a espada.

BALBINA

Lindôro! Fabrício! Por quem sois!

Mauricio cahe. *Silvestre* cahe.

BALBINA
(*cahindo sobre elles*)

Deus, é demais! Mataram-se os dois!

DONA FELISBERTA
(*de mãos nos quadris*)

A vizinha já viu uma coisa assim?!

DONA ADELAIDE
(benzendo-se)

Nem que fôssem malucos!

Entretanto *as tres figuras* levantam-se e compõem-se.

DONA FELISBERTA

Vâmos lá a saber! — Quando acaba esta brincadeira?

SILVESTRE

Quando eu considerar esta scena final perfeitamente afinada.

DONA FELISBERTA

Afinada já eu estou, e até de mais, senhor Silvestre.

MAURICIO

Mas, dona Felisberta, isto é preciso.

DONA FELISBERTA

Bem me importa a mim, senhor Mauricio. Não quero aqui semelhante barulho. Tenho mais hospedes e tenho a vizinhança.

DONA ADELAIDE

E tu, Balbina, já não estás em edade d'andares p'r'ahi aos tombos. No outro dia rasgaste a sáia toda.

BALBINA

Grande pêrda! Uma sáia velha.

DONA ADELAIDE

Velha ou nova, agora não há por onde escolher.

SILVESTRE

Mas, minha cara patrôa, oiça e depois falle. — A tragedia num acto: — *Os infaustos amôres de Zelinda* é um trabalho de grande responsabilidade. A recita está marcada para domingo, d'hoje a oito dias. E não são os outros hospedes, nem tão pouco a vizinhança, quem nos livra de uma vergonha, se não apresentarmos este lance violento perfeïtamente apurado.

DONA FELISBERTA

Vão apural-o para o quintal.

BALBINA
(relanceando o quintal)

A terra ainda está humida.

DONA FELISBERTA

Levem o oleado da banheira.

MAURICIO

Grande ideia!

DONA FELISBERTA

Mas tómem cuidado! Não me deem cabo d'elle.

SILVESTRE

Fique descançada. E' só p'r'á quéda.

Sahiram. *Mauricio* e *Balbina* directamente para o quintal, e *Silvestre* depois de, pela esquerda alta, ter ido buscar o oleado concedido.

DONA ADELAIDE

Crédo, que enthusiasmo! A minha Balbina nem cóme!

Dona Felisberta

O Silvestre tem razão. Representam á porfia com o grupo do Castello... E sempre lhe digo, dona Adelaide, vale mais andarem-se a divertir com estas palhaçadas do que andarem p'r'ahi na galdeirice.

Ruido de vozes

Dona Adelaide

Quem será?

Dona Felisberta

Devem ser os novos.

Albertina
(entrando)

... E tórno a repetir:—São manias tuas.

Pompeu Valério

Agora manias... *(Tira o chapéo)* — Perdão, minhas senhoras...

ALBERTINA

Querem saber quanto tempo estivémos á espera d'um logar no carro? — Uma hora!

POMPEU VALÉRIO

Um, não: — dois. E uma hora... E' exaggêro!...

ALBERTINA

Então quantas?

POMPEU VALÉRIO

Não verifiquei...

ALBERTINA

Pois foi pena. Mas não faz mal. P'r'á outra vez tómo um automovel. *(Para dona Felisberta, mostrando-lhe um pacotinho):* — A senhora não tem por'hi um sopeiro p'ra deitar estes bombons?

DONA FELISBERTA
(trazendo uma compoteira do guarda-loiça)

Tem aqui uma compoteira, senhora dona Albertina.

ALBERTINA

Ou isso.

Dona Felisberta sahe, trocando com a vizinha um olhar de intelligencia, e a *hospeda* entra para o seu quarto.

POMPEU VALÉRIO
(*iniciando conversa*)

Realmente, nunca pensei. Andam sempre cheios, os carros para aqui!

DONA ADELAIDE

O bairro é muito povoado...

POMPEU VALÉRIO

... E o caminho de costa acima. Comprehendo bem. Todos aproveitam... — A verdade é que não sabiamos para onde ir. Isto de viver nos hoteis, com franqueza, nunca me agradou muito. Há gente de mais... Etiquetas, bisbilhotices... E deitámo-nos a procurar quartos. Mas não lhe conto nada... Sempre nos apparecia cada espelunca! E então os preços!...

Dona Adelaide

Imagino, imagino... Estes aqui não são maus. Já vê, a casa é antiga; mas são espaçosos, bem arejados... Depois, teem uma coisa comsigo: — Está-se perfeitamente em familia.

Pompeu Valério

Era o que dizia o annuncio. E foi o que me captivou. (*Um silencio. E depois*): — V. Ex.ª móra p'r'aqui há muito tempo?

Dona Adelaide

Desde que o meu brioso pae veiu para o Cinco de infanteria. Por aqui me criei, casei, baptisei a minha menina e passei pelo desgôsto de perder o meu marido.

Pompeu Valério

Recentemente?

Dona Adelaide

Vae p'ra tres annos.

POMPEU VALÉRIO

Os meus sentimentos.

DONA ADELAIDE

Muito agradecida.

POMPEU VALÉRIO
(á porta do quintal)

A sua menina é aquella, não é?

DONA ADELAIDE

Saiba V. Ex.ª que sim. Anda a ensaiar p'ra domingo que vem. Temos festa na Sociedade.

POMPEU VALÉRIO
(retirando-se da porta do quintal)

Lá iremos vêl-a e applaudil-a. — Dedica-se á arte?

DONA ADELAIDE

Não senhor. Está no escriptorio onde o pae foi guarda-livros. E' dactylographa.

Pompeu Valério

Uma grande vantagem, este systema actual de se empregarem no alto commercio. Noutros tempos, ou não sahiam de casa, ou tinham apenas o recurso da modista.

Dona Adelaide

Ainda esse... Era um honesto recurso.

Pompeu Valério

Diz muito bem : — Um honesto recurso...

Dona Adelaide

Que mal chegava para viver decente. Agora, em summa, não é caso para se dizer que sejam uns gánhos por'hi além; mas... E' outra posição. — Meu marido foi sempre uma pessoa muito correcta. Teve a sorte de encontrar uns patrões reconhecidos. — Se não fôsse a mezada que nos estabeleceram, emquanto não empregaram a pequena, quem sabe o que teriamos passado?

Pompeu Valério

A vida é amargosa, senhora dona...

Dona Adelaide

Adelaide Nunes.

Pompeu Valério

E eu... Pompeu Valério.

Dona Adelaide
(sorriso reverente)

Já me tinham dito.

Pompeu Valério

Que por mim, não me pósso queixar. Tirei um curso: — agronomia, que não exerço. A herança de meus paes permitte-me este desafôgo. Minha irmã tambem se conservou solteira. Vivêmos juntos, em Castello Branco. — Agora, nesta minha ultima visita á capital, é que derivei um boccadinho... *(Um silencio).* — Coitada! Encontrei-a numa situação bastante difficil. A pessoa com quem vivia, e que fôra desinquie-

tal-a a casa da mãe, acabou por lhe comer tudo quanto tinha!

DONA ADELAIDE

Há creaturas muito ruins!

A VOZ DE ALBERTINA

O' Valério? O' Pompeu?

POMPEU VALÉRIO

Que é, menina?

ALBERTINA
(trazendo um pequenino estojo de toucar)

Tens ahi a malinha de mão?

POMPEU VALÉRIO
(surprehendido)

Eu, não!

ALBERTINA

Queres vêr que perdi a malinha!

DONA ADELAIDE

Talvez lh'a roubassem!...

ALBERTINA

Admire-se. Nestes carros p'r'aqui... E eu que tinha lá dentro quinhentos mil réis!...

DONA ADELAIDE

Quinhentos mil?!

ALBERTINA

P'ra comprar um chapeo. E olhe que não é modelo! *(Para Pompeu Valério)*: — Mas, oh homem, despacha-te! Vae á estação dos electricos. Vae lá baixo á pastelaria. Se não encontrares vae dar parte á policia. *(Pompeu Valério procura o chapéo).* — Está aqui! *(Põe-lh'o na cabeça).* — Prompto! Sempre me sahiste uma azemula! *(E depois d'elle sahir).* — Ora veja a senhora se não devo ter azar com o sitio! — Que eu cá, não é pelos quinhentos mil... O Valério, lá por isso, não me deixa ficar sem chapéo. — E' por causa da miniatura do outro.

DONA ADELAIDE

Ah, sim?!

ALBERTINA

Trago-a sempre num escaninho da malinha. — Tivémos de nos separar por que elle não podia sustentar-me. Mas ficámos a bem.

DONA ADELAIDE

Ah, ficáram a bem!

ALBERTINA

Pois ficámos. Agora eu peço que não diga nada. — A gente se não fizer assim não levanta cabeça...

E vae para o espelho da parede compôr o cabello, avivar os labios, empoar as faces...

DONA ADELAIDE
(*á parte*)

Isto é que é d'uma fôrça! (*A' porta do quintal*): — O' Balbina?

A VOZ DE BALBINA

Mamã?

DONA ADELAIDE

Não te demores. Vou para cima. (*E emquanto sahe*): — Pobre Valério!

SILVESTRE
(*entrando*)

Não demora nada... E' apenas... (*Estacando, ao vêr dona Albertina*): — Ah!

ALBERTINA
(*olhando-o de soslaio*)

Admirou-se de me vêr aqui?!

SILVESTRE

Eu não, minha senhora. V. Ex.ª é hospeda. Nada mais natural do que encontral-a em casa...

ALBERTINA

E' que me pareceu ouvir um — Ah!

SILVESTRE

De regosijo. Ainda hoje não tivéra o prazer de lhe dar os bons dias...

ALBERTINA

Sahi cedo. Tive de ir á baixa e almocei lá.

SILVESTRE

Julguei que tivesse ido para fóra, aproveitar este domingo de sol.

ALBERTINA

Ah, não! Quando m'appetece ir p'ra fóra, vou sempre num dia de semana. Anda-se mais á larga. Não é verdade?

SILVESTRE

Lá isso é.

Um momento.

ALBERTINA
(sentando-se)

Pois não sabia que o cavalheiro tinha assim um regosijo tão grande em me cumprimentar.

SILVESTRE

Regosijo e honra, que muito me desvanecem, desde que V. Ex.ª reside nesta casa.

ALBERTINA

Há então... Oito dias?

SILVESTRE

Oito não. Nove.—V. Ex.ª entrou no sabbado. Sabbado, quinze de Janeiro.

ALBERTINA

E' isso, é. No sabbado ás duas horas.

SILVESTRE

Será melhor dizer ás quatorze. Não se vá julgar que V. Ex.ª entrou fóra d'horas.

ALBERTINA

Oh! E' muito espirituoso! Queira perdoar... Muito delicado.

SILVESTRE

Sou apenas como devo ser. E se me fôsse permittido concluir as revelações...

ALBERTINA

Diga, diga, á sua vontade.

SILVESTRE

Eu já conhecia V. Ex.ª

ALBERTINA
(léve sobresalto)

D'onde?

SILVESTRE

De quando alugou o quarto.

ALBERTINA

Ah, já me tinha visto?! — Não dei por si!...

SILVESTRE

Estava lá fóra, na paragem, á espera do electrico p'r'á repartição. — Naquelle dia fui um boccadinho mais tarde...

ALBERTINA

Por falta de saude?

SILVESTRE

Não, minha senhora. Por causa d'estes meus trabalhos de actor-ensaiador. Amador, claro está.

ALBERTINA

O que não quere dizer na sua, que não saiba do seu officio.

SILVESTRE
(agradecendo)

Oh, minha senhora!...

ALBERTINA

E olhe lá! — O senhor não teria meio de arranjar uma peça onde eu entrasse?

SILVESTRE

V. Ex.ª tem geito?

ALBERTINA

Vejo p'r'ahi tanta serêsma fazer figura nessas revistas!...

SILVESTRE

Mas V. Ex.ª desculpe. A minha especialidade não é revista. E' a comedia, o drama e a tragedia.

ALBERTINA

Não mette musica?

SILVESTRE

Nem dictos equivocos.

ALBERTINA

E' pena. — Tenho uns fados tão bonitos!

SILVESTRE

V. Ex.ª canta o fado?

ALBERTINA

E tóco.

SILVESTRE

Oh! Mas, nesse caso... Podêmos apresental-a em Variedades.

ALBERTINA

E eu saberei fazer isso?

SILVESTRE

Com certeza. E' só apresentar o que sabe... E até seria um enorme successo apparecer vestida a caracter.

ALBERTINA

Chale e lenço?

SILVESTRE

Meia branca e chinelinhas.

ALBERTINA

Sáia de grande róda e aqui (*no peito*) um cordão de muitas voltas?!... E' facilimo. Conheço uma rapariga que se veste assim.

SILVESTRE

Palavra de honra?

ALBERTINA

Palavrinha.

SILVESTRE

Oh! — E o senhor Valério dará licença?

ALBERTINA

Porque não?!

SILVESTRE

Sei lá... No vulgar estes sujeitos teem umas ideias tão exquisitas a respeito de theatro...

ALBERTINA

Com elle não há receio. Concorda sempre com os meus caprichos.

SILVESTRE
(madrigalesco)

Não é nada para admirar.

ALBERTINA

Acha?

SILVESTRE

Sem duvida alguma!

ALBERTINA

Tem graça. — Só agora é que reparou?

SILVESTRE

Não, minha senhora. Já foi há mais tempo.

ALBERTINA

E esteve tão caladinho!

SILVESTRE

Tinha receio de ser atrevido...

ALBERTINA

Ah, ah! E agora não teve?

SILVESTRE

Estabeleceu-se uma certa intimidade. V. Ex.ª tambem é theatrista.

ALBERTINA

E tambem não sou parva nenhuma. O senhor nunca disse nada, por causa da dona da casa.

SILVESTRE

Da dona da casa?! Mas a dona da casa não tem nada que vêr com a minha vida!

ALBERTINA

Olha, olha! E se eu lhe disser que já destorci tudo?

SILVESTRE

Leva-me ao desgôsto de lhe responder que se engana.

ALBERTINA
(tomando-lhe o braço e puxando-o a si)

O senhor seria capaz de me responder assim?! (*Cára a cára*).

SILVESTRE
(tentando desembaraçar-se)

Mas, minha senhora...

ALBERTINA

Tem mêdo?!

SILVESTRE

Nenhum. Agora assim... Não sei se me atreva.

ALBERTINA
(cingindo-o mais)

Mas atreva-se! Ande!

E no momento em que *Silvestre* se vae atrever.

DONA FELISBERTA
(á porta)

Que é isto?!

SILVESTRE
(esgueirando-se para o quintal)

Oh, co'a bréca!

DONA FELISBERTA
(dona de casa)

Minha senhora. O que eu acabo de presencear é indigno da minha casa! Se não lhe digo terminantemente que sáia, é por que não foi comsigo que fiz o contracto de

aluguer, foi com o seu... com o senhor Pompeu Valério. E eu, Felisberta Paraiso, prézo-me de saber respeitar os meus contractos.

ALBERTINA

Quere então dizer na sua que logo que elle chegue vae pôr tudo em pratos limpos.

DONA FELISBERTA

Nem mais.

ALBERTINA

A' vontadinha. — Albertina Osorio nunca teve mêdo de patrôas.

DONA FELISBERTA

Nem mêdo, nem respeito.

ALBERTINA

Ou qualquer outra coisa que muito bem entenda. — Agora, o que lhe pósso garantir, é que eu... tambem saberei fallar.

DONA FELISBERTA

Saberá fallar! Mas fallar de quê?! — Tem alguma coisa a dizer da minha casa?

ALBERTINA

Da sua casa, não me importa nada; mas de si... E' muito provavel.

DONA FELISBERTA

De mim?! Essa é bôa! D'onde é que vossemecê me conhece? Eu fui sempre isto que sou: — uma mulher de trabalho. Fui casada, sou viuva, meu marido era capitão de navios, e até á data ainda a ninguem, mas absolutamente a ninguem, dei motivos para bulir na minha reputação.

ALBERTINA

Nem eu na minha.

DONA FELISBERTA

Isso... Não sei.

ALBERTINA

Mas fica sabendo. (*Silvestre espreita*). — Que pensa a senhora que se passou entre mim e o seu... o senhor Silvestre? (*Silvestre desapparece*).

Dona Felisberta

Aquillo que meus olhos viram e foi bastante.

Albertina

Ora ahi é que está o engano. Eu não costumo levantar questões, muito menos por causa dos homens! *(Silvestre espreita)*. — Se nós nos encontravamos da maneira que nos encontrou, é que lhe estava agradecendo os seus conselhos desinteressados. — Talvez d'uma fórma expansiva de mais, não digo menos d'isso... (*Silvestre desapparece*). Mas elle é uma pessoa que percebe d'estas coisas de representar e eu, toda a paixão da minha vida, tem sido pelo theatro.

E entra, altiva e decidida, no quarto, onde se fecha.

Dona Felisberta
(*depois do ruido da chave*)

Isto é que são d'uma fôrça! (*A' porta do quintal*): — O' senhor Silvestre, faça favôr!

SILVESTRE
(*assomando*)

Agora entro eu. (*Alto*). — Diga, patrôa!

DONA FELISBERTA

Que estava o senhor aqui a fazer mais a hospeda nova?

SILVESTRE

Estávamos a combinar a recita de domingo.

DONA FELISBERTA

Mas a combinar o quê?

SILVESTRE

Ella não lhe disse que sabe cantar o fado?

DONA FELISBERTA

Não me disse, nem me admira. — E depois?

SILVESTRE

Estivémos a marcar o numero.

Dona Felisberta

Mas para marcar um numero com uma pessoa é preciso estar agarrado a essa pessoa?!

Silvestre

Creio que não. Pelo menos, eu não estava agarrado a ella.

Dona Felisberta

Hom'essa! Então o senhor tem a desfaçatez de negar o que eu vi com estes dois?!

Silvestre

E mantenho. Ella é que estava agarrada a mim.

Dona Felisberta

Vem a dar na mesma.

Silvestre

Isso é conforme. De mais a mais não era por mal que a dona Albertina se encontrava d'aquella maneira. Era para agradecer a minha ideia de apresental-a ao publico.—Talvez de uma fórma excessiva de

mais, não digo menos d'isso... Mas cada qual tem o seu feitio de agradecer.

Um momento.

DONA FELISBERTA
(desconfiada)

O senhor Silvestre faz-se tôlo, ou está caçoando comigo?

SILVESTRE

Eu, dona Felisberta!

DONA FELISBERTA

Chame-me patrôa, como é costume, e deixe as donas p'r'ás outras.

SILVESTRE

Eu deixava, deixava... Mas vejo-a tão escandalisada com a creatura!...

DONA FELISBERTA

Ah! Já lhe chama creatura!...

SILVESTRE

Quere que lhe chame outra vez dona? — Ora, com franqueza, lá por causa d'uma attitude sem importancia, armar um drama... — Isto nem lembra ao diabo!

DONA FELISBERTA

Nem lembra ao diabo?! Então eu venho apanhal-o agarrado á mulher, nóto o seu procedimento incorrecto, e o senhor, em vez de reconhecer a sua falta de respeito, de pedir desculpa, como era a sua obrigação, ainda tem o arrôjo de dizer que não lembra ao diabo! — O senhor não pássa d'um atrevido! — Um atrevido e um insolente! E' o que o senhor é, afinal de contas! — E fique sabendo: — Procure aposento, que não estou p'ra mais!

Momento de embaraço.

SILVESTRE
(apalpando terreno)

A patrôa está fallando a sério?

DONA FELISBERTA

Ainda duvída ?!

SILVESTRE

Naturalmente. (*Espanto na mulher, desconsôlo no homem*). — A senhora nunca será capaz de dar o tom de uma pessoa zangada...

DONA FELISBERTA
(*com desprezo*)

Comediante !

SILVESTRE
(*sublime*)

E' a minhà aspiração. Essa e uma outra que não me atrevo a declarar, muito embora me sinta arder em mil desejos de lh'a dizer.

DONA FELISBERTA
(*na mesma*)

Diga sempre, não se vá esturrar.

SILVESTRE
(*humilde*)

São duas corôas. Tenho apenas uma.

DONA FELISBERTA

O quê?! Mais um emprestimo!? Era o que faltava...

Mas, depois de observar de soslaio a figura cabisbaixa de *Silvestre*, procura o bolsilho da sáia, tira a carteira, separa as moedas, e estendendo-lh'as nas pontas dos dedos...

DONA FELISBERTA

Tóme lá as duas. Não fique á mingua.

SILVESTRE
(*num auge agradecido*)

Oh patrôa! — E agora...

DONA FELISBERTA

Que mais pretende?

SILVESTRE
(*de braços abertos*)

A reconciliação.

DONA FELISBERTA
(*fugindo-lhe*)

O senhor estará maluco?!

E no momento em que Silvestre alcança dona Felisberta.

POMPEU VALÉRIO
(*á porta*)

Muito bôa tarde.

DONA FELISBERTA E SILVESTRE
(*sahindo enfiados*)

Bôa tarde, meu caro senhor.

POMPEU VALÉRIO
(*depois d'elles sahirem*)

Esta agora!... (*Batendo á porta do quarto*): — O' Albertina, Albertina?

ALBERTINA
(*apparecendo*)

E então?

POMPEU VALÉRIO
(*dando-lhe a malinha*)

Estava na pastelaria.

ALBERTINA
(*verificando o conteúdo*)

E o dinheiro?

POMPEU VALÉRIO
(tirando do bolso interior do casaco)

Todo inteirinho.

ALBERTINA
(recebendo-o)

Déste-lhes alguma coisa?

POMPEU VALÉRIO

Vinte escudos.

ALBERTINA

Foi pouco.

POMPEU VALÉRIO

Elles nem queriam nada.

ALBERTINA

Ainda há gente séria.

POMPEU VALÉRIO

A proposito de gente séria... Sabes quem surprehendi numa grande intimidade com a dona da casa? — Aquelle de cara rapada!

ALBERTINA

E' p'r'avaliares o que são estas figuronas.

POMPEU VALÉRIO

E se tu o visses... A caminhar muito enfiado...

ALBERTINA

Pois olha, admira-me bastante! Esse menino, depois de tu sahires e d'aquella catatua lá de cima se ter ido embora, nem sei se te diga...

POMPEU VALÉRIO

Comtigo?! (*Menção de castigar o aggravo*). — Ora espera ahi!...

ALBERTINA
(*detendo-o*)

Deixa-te de scenas. Foi pôsto na ordem. O que tu vaes fazer é procurar a patrôa e pedir-lhe a conta. — Não queres acreditar. No hotel é onde se está melhor.

Pompeu Valério

Mas hoje é domingo. Não encontrâmos carroça para levar as malas.

Albertina

Mandam-se buscar amanhã. Isto tambem não será gente que vá mexer no que se deixa fechado á chave.

Sahiram. *Pompeu Valério* para cumprir o pedido e *dona Albertina* para o seu quarto.

As vozes de Balbina e Mauricio
(no quintal)

O' Silvestre?

Balbina e Mauricio
(entrando)

O' Silvestre?

(a todas as portas)

O' Silvestre?

A VOZ DE DONA FELISBERTA

Calem-se mafarricos! Foi á rua.

MAURICIO

Está bem, patrôa. Não sabiamos...

BALBINA
(*sentando-se*)

Uff! Estou cançada.

MAURICIO

Ainda tu não fazes movimentos. Agora eu... (*Simula bótes de espadachim*). Bóte p'r'á direita, bóte p'r'á esquerda!

BALBINA

Ena pae, tanto bóte em sêcco!

MAURICIO

E depois a quéda?

BALBINA

Isso tambem eu apanho.

MAURICIO

P'ra cima de nós. E' mais macio.

BALBINA

O Silvestre tem geito, não tem?

MAURICIO

Geito, geito, é como quem diz... Sabe o que tem visto fazer.

BALBINA

Invejoso!

MAURICIO

Inveja teria eu de quem fôsse o predilecto dos teus olhos avelludados.

BALBINA

Que na tragedia são de oiro.

MAURICIO

A cabelleira é que é.

BALBINA

Que raiva! Pôr cabelleira.

MAURICIO
(*afagando*)

Quando tens uns cabellos tão lindos!

BALBINA
(*corrigindo-o*)

Que atrevimento é esse?

MAURICIO
(*recitando*)

E que maneiras são essas?

BALBINA

As de quem não está para o aturar.

MAURICIO

Ah, sim?

E quando vae para abraçal-a.

POMPEU VALÉRIO
(*á porta*)

Muito bôa tarde.

MAURICIO
(ajoelhando rápido)

E agora, minha dôce Philomena, ouves do rouxinol a graça plena?

POMPEU VALÉRIO
(apontando para o quintal)

E' da peça?

MAURICIO

E' da outra. Scena final do acto unico.

E sahem nobremente pela porta do fundo.

POMPEU VALÉRIO
(depois d'elles sahirem)

O' Albertina, Albertina?

ALBERTINA
(apparecendo)

Trazes a conta?

POMPEU VALÉRIO

Sabes uma coisa? — Quando entrava por aquella porta...

ALBERTINA

Não digas mais. Anda d'ahi!

POMPEU VALÉRIO

Tambem viste?!

ALBERTINA

E' o costume da casa.

Desappareceram.

Dona Felisberta e *dona Adelaide* entram. *Dona Felisberta* traz uma rima de pratos e *dona Adelaide* uma porção de talheres. E emquanto procedem ás arrumações, a conversa vae seguindo a meia voz e cautellosa pela proximidade dos hospedes.

DONA FELISBERTA

E calcule a dona Adelaide, só com oito dias de casa! Se se demora mais...

DONA ADELAIDE

Contaminava tudo?

Dona Felisberta

Não tenha duvida. Primeiro os nossos. Sim, o Silvestre, com estas palermices do theatro, era facil. Em seguida, o Mauricio. Depois, espalhava-se pela vizinhança. E ás duas por tres, a vizinha está a vêr... O senhorio á espreita d'um pésinho por causa da renda, e eu... Gente immoral e os trastes na rua.

Dona Adelaide

Chegámos a um tempo em que todo o cuidado é pouco.

Dona Felisberta

Mas vá lá uma pessoa mostrar-se de nariz torcido quando nos batem á porta. E' melhor acabar com o negocio.

Pompeu Valério
(*entrando*)

Prompto, minha senhora. Tem demasia.

Dona Felisberta

Quanto?

POMPEU VALÉRIO
(verificando a conta)

Dois mil setecentos e cincoenta.

DONA FELISBERTA
(não encontrando na carteira)

Com sua licença. Vou buscar.

Um momento.

DONA ADELAIDE

Então V. Ex.as sempre se retiram?

POMPEU VALÉRIO

Que remedio... A minha senhora embirra com os carros.

DONA FELISBERTA
(entrando)

Tenha a bondade de conferir.

POMPEU VALÉRIO
(confére)

Está bem. Muito obrigado. — Ah! As malas ficam. Mando buscal-as amanhã.

DONA FELISBERTA

Logo que póssa. Não estorvam nada.

Pompeu Valério entrou para o quarto.

DONA ADELAIDE

Coitado.... E' bom sujeito.

DONA FELISBERTA

Ora adeus, vizinha. — Homens que andam á arreata das mulheres, cá p'ra mim nunca fôram homens.

SILVESTRE
(ouvindo de entrada a opinião da patrôa)

Nem p'ra mim.

DONA FELISBERTA

O senhor ainda agora chega dos cigarros?!

SILVESTRE

Ao tempo que fui aos cigarros! Venho da Academia. — Estive a dar os tópicos para o cartaz da...

E fica estupefacto ao vêr, surdirem e passarem, sem a minima cortezia ou palavra de despedida, *dona Albertina,* agasalhada e lésta, e *Pompeu Valério* vergado pelo pezo das maletas de mão.

DONA FELISBERTA
(para Silvestre)

Admira-se?! — O senhor é que foi o causador de tudo isto!

SILVESTRE

Eu, dona Felisberta!

DONA FELISBERTA

O senhor, sim! Com a tal confiança que lhe deu.

SILVESTRE

Confiança?! Eu?!... — A sujeitinha é que me provocou!...

DONA FELISBERTA

Que o provocou?! — Então o senhor não me disse que ella estava agradecendo essas porcarias do theatro?

SILVESTRE

Foi o que ella impingiu á senhora.

DONA FELISBERTA

O quê?! — Teve o atrevimento de nos espiar?

SILVESTRE

Naturalmente. — Suppônha que a creatura se atirava a si?

DONA FELISBERTA

Ainda tenho bons braços p'ra me defender.

Silvestre.

Mas sempre eram mais dois.

Dona Felisberta

Que não preciso p'ra nada! *(E num crescendo de desespêro, quase na imminencia das vias de facto):* — Se você não me tivesse illudido, dizendo-me o mesmo que ella me disse, fique certo que o paspálho do homem havia de saber a prenda que levava!

Dona Adelaide
(vêndo entrar Balbina e Mauricio)

Mas, ó vizinha Felisberta, socegue!

Dona Felisberta

Deixe-me senhora! Estou em minha casa. Hei de gritar quanto me appeteça!

Dona Adelaide

Anda, Balbina, vâmos para cima!

BALBINA

Crédo, mamã, espére um boccadinho.

MAURICIO
(aproveitando um silencio)

Mas, afinal... — Que significa esta zaragata?!

DONA ADELAIDE

Os hospedes novos que se fôram embora.

MAURICIO

Quem? O par de... *(Para Balbina)*: — Que pena!

DONA FELISBERTA

Não o diga por tróça. Uma gente com um preço tão bom!...

MAURICIO

Prégue com elles na minha conta.

DONA FELISBERTA

O senhor já foi augmentado.

MAURICIO

Olha a grande coisa! Eu sou filho unico. A paternidade é que pága. — E só pretendo que a dona Felisberta se póssa gabar de que perdeu dois hospedes; mas ao menos...

SILVESTRE

Ficámos todos em familia?

MAURICIO

Magister dixit!

Belisario e as tres Marias

Composto e impresso na typ.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Do mesmo auctor:

Theatro:

Uma tragedia... horripilante!
Um entremez... de cordel.
A comedia irreverente.
Uma gente irregular.
Helena em casa de Ulysses.
A farça do servo enganado.
Magister dixit.

Contos:

A vida simples.
O casal do caruncho.
A boa amiga.
Tres donas.

EDUARDO PEREZ

BELISARIO
E AS
TRES MARIAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
1924

Les petites marionnettes
font, font, font
trois petits tours
et puis s'en vont.

(Chanson de nourrice.)

FIGURAS

Maria Lena.
Maria Bella.
Maria Rosa.
A aia velha.
Belisario.

Seculo XVII.

SCENA

Recanto de parque.

Ao fundo, num balcão de murta tosquiada, quatro estreitas falhas de vegetação. Entre duas falhas um banco de pedra.

Junto do banco: — um cabaz de fructa, um açafate de pão e uma infusa de prata.

A' esquerda, em primeiro plano, um grosso tóro, em bruto, proporciona conchegado poiso. A' direita, moita de arbustos.

E' de manhã. Sol radiante.

COMEDIA

Quando o panno sóbe, *a aia velha,* unica figura em scena, toscaneja no banco de pedra.

E' uma aia pequenina, rugosa e alcachinada.

Disperta de sobresalto.

Clama afflicta:

—Maria Lena! Maria Bella! Maria Rosa!

E desarvóra, quasi rasteira.

Apenas ella desappareceu repontam, muito de manso, por detraz do balcão de murta, *tres carinhas* frescas e rosadas.

Dizem *as tres,* ao mesmo tempo:

—Estâmos aqui. Venha depréssa!

E logo se occultam, sem arruído.

A aia entra azafamada e tonta:

—Deus me válha! Senhora dos Afflictos! Onde se esconderam os demonicos?

As tres meninas, silenciosas, espreitam a sua passagem.

E no momento em que se dispõe a sahir do esconderijo ficam pasmadas a olhar *um moço*

que se lhes apresenta do lado da moita de arbustos.

O moço, de alforge ás costas e varapau ferrado, pára e cumprimenta. Pé atraz, gôrro na mão.

As tres meninas correspondem.

Tórna a cumprimental-as.

Tórnam a corresponder-lhe.

E depois...

MARIA LENA

Podêmos sahir d'aqui?

MARIA BELLA

Não nos irás fazer mal?

MARIA ROSA

Nem tão pouco denunciar?

O MOÇO

As perguntas que me fazeis, eu as devia fazer. Pois que sendo vós tres fadas, apparecidas de repente a quem vae no seu caminho, bem facil conseguireis enlear-me nos fios dos vossos cabellos!

As tres Marias

Mas nós não sômos fadas!...

O moço

Que sois então nesse donaire de tanta graça e formosura?

As tres Marias

As filhas do senhor do solar.

E emquanto saltam e se apresentam cada uma por sua vez...

Maria Lena

Maria Lena.

Maria Bella

Maria Bella.

Maria Rosa

Maria Rosa.

O moço

As tres Marias descidas do céo! Por isso brilhaes de tal maneira!

As tres Marias
(entre ellas)

Muito galante, este mocinho!

Maria Lena

E tu quem és?

Maria Bella

D'onde vieste?

Maria Rosa

E porque te encontras neste jardim?

O moço

Sou Belisario.

As tres Marias

Belisario?... *(Entre ellas):* — Não conhecêmos!...

Belisario

Belisario, pagem de musica, jogral, truão, bailarino. Perdi-me dos meus quando atravessávamos os montes que ficam p'r'além.

Chegou a noite. Procurei abrigo. Estava cançado. Dormi de mais. — O sol vae alto pelas ramarias!...

MARIA LENA

E para onde é a tua jornada?

MARIA BELLA

De alforge ás costas...

MARIA ROSA

E bastão em punho?

BELISARIO

Em demanda da minha gente. — Já são horas de comer.

AS TRES MARIAS

Temos ali a nossa merenda.

MARIA LENA
(*apresentando*)

Pão alvo sahido do fôrno ainda agora, de manhãsinha.

MARIA BELLA
(apresentando)

Fructa colhida no pomar, quando viémos para aqui.

MARÍA ROSA
(apresentando)

Agua da fonte que fui buscal-a nesta infusa de prata.

AS TRES MARIAS

Tudo comtigo repartiremos.

BELISARIO

Sois tres fadas, não há que vêr! Não sois como as outras pessoas que só costumam favorecer-nos depois das nossas habilidades.

MARIA LENA

Habilidades?!

MARIA BELLA

Quaes são ellas?

MARIA ROSA

Dil-as todas, uma por uma!

BELISARIO

Autos, momices, entremezes. Cabriolas. Arlequinadas.

AS TRES MARIAS

Autos!... Momices!... Entremezes!... *(Para o moço)*: — Isso que é?

BELISARIO

Não sabeis?!

MARIA LENA

Como podêmos saber?

MARIA BELLA

Nunca sahimos d'aqui...

MARIA ROSA

E apenas praticâmos com as pessoas de nossa casa.

MARIA LENA

A aia velha...

MARIA BELLA

Os creados velhos...

MARIA ROSA

A mestra da leitura...

MARIA LENA

A mestra da costura...

MARIA BELLA

E o senhor padre prior...

MARIA ROSA

Que nos ensina o catecismo.

MARIA LENA

Aqui vivêmos confinadas.

MARIA BELLA

Sempre assim...

MARIA ROSA

Aborrecidas.

Belisario

Num jardim de tanta frescura, num solar de tanta soberba! — Na verdade sois exigentes!

As tres Marias

Exigentes? *(Entre ellas)*: — O que será?

Belisario

E' querer mais do que se tem, quando se tem muito de mais.

Maria Rosa

Mas nós não temos nada!

Maria Lena

Além dos nossos brinquêdos.

Maria Bella

E dos livros por onde estudâmos.

Maria Rosa

Por signal bem maçadores.

BELISARIO

Tendes o encanto juvenil. Bello dóte e garantia para, quando na maioridade, figugurar como aquellas damas que nos balcões dos seus palacios applaudem nossas folias. — Sereis as arvores florídas de um mez de Maio perfumado, as donzellas por quem se batem os cavalleiros na moirama.

MARIA ROSA
(para as duas irmãs)

Manifesta senhoria na distincção das maneiras!...

BELISARIO

E' geito de representar.

MARIA ROSA

E representas muito pelos solares?

BELISARIO

Bústa lançarmos pregão.

AS TRES MARIAS

Gostávamos tanto de assistir!...

BELISARIO

Pedi a vosso pae e senhor. — E coisas lindas apreciareis. — Tragedias que fazem chorar, comedias que fazem rir, fallas de princezas e pastores... Carlos Magno... A Ignez de Castro... E tambem o Velho da horta.

MARIA LENA

E historias da caróchinha?

BELISARIO

D'isso não temos nenhuma.

MARIA BELLA

Pois é pena, que são bem lindas!

BELISARIO

As nossas não desmerecem.

MARIA ROSA

Representa qualquer, mesmo aqui!

BELISARIO

Como pósso represental-a?! Falta o resto da companhia...

As tres Marias

Podêmos nós acompanhar.

Belisario

Sem saberem os papeis?!

Maria Rosa

Que vem a ser os papeis?

Belisario

O que está escripto para dizer.

Maria Bella

Não nos queres ensinar?

Maria Lena

Nós aprendiamos depréssa.

Belisario

E' difficil, assim de cór. Não tenho ponto, nem contra-regra...

Maria Rosa

Que trazes então no alforge?

BELISARIO

Os fatos com que me apresento.

MARIA LENA

São bonitos?

MARIA BELLA

Ficam-te bem?

MARIA ROSA

Veste-os lá!

BELISARIO

Já estão algum tanto usados. Fazem vista a certa distancia.—Depois, para vesti-os, precisava de um sitio escondido.

MARIA LENA

Tens a moita.

MARIA BELLA

O balcão de murta.

MARIA ROSA

Ou, se preféres, a gente afasta-se.

BELISARIO

Não virá alguem, entrementes?

AS TRES MARIAS

Quem póde vir?

A VOZ DA AIA
(distante)

Maria Lena, Maria Bella, Maria Rosa?

BELISARIO

A vossa aia, por exemplo.

AS TRES MARIAS

E' verdade! — Estava esquecida!

Occultam-se *os quatro* no balcão de murta.

A AIA VELHA
(passando afadigada)

Deus me válha! Senhora dos Afflictos! Onde se metteram os demonicos?

AS TRES MARIAS
(espreitando)

Parece que já se foi...

BELISARIO
(*espreitando*)

Mas tornará, de certeza.

MARIA LENA

O jardim é grande.

MARIA BELLA

A ladeira ingreme.

MARIA ROSA

Ella assim a correr vae p'r'ahi cahir de fadiga.

BELISARIO

Saltemos então, ligeirinhos.

AS TRES MARIAS
(*impedindo*)

E o vosso fato?

BELISARIO

Sois tres fadas, não há que vêr! Ninguem consegue illudir-vos.

Saltam *as tres Marias.*

MARIA LENA

Que fato irá vestir?

MARIA BELLA

Vâmos vêr quem adivinha?

MARIA ROSA

Maria Lena, começa tu!

MARIA LENA
(*pausadamente*)

Virá vestido de pedinte, como os que passam pelos caminhos.

MARIA BELLA
(*na mesma*)

Virá vestido de cardeal, como o nosso tio Frei Gonçalo.

MARIA ROSA
(*terminante*)

Virá vestido de rei!

Cada uma das *tres meninas,* antes de se declarar, caminha para a esquerda, depois para a

direita, como quem anda meditando. E é no momento em que, vinda da direita, se encontra no ponto d'onde primitivamente sahiu, que pára e diz a sua pretenção.

BELISARIO
(*saltando*)

Aqui me tendes de cavalleiro!

Traz chapéo de aba levantada, negro manto, espadim ao lado, e deixa cahir o varapau e o alforge no terreiro.

AS TRES MARIAS
(*desconsoladas*)

Nenhuma de nós acertou...

BELISARIO

Que tal me fica?

AS TRES MARIAS
(*indifferentes*)

Menos mal.

BELISARIO

P'ra recitar uma lôa.

Maria Lena

D'aquellas que se cantam nos círios?

Maria Bella

Essas já nós conhecemos.

Maria Rosa

E com franqueza, não gostâmos.

Belisario

Não sei que mais apresente!... Falta a ingenua, a môça da intriga, o pae nobre, o creado tonto...

As tres Marias

Mas não faltâmos nós as tres.

Belisario

Vós as...?—Cabeça a minha!—Não me lembrava da phantasia:—*As tres donzellas e o cavalleiro!*

Maria Rosa

E que devemos nós dizer?

BELISARIO

O que vier á idea. — Tenho talento de improviso para todas as vossas deixas.

A VOZ DA AIA
(*distante*)

Maria Lena, Maria Bella, Maria Rosa?

BELISARIO

Que tal está a maçadora!

AS TRES MARIAS
(*porta-voz com as mãos*)

Estâmos aqui. Venha ligeira!

Occultam-se *os quatro* no balcão de murta. E *a aia* entra, extenuada e tonta.

A AIA VELHA

Deus me valha! Senhora dos Afflictos! Que noticias vou eu dar d'aquelles tres demonicos? Tres meninas como tres soes, tres anjos bentos, tres seraphins! *(Senta-se no banco de pedra).* — Todas as tres eu vi

nascer neste solar onde os meus dias não teem conto para ser contados. — Dobraram os sinos da torre quando a ultima foi dada á luz. Andava o Senhor por Castella. Dia e noite, sem descançar, cavalgou por montes e valles o correio da infeliz nova! E' apenas a elle lh'a disseram, despediu numa carreira de tão grande violencia que foi milagre do Altissimo não se despedaçar a mala-posta nalguma quebra da estrada! Sua saudade é constante, sua tristeza fiel. — E estes tres anjos bemditos, tres lunares, tres mafarricos!... *(Apercebe o alforge e o varapau).* — Senhor Deus aquillo que é?! *(Acerca-se).* — Alguem passou por aqui? Alguem as meninas levou? *(Leva as mãos á cabeça).* — Desgraçada de mim coitada que tenho os meus dias contados!

E dando pernadas de tonta vae cahir, de braços abertos, para detraz da moita de arbustos.

As tres Marias
(espreitando)

Podêmos saltar? Não podêmos?

BELISARIO
(escutando)

Não oiço ninguem caminhar...

Saltam *os quatro.*

BELISARIO

Lembrae-vos do que vos ensinei?

MARIA LENA

Lembro-me de tudo.

MARIA BELLA

Eu tambem.

BELISARIO

Cançado de batalhar pela dona dos olhos meus tórno á terra onde nasci. E quando chego perto do castello...

MARIA ROSA

... Encontras tres donzellas sentadas.

Sentam-se *as tres* no banco rustico.

BELISARIO

Exactamente como estaes.

Melancolico, olhos no chão, entro a dizer d'esta maneira: — E' este o trilho que me conduz ao castéllo dos meus maiores. Tempos em que eu era menino e este trilho trilhava mais veloz do que uma côrça perseguida pela matilha... Era menino, sorria-me a vida. O sol andava comigo!

Pela dona que de uma vez da sua varanda me fallou fui correr terras distantes. *Por ella*, minha bravura! *Por ella*, minha clemencia! E agora, apenas cheguei, assim me informaram indifferentes: — Parece que foi levada por alguem que lhe cantava cantares de menestrel!

Pois aqui, á minha fé, este juramento vou gravar: — Mil annos me sejam dados para viver neste mundo, não mais prestarei vassallágem a qualquer dona, embora dotada de tão peregrina belleza, que o proprio sol desvaneça!

MARIA ROSA

Muito bem, mesmo bem!

MARIA BELLA

Mana, guardae silencio!

MARIA LENA

Que lhe podeis causar engano.

BELISARIO

Não é facil, antes me anímo para melhor representar.

— Meu bordão vem ajudar-me. *(Péga no varapau).* Meu alforge faze-te leve. *(Péga no alforge).* — O caminho é de mau piso e meu alento desfallece de tanta angustia soffrida! *(Encontra as tres Marias).* — Mas, oh céos, será um sonho?! — Tres donzellas vejo sentadas e lindas como os amôres! Serão as tres meninas chorando a triste nau Catarineta? Serão tres Deusas, tres pastoras?

— Dizei agora, Maria Lena...

MARIA LENA
(levanta-se)

Cavalleiro de além-mar! Sou a donzella que te esperava a todas as horas do dia.

Sou a mãe carinhosa, a boa dona de casa, aquella que saberá manter o prestigio da nossa raça!

BELISARIO

Voltaes para o banco e ficareis...

MARIA LENA
(senta-se)

Assim a olhar, enlevada.

BELISARIO

Agora vós, Maria Bella!

MARIA BELLA
(levanta-se)

Cavalleiro de além-mar! Sou aquella que te esperava inquieta e curiosa. E muito embora seja inconstante, alguma verdade encontrarás nos meus protestos de arrependimento.

BELISARIO
(indicando o banco)

E ficareis a olhar...

MARIA BELLA
(senta-se)

Assim. Um pouco distrahida.

MARIA ROSA
(levanta-se)

Cavalleiro de além-mar, de bello garbo e galanteio! Sou aquella que não te esperava, nem mesmo comtigo se impórta! No emtanto um dia affirmarás: — E' minha! Ganhei a partida! — Mas no momento de te voltares para me abraçar, já os meus passos ligeiros me levaram longe de ti!

BELISARIO

E eu vos irei perseguindo pelo mundo fóra, loucamente!

Correm *os dois* sem se alcançarem.

Sentadas no banco, *as duas Marias* folgam de interesse pelo resultado.

Numa vólta por detraz do arvoredo, *Belisario* tropeça na *aia*.

A AIA
(grita)

Deus do céo! Isto que é? *(Entra no terreiro)*.—Meninas que estaes fazendo?

AS TRES MARIAS
(acódem)

Andávamos aqui jogando o jogo das escondidas...

E emquanto bailam de róda da *aia*, diz

O MOÇO
(fugitivo)

Senhoras e senhores, desculpae os erros da phantasia!